

L. 21A
Maria Amalia Paz de Carvalho

H. 8-
1940 P.

Figuras de hoje

e de hontem

EÇA DE QUEIROZ, THOMAZ RIBEIRO,
ANTONIO DE SERPA,
D. ANTONIO DE LENCASTRE,
ANTONIO ENNES, O CONDE DE DAUPIAS,
EDUARDO PRADO, TOLSTOI.
SIENKIEWICZ, LORD ROSEBERY,
BALSAC, ROSTAND, GABRIELE D'ANNUNZIO,
GEORGES SAND, CARLOTA BRONTË,
HALL CAINE, MATHILDE SERAO,
RUDYARD KIPLING, OLIVEIRA LIMA, ETC.

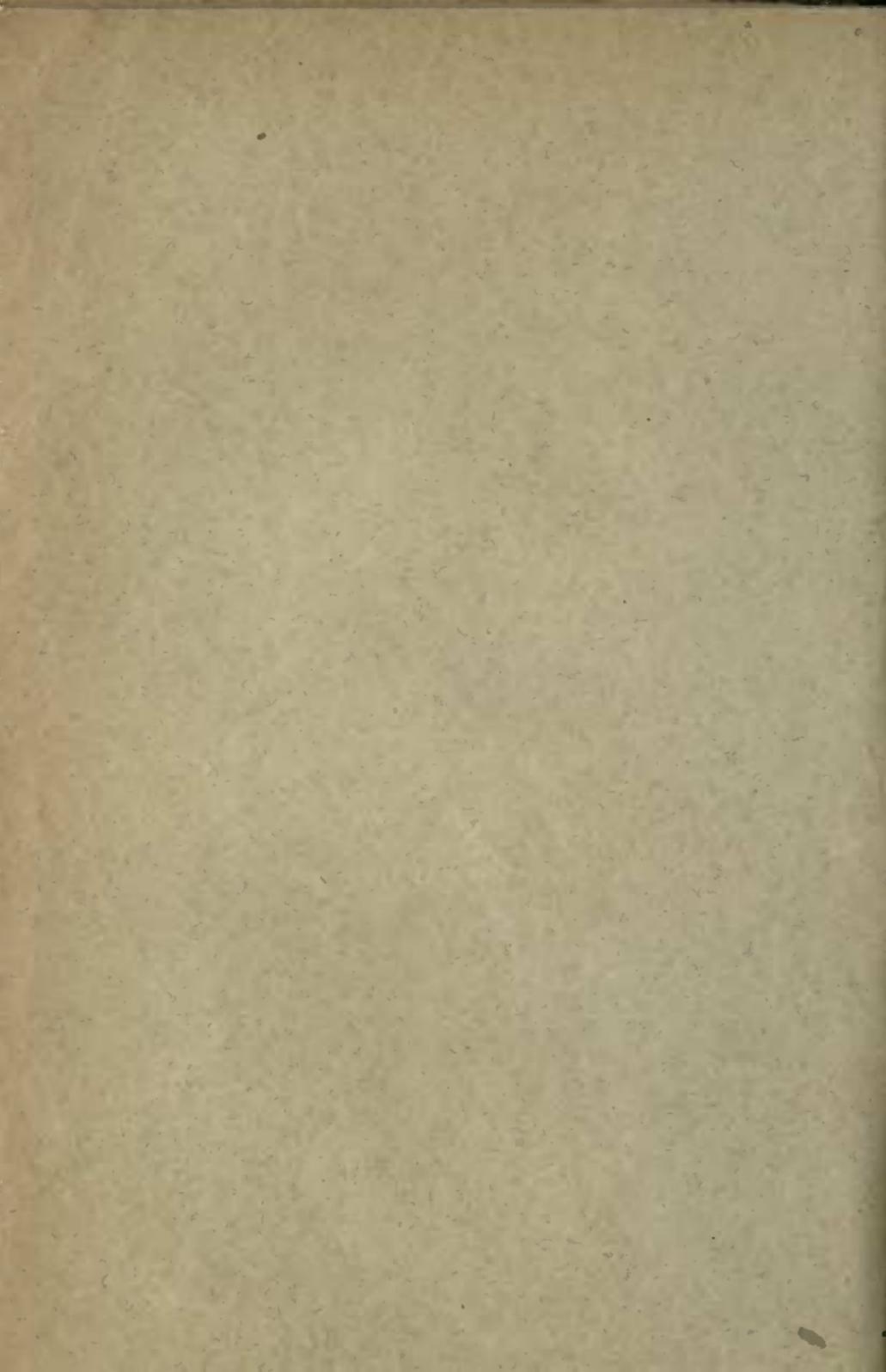
LISBOA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

(LIVRARIA EDITORA)

Rua Augusta—50, 52, 54

1902





FIGURAS DE HOJE E DE HONTEM

Figuras de la vida

A la historia

1110

1810

1810

1810

1810

1810

1810

LIBRO

1810

1810

1810

1810

Maria Amalia Vaz de Carvalho

Figuras de hoje

e de hontem

EÇA DE QUEIROZ, THOMAZ RIBEIRO,
ANTONIO DE SERPA,
D. ANTONIO DE LENCASTRE,
ANTONIO ENNES, O CONDE DE DAUPIAS,
EDUARDO PRADO, TOLSTOI,
SIENKIEWICZ, LORD ROSEBERY,
BALFAC, ROSTAND, GABRIELE D'ANNUNZIO,
GEORGES SAND, CARLOTA BRONTË,
HALL CAINE, MATHILDE SERAO,
RUDYARD KIPLING, OLIVEIRA LIMA, ETC.



R. 28908

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

(LIVRARIA EDITORA)

Rua Augusta—50, 52, 54

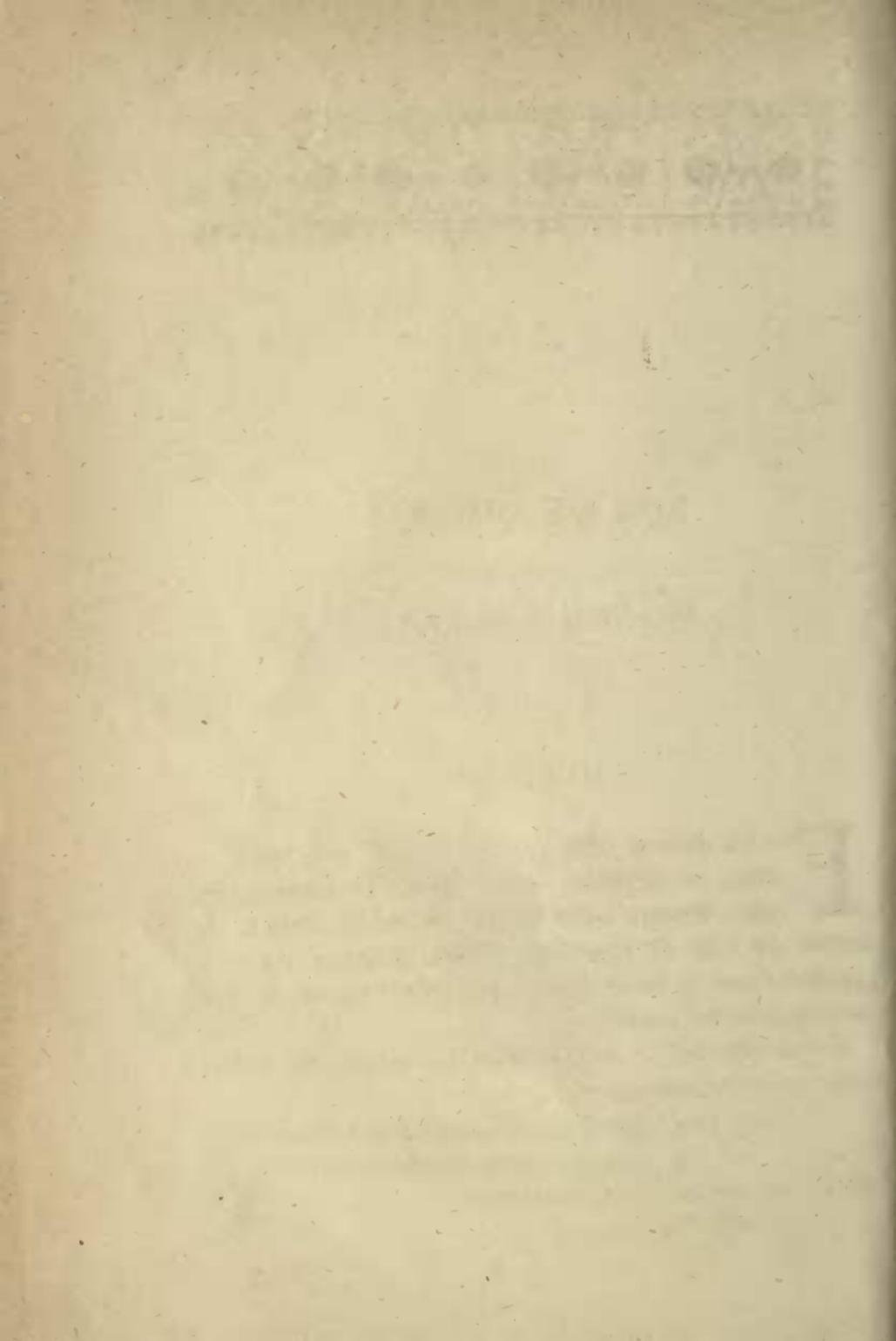
1902

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua dos Correios, 70 e 72

Bethesda
22 Feb-
1925

PRIMEIRA PARTE





EÇA DE QUEIROZ

O HOMEM E O ARTISTA

I

O HOMEM

Foi ha poucos dias que eu recebi aqui em Cascaes, na pequena casa á beira do Oceano, em que escrevo estas linhas, a subita noticia da morte de Eça de Queiroz. Tinha chegado um telegramma com a nova fatal e por acaso fui eu das primeiras pessoas a sabel-a.

Como exprimir a pena profunda, a magoa sem nome, que a minha alma sentiu!

Por uma coincidencia triste, parece que esta minha pequena casa de Cascaes está ligada á memoria da morte de muitos dos meus amigos.

Aqui me veio achar a noticia de que Oliveira Martins, um dos mais queridos, um dos melhores que eu tive, expirára ao cabo da lucta ingente que aquelle temperamento energico teve com a destruição final.

Aqui soube da morte subita de Carlos Valbom, um dos espiritos mais finos, mais elegantes, mais aladamente graciosos, que me foi dado conhecer de perto.

Sousa Martins, o amigo estremecido que velára comigo ao pé da cabeceira do leito em que minha mãe agonisava, e do leito em que meu marido morrêra; aquelle que foi para Gonçalves Crespo terno e caricioso como o melhor dos irmãos, o que me acompanhou depois como o mais dedicado amigo; aquelle que era o talento, a bondade e a graça irresistivel, fundidos n'um só homem, morreu justamente no mez em que escrevo, e foi tambem aqui, que eu soube da sua morte, depois de ter recebido, oito dias antes d'ella, uma carta que era um adeus inolvidavel!

Atraz d'este, foi Barros Gomes, o homem publico, illustre e venerando que a politica portugueza nunca poude contaminar; o patriota eximio que amava o seu paiz acima de tudo e que por servil-o, além das proprias forças, tão cedo succumbiu!

Agora finalmente é Eça de Queiroz, o artista extraordinario, o grande romancista peninsular, cuja gloria seria europeia, se a lingua portugueza fosse conhecida em toda a Europa, e que assim mesmo, vencendo os obstaculos que o nosso *meio* oppõe a tudo que é bello e grande, conseguiu ser adorado pela *élite* intellectual dos dois paizes irmãos — Portugal e Brazil!

Como estas modestas paredes do ninho maritimo, em que todos os verões me abrigo, me tem visto chorar pelos meus grandes amigos mortos!

* * *

Não devia surprehender a ninguem, que de perto o conhecesse, a morte de Eça de Queiroz. Há quantos annos, nós o viamos ir morrendo aos bocados, a ponto de parecer já quasi um cadaver aquelle corpo anguloso e extranho, todo em gestos rapidos e convulsivos, aquelle corpo em que se abrigava um dos mais geniaes espiritos que a raça portugueza ainda produziu.

Em cada nova visita que elle fazia a Lisboa — a esta Lisboa que conhecia tão a fundo, de que soube dar com tão raro poder de suggestão os aspectos mais caracteristicos, e que elle amava até nas suas *verrugas* grotescas, até nos seus arremedos de civilisações superiores, até na sua impostura e nos seus *aves* — em cada nova visita, nós, os que lhe queriamos muito, o viamos mais transparente na magreza do seu corpo esqueletico; mais pallido, da terrea pallidez morbida que denuncia graves lesões internas; viamos mais saliente aquelle nariz de palpitantes narinas expressivas; mais fundos na sua arcada sombria, aquelles olhos de *myope*, de uma penetração tão extraordinaria, de uma visão psychologica tão aguda e fina; mais cançada e fraca aquella voz d'elle, sympathica, bem articulada e em que as *nuances* da ironia, da graça, da doçura melan-

cholica, do desdém ou da meiguice affectuosa, se distinguíam com uma nitidez tão perfeita.

Pouco ou nada falava da sua saúde perdida, e infelizmente pouco cuidado tinha n'ella.

Aquelle organismo delicado e subtil gastára-se aos poucos, no trabalho intensivo do cerebro, na scintillante e prodiga conversação em que dispendia thesouros de talento e *verve*, na usura imposta por estranhos e contrarios climas ao seu temperamento de peninsular, amigo do sol e do calor . . .

Corroia-o um mal visível a que só elle não prestava attenção.

E, no entanto, passado o primeiro instante em que ao vel-o, a gente se quedava assustada e triste, era tal o encanto d'aquella palavra colorida, imprevista, caustica sem maldade, pittoresca e varia, que os ouvintes, fascinados, não podiam mais lembrar-se de que era um doente que os estava deslumbrando assim. Esqueciam tudo no deleite incomparavel de o admirar.

Não imaginem os que nunca tiveram o raro prazer de ouvi-lo, que Eça de Queiroz fosse um d'estes *conversadores de officio*, implacaveis e tremendos que entram, sentam-se, começam a falar, a ouvir-se, a saborear-se, sem deixarem mais ninguem dizer palavra. Não. Eça *ouvia* com maravilhosa e insinuante graça; d'elle, a conversa nunca foi um monologo. Era na replica principalmente que o seu espirito incisivo e agil seduzia e encantava.

Não havia apparencia mais modesta; não havia ninguem que menos gostasse de impôr-se. N'uma sala a

gente via logo que estava alli um entendimento de primeira grandeza, um espirito rapido e brilhante, um *humorista* penetrante e fino, uma d'estas *verves* que não se encontram senão muito raramente em talentos portuguezes, mas o que não via, se primeiro o não soubesse, é que estava alli um *homem de letras*.

Era este um dos mais poderosos encantos que elle soube exercer sobre os seus contemporaneos; com que elle soube *infiltrar-se*, por assim dizer, na *sympathia* de todos nós.

O seu singular aspecto physico, os seus gestos *em gancho*, o *tic* convulsivo com que achava e perdia continuamente o caracteristico monoculo, a careta expressiva com que o fixava, a distensão muscular immediata com que o deixava cahir de novo, a ironia, tão sua, do dizer, a maneira de andar, de falar, de responder, a chispante originalidade da sua expressão familiar; — quem melhor do que elle proprio os retratou na figura do *João da Ega dos Maias*, que é a sua *photographia* exterior, e que é muito do que elle foi, no periodo bohemio e livre da sua alegre mocidade?

No entanto, a evolução que a idade fez n'elle, põe-no a grande distancia d'esse typo. A seducção directa que da sua pessoa emanava agora, provinha de mais complexas origens e era uma coisa verdadeiramente irresistivel. Ficava sério, interrogativo, quasi espantado ao perceber o effeito da sua graça involuntaria, d'aquella graça que jorrava naturalmente, como um inexaurivel manancial da sua palavra facil e errante, e que era assim dominadora porque os ingre-

dientes inviziveis que a compunham se chamavam philosophia, imaginação, analyse profunda da Vida, phantasia aerea, impalpavel poesia!

*

* * *

Lembro-me, e já o contei aqui mesmo, que ao chegar, ha-de haver quasi sete annos, a Paris, desorientada, esquiva e nostalgica, eu encontrei em Neuilly, na casa do grande artista, hojê morto, n'essa casa povoada por tudo que pôde tornar deliciosa e interessante a existencia humana, — um recanto espiritualizado da patria, um ninho de arte, de encanto, de virtude e de amor, que hoje ao sabê-lo desfeito, pelo implacavel destino, me faz chorar de saudade. Não se imagina, ninguem sabe, sem o ter presenciado, o que era a vida de familia de Eça de Queiroz.

Quatro filhos — alguns bem pequeninos — o rodeavam. E que pae terno, carinhoso, quasi pueril nos afagos e nos mimos, elle não era para os seus preciosos anjinhos! Maria, a mais velha, era talvez a que elle afagava mais, por ser menina. E ella pagava em ternura já grave, já pensativa e tão feminina por isso mesmo, a adoração do pae. Os outros eram lindos, turbulentos e fortes. O comico olhar assustado com que elle lhes presenciava as travessuras, era uma cousa impagavel. Sobre o pae e os filhos pairava sollicito, carinhoso, sempre vigilante e sempre attento, um olhar de

madonna, terno e penetrante, um olhar que era por si só, o poema mais completo da felicidade de um lar.

Como era intima e doce a luz do candieiro, atravez do *abat-jour* côr de rosa ! Como estavam bem dispos-tas as flôres pelas mezas onde sorriam retratos de ami-gos ausentes, amigos que eram ainda um pouco de Portugal ! Como ali a minha alma se expandio, esque-cendo nas horas que passavam rapidas como um sonho, até a saudade cruciante dos filhos que estavam longe !

Nunca mais ! Nunca mais ! A morte passou e com ella passou tudo !

Eça de Queiroz não póde ser julgado sómente pelos livros que deixou. Esses são a revelação esplendida de um talento de escriptor da especie mais alevantada e mais rara. As qualidades, porem, d'aquella alma que a vida foi modelando, foi esculpindo com divina mes-tria, essas, só podem ser avaliadas, contemplando não sómente o escriptor, mas tambem o homem.

Uma dupla luz tem de convergir sobre o vulto do grande artista, para que elle possa ser visto na inte-gral belleza do seu genio e do seu coração

Eça de Queiroz, tal qual a doença que o minava, desde longos annos o tinha posto, é uma perda insu-bstituivel para os seus amigos, mas d'elle não póde dizer-se, que morrendo, deixa a sua obra incompleta.

Ha bastante tempo já que o seu trabalho era mais uma tortura mental, do que a creação, feita em plena saude e pleno gozo, da obra de Arte, que traz, em si, o sello da força fecunda e mascula do creador que lhe deu vida.

Elle vivia já *da morte*, na phrase expressiva de que usa, algures, um grande escriptor.

Mas que magua é para todos nós, pensar, que essa organização extraordinaria para a miraculosa e completa formação da qual, tinham concorrido as influencias mais complexas, as forças mais poderosas, os elementos mais preciosos e mais raramente harmonisados, se dissolveu assim de um instante para o outro, no pó da sepultura!... Quando se encontrarão de novo, n'um momento do tempo e n'um ponto do espaço as mysteriosas energias que produziram uma individualidade tão singular!...

A obra do artista, é verdadeira que nos fica, mas essa obra superior, genial como é, não nos consola de havermos, para sempre, perdido, aquelle que valia ainda mais do que ella!

II

O ARTISTA

Não cabe nem na indole de um ephemero artigo, nem caberia, em todo o caso, nas minhas limitadas forças, o dizer bem, o que foi, em Eça de Queiroz, o Artista. Seria necessaria a superioridade mental mais incontestavel, exercendo-se depois de relêr toda a sua obra vastissima, que vae desde as *Farpas* e o *Mysterio da Estrada de Cintra*, feitos em collaboração com Ramalho Ortigão, até ao seu ultimo romance, ainda não publicado em livro, a *Illustre Casa de Ramires*.

Alem de que, grande parte d'esta obra soberba, está dispersa em jornaes e em Revistas nossas e brazileiras.

Portanto o que pretendo aqui é bem menos do que isso. E' dar um esboço rapido, superficial, do que foi essa obra e dizer a impressão que ella fez no seu meio.

A publicação das *Farpas* foi um acontecimento, não sei se em Portugal inteiro em Lisboa, com toda a certeza

Bom senso, graça, ironia, observação, brilho de forma, eis de que era feita essa esplendida mistura, que o publico saudou, sob o nome de *Farpas*. Esperava-se com ancia a apparição do pequeno folheto mensal. Ria-se, a bom rir, ao ler-lhe as paginas encantadoras, para cima das quaes, Eça de Queiroz atirava com as lentejoilas multicôres do seu endiabrado espirito, com a convulsa ironia do seu riso impressivo, e em que Ramalho Ortigão punha a nota da observação aguda, da intenção moral, da razão clara e fecunda.

As *Farpas* são uma pintura flagrante da sociedade portugueza de ha trinta annos, e são, ao mesmo tempo, um caustico violentamente applicado a muitas das suas chagas.

Tiveram esses livrinhos, ás vezes crueis, sempre scintillantes e de um *entrain* imprevisito, um salutar effeito nos costumes sociaes e domesticos da nossa gente. Com elles entrou em muita casa a abundancia de ar e de agua e de luz, que até ali era considerada superflua. As *Farpas* collaboraram com Raspail e Pasteur na obra de desinfeccão applicada aos *ménages* portuguezes. A influencia moral foi tambem enorme, e deve at-

tribuir-se inteiramente o seu beneficio a essés dois talentos de primeira ordem, bastante discordantes entre si, mas cujas dissonancias se casavam na orquestração admiravel de um estylo inedito, vivo, desarticulado, agil, saltante, de uma familiariedade, de uma particularisação precisa de detalhes, de uma violencia de contrastes, de uma suggestão *humuristica*, verdadeiramente novas entre nós! Os puristas, já se vê, desesperavam-se ao verem violadas, com tamanha e tão alegre e triumphante audaçia, as regras sacramentaes estabelecidas, crystallisadas, em alfarrabios que ninguem lia, por benedictinos, de que ninguem sabia o nome.

Isso não é portuguez! — exclamavam raivosos. Portuguez para elles era uma cousa arrebicadã, preciosa, contorcida, quando não era empertigada, hirta, inteiriça e roçagante em que se não podia tocar, mas de que todos os leitores acabariam por fugir, de que teriam fugido já, se não fosse o poderoso buril de Camillo e a penna attica de Latino Coelho.

Depois das *Farpas* e do *Mysterio* que tanto intrigou a gente moça da minha geração, o nome de Eça de Queiroz estava feito. Tudo que elle escrevesse agora, seria avidamente acolhido.

Appareceu, pouco tempo depois, o livro, para mim, fundamental, o livro enorme de Eça: *O crime do Padre Amaro*.

A lenta preparação d'aquelle espirito tão observador dos aspectos externos, como era analysta da intima essencia das cousas; tão capaz de crear a vida; tão apto para entender, atravez dos gestos visiveis, a substan-

cia interior que os determina — tem ali o seu pleno desabrochamento.

O *Padre Amaro* é, de todos os livros de Eça de Queiroz o mais genuinamente portuguez.

Ainda não tinha viajado quando o pensou e escreveu. A civilização extranha não o tinha *invadido* ainda, a ponto de o modificar profundamente, como depois fez.

As figuras do romance e o scenario em que elle se move, estão em plena concordancia mutua; o que elles dizem é extrahido da intimidade mais profunda do seu sêr; o que elles pensam e praticam filia-se logicamente nas circumstancias, nos temperamentos, na educação recebida, nas influencias do inconsciente atavismo, nas noções moraes e intellectuaes que os formaram. O *Padre Amaro* é um padre portuguez d'aquelle tempo, as figuras que cercam esta figura central, cuja característica principal é não ter character seu, tem um cunho de realidade, ou grotesca ou mediocre, empolgante.

Esse livro, a quem o ler bem, não faz rir, faz pensar e chorar. Ha paginas ali, de tal profundeza psychologica, de tão extraordinario poder de emoção, como só um grande artista consegue arrancá-las das entranhas do seu assumpto.

Quem escreveu aquillo, conhecia bem a alma humana, até nos seus escaninhos mais reconditos e mais cheios de trevas. E conhecia tambem o estygma particular, o sêllo indelevel, que certas profissões, abraçadas como *modo de vida*, podem imprimir no individuo que desformisam e pervertem.

E' uma obra prima esse bello livro de observação crúa, e de imaginação sympathica e impessoal.

Desde a publicação d'ella, Eça de Queiroz escreveu o *Mandarim* e a *Reliquia*, o *Primo Basilio* e os *Maias*, as *Cartas de Fradique Mendes* e a *Illustre Casa de Ramires*; o seu estylo fez-se inteiramente n'este longo e tenaz exercicio, adquirindo côr, fluidez, transparencia, plasticidade, graça subtil, que não tinha primeiro; a cultura do seu espirito desenvolveu-se assimilando robustamente todos os elementos com que para elle podiam contribuir as longas viagens, a leitura enorme e selecta, a convivencia intima com a civilisação europeia mais requintada; mas, apesar de todó esse indiscutivel progresso, que avulta no conjuncto da obra e na personalidade do artista, nunca, como n'aquelle primeiro livro, o bisturi do anatomista penetrou tão fundo na carne humana, nunca o olhar reflexivo do philosopho foi tanto ao amago do seu *sujet* e teve tamanho poder de o desfibrar, de o decompôr, de recompôr-lhe novamente todos os elementos de que era feito, de assistir por assim dizer ao subterraneo trabalho das forças que levam o homem á paixão e ao crime, fazendo-as movêr ao seu aceno de magico, e extrahindo d'esse tenebroso estudo os mais extraordinarios effeitos de arte.

E' que n'esse livro encontraram, por felicidade, o meio adequado para exercer-se unidas, as duas faculdades poderosas do grande escriptor que foi Eça. Realidade na pintura do mundo objectivo, poder de vizonario na penetração do mundo interior.

No *Crime do Padre Amaro* havia ao mesmo tempo uma questão de alto e palpitante interesse social, a tocar com aquelles dêdos ageis e delicados de artista, que elle teve, e a necessidade de fazer viver a these escolhida, de a transformar n'um drama em acção, de individualisar e *localisar* os seus personagens, de dar os toques de verdade flagrante ao scenario, e de arrancar do triste e doloroso assumpto todas as lagrimas, toda a ironia, todo o symbolismo que elle continha em si. De modo que o livro tem duas faces: a grotesca e a tragica. Uns riem dos seus typos comicos, outros sentem ao lê-lo, uma tristeza de morrer!

*

* - *

Houve em Eça de Queiroz uma dualidade de influencias mentaes, que contrariou um pouco o vôo livre e independente do seu genio.

No fundo, elle era um um vizonario, um fantasista, (apaixonado de Hugo até ao *fetichismo* como intrepidamente confessava) capaz de traduzir os seus sonhos na prosa mais fulgurante, facetada e bella.

Quando está á vontade, reparem de que ampla envergadura são as azas com que lança no espaço o seu vôo potente!

Leiam a *Paixão de Christo na Reliquia* e leiam o *Mandarim*, e o *Suave Milagre*; leiam algumas das cartas deliciosas de Fradique e tantos contos de opulen-

cia oriental, das mais bellas cousas que elle escreveu, espalhadas por esse mundo em Revistas e jornaes !

Quando ultimamente elle escrevia ou pensava em escrever a *Lenda de S. Frei Gil*, o que era esta aspiração mystica da sua alma, este aneio de immergir em pleno mundo sobre-natural, senão a reacção contra o estreito *realismo* em que o tinham enclausurado as formulas tyrannicas da sua escola litteraria ? Como Flaubert, Queiroz teve um temperamento de imaginativo, obrigado, pelas influencias do meio ambiente, a seguir a orientação e os processos de uma determinada concepção de arte, limitada e infecunda.

Mas esse realismo improvisado não era mais que a reaeção contra uma fórmula de arte, que se exgotara e pervertêra ; não era uma força espontanea que arrasasse os mais resistentes, creando em mol les desconhecidos uma litteratura e uma arte novas.

A Renascença, por exemplo, foi tambem uma reacção. Mas contra quê ? Contra a oppressão de quinze seculos de anti-natural disciplina. Foi o homem inteiro, com a sua alma e o seu corpo, com a energia integra de todo o seu sêr, que afinal reagiu contra as gehennas lobregas onde o fanatismo e a ignorancia o tinham mettido, dobrado ao meio, sem ar, sem luz, sem alegria, sem esperança alguma que o ligasse á vida da terra.

Por isso a Renascença foi um movimento universal, uma transformação completa do sêr humano e teve em si propria a vitalidade de uma affirmacção fecunda e prodigiosa.

O realismo foi uma ephemera reacção litteraria.

O homem continuou a ser, depois de lêr Zola e de vêr Courbet, o mesmo que era, quando lia Lamartine e admirava Delacroix.

Como não se deu no seu ser intimo essa transfiguração radical, que se dera no seculo xv, elle não se achou apto, de um dia para outro, só porque isso approvou a dois ou tres litteratos, para considerar o Universo, a Vida, o turbilhão impetuoso dos sêres no espaço infinito, e no infinito mysterio, sob esse aspecto positivo e restricto, que os mêtres do novo credo impunham a tudo que viam e a tudo que faziam ver!

Os que tentaram essa mutilação de si proprios, morreram d'ella como o tragico e epiletico Flaubert que se nos revelou nas cartas a *Georges Sand*.

Eça de Queiroz não a tentou completamente, porque não podia. Era isso em absoluto contrario ao seu temperamento, e as suas descripções da vida real quotidiana, mesquinha ou ridicula, são continuamente interrompidas por luminosos rasgões para o espaço azul e oiro, que nos deixam deslumbrados e anciosos por que outra vez, a penna nervosa do escriptor, dilacerando a téla sombria e pobre que dá por fundo aos seus personagens, nos descubra, para além d'ella, a região de mysteriosa e subtil poesia, de que elle sabe a secreta existencia, para a qual conhece o caminho inexplorado...

N'este ponto vê-se como que em *raccourci* toda a sua obra (feita de contrastes violentos entre ideias, en-

tre individuos, entre *meios* diversos) no processo duplo por que é feita a *Rèliquia*.

O escriptor *realista* por obrigação, toma para si *Raposão*, a tia beata, o sequito réles de creaturas grotescas que rodeiam estes; o poeta imaginoso deixa voar a sua alma, sedenta de belleza, pelas paysagens d'ouro da Palestina, por onde o Homem Divino passa, semeando o Bem, a Fraternidade, a Paz, e o Amor!

Quando elle quer, que magia extranha a do seu estylo! e como é lamentavel, que figuras mais dignas d'elle, lhe não attrahissem sempre a penetrante curiosidade!

Porque Eça de Queiroz é dos privilegiados e superiores artistas que, segundo a bella expressão de Taine, sabem sahir de si mesmos e transformar-se em todos os objectos que imaginam.

Essa phantasia creadora e sympathica teve-a elle, como ninguem. O seu temperamento artistico era da mais fina e requintada especie. A cada ideia que lhe passava na mente, havia n'elle o simultaneo movimento da sensibilidade, do raciocinio, da emoção, da imagem; e essa ideia tomava immediatamente forma, vida activa, individualisação exterior, *Mysterio*,—que a physiologia cerebral não virá nunca a decifrar! *Mysterio* da vida, que a implacavel morte immobilisou, annullou para sempre!

«Homens d'estes, para citar ainda o grande mestre, são até na conversação, imaginativos e creadores, com familiaridades e temeridades de linguagem, ás vezes; sempre irregulares, consoante os caprichos e os

accessos da improvisação aventureira. A vivacidade e o brilho da sua palavra são extranhos e tambem os seus sobressaltos, os estremeções pelos quaes elles ligam ideias entre si, affastadas, passando do pathetico ao riso, da violencia á doçura. «

Estas palavras parece ajustarem-se admiravelmenté ao nosso grande escriptor morto!

Tudo foi contra elle: a educação que recebeu em Coimbra e de que elle proprio fazia a satyra pungente, em conversa e nos seus livros; o meio litterario adverso ao seu temperamento em que teve de desenvolver-se; a necessidade que o condemnou a viver longe, sempre longe da patria de que foi uma gloria, de que transformou a lingua na mais deliciosa musica, quebrando-lhe os periodos pomposos, desarticulando-lhe os membros pesados, aligeirando-lhe a ostentosa marcha, fazendo-a leve, espumante, transparente, luminosa, viva, cantante, rica de modulações melancolicas e de risadas argentinas, creando n'ella o instrumento maravilhoso e unico na sua mão de humorista, movendo-a em esgares convulsivos, fazendo-a sorrir como uma parisiense elegante, fazendo-a chorar, d'aquella tristeza tão moderna, que, de si propria, parece estar escarnecendo, emquanto chora!

Tudo foi contra elle, até a doença que lenta, muito lenta, o minou, o enfraqueceu, o desfez dia a dia! E no emtanto era tal o genial poder d'este grande, claro e comprehensivo entendimento, tão lucido, tão superior, que a sua intuição das cousas substituiu n'elle a educação scientifica que lhe coordenaria ás faculdades essen-

ciaes; o seu espirito analysta e sagaz supprio o attento estudo das cousas portuguezas que, por effeito da longa expatiação, não poude completar, e revelou-lhe de um relance mudanças, transformações, que outros levariam annos a conhecer.

O amor do torrão patrio, a conservação de muitas qualidades bastante nossas, no seu espirito *déraciné*, do solo natal, fez com que a maior parte dos seus personagens não perdesse nunca aquelle character genuinamente lisboeta ou provinciano que elles teem, até na lingua especial com que se exprimem.

Os que tentarem negar isto, que se lembrem da *Tia* e dos clerigos da *Reliquia*, da creada *Juliana* e do *Conselheiro Accacio* do *Primo Basilio*, de tantas figuras dos *Maias*, do ultimo *Ramires* etc., etc.

Ha poucas almas simples da rude e primitiva simplicidade natural e *humana*, na obra de Eça de Queiroz.

Tendo vivido sempre da vida artificial das cidades, —elle que tinha agora a nostalgia da vida rural, a ambição de uma quinta rétirada do Minho, onde vivesse na quietação vegetal das cousas! — Queiroz nunca teve tentações de conhecer profundamente senão as organizações deformadas pela acção social, as almas complexas e atormentadas, que a civilisação modela em bem ou em mal, de que ella faz, ora seres de uma sensibilidade e de uma receptividade morbidas, ora desequilibrados e grotescos, fracos sempre para reagirem contra o seu *meio*, que se lhes sobrepõe e os domina.

Eça de Queiroz, com intenção ou sem ella, pela

acção de uma vontade raciocinada, ou em virtude de forças obscuras que actuam no artista sem que elle tenha d'isso uma consciencia muito definida, foi o analysta delicado e o gravador potente, de uma temporaria crise da vida portugueza, crise desconsoladora, crise mortifera que nos deixará para muito tempo combalidos.

Levar-nos-hia muito longe discriminar-lhe as origens. Basta affirmar que o romancista do *Primo Basilio*, da *Reliquia* e dos *Maias* a vio perfeitamente e a traduzio com poder dramatico incomparavel.

Este ultimo é de todos os seus livros aquelle que mais dá a desoladora impressão da fallencia moral, intellectual e physica de uma geração. Não quero dizer de uma raça!

Nenhum dos personagens principaes é mau; pelo contrario: todos ou quasi todos teem aspirações para alguma cousa de superior e de grandioso. Todos sentem talvez em si a necessidade, o transcendente desejo de deixar o mundo um pouco melhor do que o encontraram. E no emtanto, que absoluta e dolorosa derrocada moral, não é a existencia d'elles todos!

Porquê? Porque as influências exteriores, mais fortes do que o seu temperamento e do que os seus principios os dominaram e impelliram na quéda fatal. . . Quero pensar que o scepticismo esteril e dissolvente de que essa hora da nossa existencia nacional se impregnou, vae de vencida, graças ás tendencias com que a educação positiva e experimental das nossas escolas scientificas está influenciando uma geração nova,

mais adequada ao *meio* em que tem de lutar; e tambem porque lá de fóra, que é no fim de contas d'onde um paiz tão pequeno, como o nosso, tem de receber as suggestões decisivas, é outra a aragem que actualmente sopra.

Mas o infortunio de Eça, foi nascer a formar-se mentalmente n'um tempo em que os typos representativos das varias classes do paiz eram aquelles que elle traçou nos seus livros. A sua obra é, por isso, toda de observação profunda, mas crúa, de ironia destructiva, de audaciosa irreverencia!

Ultimamente, a nostalgia da patria modificára-lhe bastante a indole original do talento. Conhece-se-lhe um enternecimento vago e dôce, uma saudade infinitamente meiga e dolorida, em certos toques picturaes da paysagem, em certos traços da alma portugueza, dos seus ultimos trabalhos, ainda não colligidos em livro.

As nossas noites luarentas; as nossas guitarradas de Agosto; os nossos frondosos pomares regados de agua fresca e cantante, a suave curva dos nossos montes, a graça pittoresca e risonha das nossas serras, povoam-lhe a mente, cansada da bulha importuna das cidades.

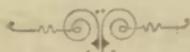
Se a doença o não tivesse minado ha tanto, dar-se-hia na obra do grande romancista uma transformação em sentido mais humano, mais terno e caridoso... Ainda assim uma obra d'estas, contemplada no seu conjuncto, contemplada de alto, é beneficente e sugere não só sensações, mas tambem ideias.

Póde discutir-se à *parte de vue* sobre o thema de que a Arte tem uma missão de moral utilitaria, e tambem sobre o thema contrario.

O que, porém, é dogmatico é que, fosse qual fosse a noção que elle teve da Arte, Eça de Queiroz foi um incomparavel artista.

A comprehensão vasta e profunda do seu cerebro, achou para realizar-se um estylo vibrante de energia nervosa, feito, martellado por elle em bigorna de ouro. E' atravez d'elle, que nós conhecemos o seu *humour*, a sua melancolia, a paixão doentia e contagiosa dos seus livros, a sua ironia que chispa em zig-zags como a luz do raio, o seu poder comico que produz estremeções violentos na sensibilidade de quem o lê, a sua sciencia dos mais intimos segredos de um temperamento moderno, desequilibrado e doente.

Tudo isso, e muito mais que eu não tenho espaço para definir, e estudar aqui, lhe dá direito a ser consagrado como um dos quatro ou cinco mortos illustres, nos quaes a consciencia da nossa raça cólhe a clara noção da sua vitalidade, e a estimulante esperanza de persistir e durar intacta e livre.





D. ANTONIO DE LENCASTRE

A CABA de inaugurar-se em Lisboa o primeiro *Dispensario anti-tuberculoso*, devido á iniciativa poderosa, e poderosamente auxiliada, da Rainha de Portugal, e ao trabalho verdadeiramente herculeo d'este homem de sciencia eminente, em quem a Rainha encontrou a inspiração mais eficaz para a sua obra de assistencia social, e de combate vigoroso contra o flagello, que mais do que todas as pestes antigas, devasta e assola as populações modernas da Europa.

Verdade seja que tuberculose e miseria teem quasi sempre a mesma significação e o mesmo resultado.

O desenvolvimento extraordinario das industrias fabricas, causadoras de enormes aglomerações humanas; a carestia crescente da vida; as habitações sem ar. sem espaço e sem luz; a adulteração dos generos de maior necessidade; a alimentação insufficiente e má; a igno-

rancia dos mais elementares preceitos de hygiene, juntamente com a impossibilidade quasi absoluta de os applicar; a promiscuidade indigente que faz o vicio, a doença, a morte: — eis os *pourvoyeurs* incansaveis e talvez indestructiveis d'esse minotauro que devora os corpos de uma parte importantissima dos habitantes das cidades de hoje.

Os mappas da mortalidade em Portugal devida á tuberculose assustaram o reflectido espirito da Rainha; os exemplos de usura physica, de degradação, de fraqueza, que ella encontrava a cada passo, nas suas romarias de caridade, emprehendidas atravez dos becos infectos da capital, dilaceraram-lhe o bondoso e nobre coração.

Sucedeu o que raras vezes succede. A Rainha encontrou perto de si, na familiaridade do Paço Real — onde D. Antonio de Lencastre é medico — o homem que, mais do que nenhum, estava preparado e apto para transformar o susto e o dó da Rainha n'alguma cousa de positivo, de pratico e de efficaz, creado de proposito para oppôr ao flagello temeroso.

Da ligação do sentimento da Rainha com a sciencia de D. Antonio de Lencastre — *sentimento* que se complicava de intelligente comprehensão de altos deveres, *sciencia* que se espiritualisava de infinita e profunda compaixão pela dôr humana — da ligação d'estas duas forças poderosas, produziu-se naturalmente uma obra grande e bella — a *Assistencia nacional contra a tuberculose*.

A Rainha entrou para ella com a sua influencia pes-

soal dominadora, que enleia, captiva, arrasta e electriza; com a força propria do seu character e com aquella que lhe provém da culminante posição que occupa. D. Antonio de Lencastre entrou com o seu profundo e intimo conhecimento de todos os recursos que era necessario empregar e congregar contra a doença assoladora.

Sousa Martins, o morto illustre, tivera durante largos annos o desejo ardente de emprehender esta cruzada contra a tuberculose, contra essa doença que tão cedo o matou, como que para vingar-se do muito que elle lidára para combatel-a.

Mas, menos feliz que D. Antonio de Lencastre, elle não logrou vêr realisado nem sequer o seu modesto sonho de um sanatorio estabelecido, em condições de moderno e hygienico conforto, na serra da Estrella, onde foi agonisar elle proprio, antes de vir morrer ao seu cantinho de Lisboa.

Esta inauguração do primeiró *Dispensario anti-tuberculoso* estabelecido em Lisboa, dá-me ensejo de esboçar em linhas rapidas a figura do benemerito da humanidade e da sciencia que se chama D. Antonio de Lencastre.

Não é propriamente d'esta obra soberba, iniciada, por sua inspiração medica, pelo altruismo da Rainha, que eu venho tractar aqui. Seria necessario tanto dadô que ignoro, tanta explicação technica que enfastiaria os leitores, para dar o desenho rudimentar ainda assim d'esta empreza social de alcance enorme, cuja primeira manifestação pratica acaba de realisar-se.!. . .

De resto não é sómente esta obra, ou a parte importantissima que n'esta obra cabe a D. Antonio de Lencastre que recommenda a sua notavel figura á minha attenção de critico.

*

*

*

D. Antonio de Lencastre pertence a uma familia nobilissima, illustre por muitos titulos e intimamente ligada desde longos annos ao Paço dos nossos Reis.

Uma avó de Antonio de Lencastre era Camareira Mór da Rainha D. Maria I. Avós d'elle seguiram D. João VI ao Brazil, exerceram altos cargos do Estado em Portugal e no Brazil sob o reinado d'este Principe infeliz.

Descendente directo de D. João II, o *pelicano* heraldico figura nas armas d'este filho da illustre Casa dos condes da Louzã. Seu irmão mais velho é conde d'este antigo titulo, e nunca se interrompeu n'esta familia a varonia que lhe dá o direito de o usar.

Mas o penultimo Conde de Louzã estava arruinado como quasi todos os grandes e velhos fidalgos de Portugal, e este rapaz, dando já na extrema mocidade uma evidente prova de superioridade do seu pensar, entendeu que o não deslustrava, antes o honrava e muito, libertar-se do estúpido preconceito que a aristocracia em todos os paizes tinha ainda ha bem poucos annos contra a profissão de medico, e acabados os preparatorios matriculou-se na Escola Medica, onde foi desde logo um dos alumnos mais distinctos.

Não o conhecia eu ainda, e bastantes annos decorreram já desde o dia em que Sousa Martins, falando comigo das esperanças que despontavam n'essa Escola que tanto amou e n'essa profissão que honrou e enalteceu tanto, me dizia com aquella convicção communicativa que elle tinha nas coisas que vivamente o interessavam.

— « Verá. Vae ahi apparecer agora um rapaz que *desbanca* tudo. E' um espirito extraordinario, de uma subtileza rara, de uma delicadeza e percepção quasi milagrosa ! »

Como o mestre tinha razão falando assim !

D'ahi a pouco duas ou tres curas *retentissantes*, dois ou tres casos de *encherem o olho* ao verdadeiro medico, resolvidos, com admiravel felicidade, contra a auctoridade classica e já rotineira de mestres incontestados, punham em evidencia brilhante o nome do joven doutor !

Esta phase feliz da sua existencia é uma d'aquellas em que a sua superioridade de espirito mais claramente se affirma.

E' que D. Antonio de Lencastre teve logo n'este momento contra si uma colligação de forças que é necessario ser superior, no pleno sentido da palavra, para dominar bem !

Era um fidalgo, e n'uma classe que é ao mesmo tempo excessivamente culta, e excessivamente susceptivel, á qual não podia passar despercebido o preconceito absurdo que, por assim dizer, a condemnava ainda habem pouco a uma especie de subalternidade social, re-

pugnava agora aceitar como um dos mais brilhantes dos seus membros, um moço que provinha justamente d'essa casta orgulhosa que desdenhava e se menosprezava de assentar-se nos bancos das suas Escolas scientificas e de concorrer aos seus premios e ás suas victorias. O desdem que a aristocracia desde sempre tão estupidamente consagrava á mais alta profissão scientifica que o mundo conhece, era agora occasião de o pagar a esse filho delicado e elegante de uma casta insolente!

O publico tambem, tão facil de levar, tão incapaz de julgar por si, participava n'um certo sentido da indisposição e da incredulidade dos collegas de Antonio de Lencastre.

Visto que elle era fidalgo, tinha Dom, era filho do conde da Louzã, nobre de velhissima linhagem e velho titulo da cõrte, tractava por *Primas* as mulheres mais elegantes e mais nobres de Portugal, era impossivel que reunisse a estes invejaveis predicados — invejaveis para a nossa burguezia avida de aristocratisar-se e *snob* até á raiz dos cabellos — o de ter tambem talento e estudo, e aptidões clinicas.

Isto, que era uma corrente contraria e hostile, podia comtudo ser facilmente combatido e vencido pela tenacidade de aço, pela *fraqueza herculea*, pela dominadora intelligencia, pelo talento evidente, claro, indiscutivel de Antonio de Lencastre, já a esse tempo de mais a mais applaudido, elevado ás nuvens pela palavra fervorosa e auctorizada de professores como Sousa Martins, Manoel Bento de Sousa etc., etc. Mas o que

custou muito mais a destruir, o que só um homem como elle tão finamente ironico, tão inacessivel ás pequenas vaidades, tão vaccinado contra as *péchas* mundanas, primeiro porque nascera na casta em que ellas mais florescem, depois porque conhecia — do tempo em que a ruina material tinha afundado temporariamente a sua familia — o que taes manifestações continham de verdade e de affecto; o que só um homem como elle teria victoriosamente aniquillado, foi o *engouement*, o enthusiasmo, a clamorosa acclamação da parte feminina, essencialmente elegante, da sua clientella, logo que o vio celebre e feliz.

Quem escapa sem ridiculo a um escolho d'estes, está apto para vencer tudo o mais.

Quem resiste com glacial indifferença á admiração desentoadada, sem moderação e sem equilibrio de uma *coterie* de mulheres avidas de proclamarem em alta voz a sua adoração pelo idolo do dia, pôde resistir a tudo, até ao assalto de uma horda de cannibaes esfomeados!

D. Antonio de Lencastre resistio-lhe!

Sousa Martins falando varias vezes comigo a respeito d'esse valor crescente e d'essa guerra de inyejas pequeninas, de inyejas porque elle era filho de um conde de *vieille roche* e tinha a ousadia de ter talento como um plebeu — dizia-me sempre:

«Se soubessé a indifferença que elle tem por tudo isso, e pelas festas que lhe fazem agora porque o veem *vencedor*, e como são injustos os que lhe attribuem ideias mesquinhas ou qualquer especie de charlatanis-

mo! O que elle é, é um talento de primeira agua, e depois é um *medico* como deve ser o profissional moderno!»

E ainda, n'uma das ultimas vezes que eu vi o meu querido amigo, já ferido violentamente pela aza da morte, elle me disse com aquella sua inolvidavel voz, velada e triste. «*O Lencastre é perfeito!*»

Eu por mim acho que a maneira por que Antonio de Lencastre constantemente se esquivou ás exaltações verbosas da sua clientela feminina, a sua resistencia tenaz e fria a fazer de si um sabio de sala mundana, é a mais innegavel prova d'aquella superioridade desdenhosa sem a qual toda a intelligencia é incompleta.

Quantos homens de valor não temos nós visto succumbir á tentação capitosa de ser posto pelas mulheres no fragil altar da sua ephemera adoração!

Elle sorria, encolhia os hombros, desarmava a declamação ôcca ou o louvor sem auctoridade, com uma phrase incisiva, penetrada d'aquelle espirito de que elle tem o segredo, e continuava impassivel no seu gabinete de trabalho, ou nã vertiginosa canceira da sua clinica — sempre crescente — a estudar, a estudar!

*

* * *

Poucos medicos sabem o que elle sabe, porque poucos trabalham como elle trabalha. Mas não é sómente essa erudição medica, fecunda e rica, colhida nos gran-

des livros mais recentes, ou nos velhos mestres classicos de um empirismo secular, que no entanto accumulou experiencia e observação; ou colhida nos hospitaes estrangeiros, nos laboratorios modernos da mais aperfeiçoada sciencia *pasteuriana*, nas viagens, no estudo da sua clinica: não é só essa opulencia scientifica adquirida, que o distingue e o faz destacar com tão vivo relevo.

E' por assim dizer o seu instincto divinatório, a sua intuição magnifica, a hyper-aguda sensibilidade que é um dom organico do temperamento e por meio da qual elle *sente* o que o doente mal define, e *vê* o que está escondido no mais intimo e recondito de um organismo em lucta com a destruição. Ha extranho magnetismo na influencia com que elle se impõe!

A medicina é uma sciencia e é uma arte. Como todas as artes que são tambem sciencia, ella requer não só a perfeita technica que o trabalho dá quando é feito com ardor infatigavel, mas a superior inspiração que a raros eleitos é concedida!

Ambas as cousas possui em grau superior o medico famoso já, de que falamos aqui.

Sabe-se de resto que a medicina como *sciencia positiva* é uma aquisição do nosso seculo.

As descobertas da chimica, da physica, da biologia, da physiologia, da psychologia á qual se deve a analyse do desdobramento da personalidade, do hypnotismo e da suggestão; os trabalhos que vão desde Laënic em 1819 descobrindo a auscultação e de Piorry aperfeiçoando a percursão, até Flechsig estudando os

centros cerebraes de *associação*, passando por Virchow que fundou a histologia pathologica, e por Broca que descobriu as localisações cerebraes — o centro da palavra por exemplo em 1861; — as theorias microbianas de Pasteur, cujas magnificas applicações á medicina se ampliam dia a dia, sendo incalculavel o alcance que ainda poderão vir a ter, a revolução de que teem a virtualidade, e abrindo um campo illimitado á curiosidade scientifica do seculo em que entrámos; as descobertas (algumas tambem pasteurianas), de anti-septicos poderosos, de anesthesicos que dão temporaria morte, dos raios de Roentgen que permitem ao nosso olhar penetrar atravez de corpos opacos; tudo isto que reunido, facilita á cirurgia todos os milagres que ella opera com arrojo infatigavel, e por assim dizer renovou inteiramente este ramo das sciencias medicas; — todas estas acquisições maravilhosas e muitas mais que eu não tenho nem conhecimentos nem tempo para enumerar aqui, tudo isto é do nosso tempo, tudo isto pertence á gloriosa herança do seculo que findou. Mas houve, já se vê, em todos os tempos, desde a antiguidade remota até ao seculo XVIII medicos excellentes e medicos pessimos; luminares como Hypocrates; verdadeiras celebridades como Tronchin; e *physicos* como os de Molière, que tinha na propria côrte o modelo dos seus charlatães!

Ignorantes dos segredos da Natureza, d'estes segredos tremendos, reconditos, prodigos de vida e de morte, que ella tem recentemente deixado arrancar quasi que por violencia ao seio silencioso e profundo

—isso eram-n'o igualmente até ha bem pouco os maus e os bons.

O que os diferenciava, pois, era justamente a porção, de *arte*, de dom pessoal, de penetração rara, de instincto mysterioso e indecifrável, que tem de haver em todo o medico, para que a sciencia adquirida não seja uma bagagem exterior do seu espirito, e sim uma nutrição que elle assimilou e transformou nas proprias cellulas do seu cerebro, nas proprias ondas do seu sangue, nas proprias palpitações do seu coração.

Quem é que tem este condão imperioso e dominador como D. Antonio de Lencastre ?

Quem é que, inclinado sobre o leito onde um doente geme e arqueja, sob a pressão de um mal desconhecido, sabe *olhar* com aquella agudeza que á força de penetrante parece physica, e é visivel ao entendimento mais obtuso ?

Quem dá ao enfermo mais do que elle a confiança moral, o desejo de reagir, sem os quaes o esforço do medico é quasi sempre vão ?

Quem sabe interrogar com tão subtil intelligencia ? vêr com tão clara perspicacia ? encontrar a origem recondita e mysteriosa com uma intuição que tanto participa do milagre ? oppôr cada remedio a cada nova manifestação de doença com tal rapidez de esgrimista n'este atrevido jogo com a Morte, que é a missão soberba e terrivel do medico ?

Este homem nasceu medico, como se nasce poeta, pintor ou musico. E aos dons que são propriamente caracteristicos do seu mister scientifico, elle reune as

qualidades mais sympathicas da casta a que pertence, do meio em que nasceu, do tempo de que é filho.

Tem elegancia natural; aspecto de insinuante e irresistivel sympathia; olhar de uma penetração extranha; sorriso espirituoso e de graciosa malicia, perante o qual o *ridiculo* se esconde corrido e envergonhado; voz persuasiva, doce para o doente, de que faz logo um fanatico, imperativa e auctoritaria para a familia, que logo o respeita e lhe obedece submissa.

A sua benevolencia, a doçura sceptica d'aquella expressão d'elle, em face das gratidões clamorosas, de que aprendeu a conhecer a ephemera passagem; a desdenhosa comprehensão que elle tem das fraquezas, miserias, vaidades, ignorancias e presumpções do *meio* em que se move; a sua finura impenetravel e que penetra átravez d'esses seres que conhece nas horas de mais flagrante e involuntaria indiscrição moral; a certeza que tem de que os sacrificios sublimes d'essa incomparavel vida, que é a do medico de hoje, ninguem lhes dá valor, e servem só para a satisfação intima de quem os faz — tudo isto lhe dá um encanto muito seu, muito pessoal, tudo isto se funde agradavelmente n'esta figura duplamente aristocratica; do passado, porque pertence a uma velha raça, do futuro porque a Sciencia será incontestavelmente a aristocracia de amanhã.

Não ha *meio* intellectual a que D. Antonio de Lencastre seja estranho.

Nem só a sua querida sciencia — synthese de quantas existem — o attráe e absorve.

Sabe falar de litteratura antiga e moderna, de poetas,

de historiadores, de romancistas, de criticos, com o mais bem informado homem de lettras; sabe falar de arte com um pintor, um esculptor, um actor dramatico.

Conhece quadros, *bibelots*, tapessarias, azulejos, pratas *repoussées*, moveis de estylo, como se mais na sua vida não tivesse feito do que colleccionar bellas cousas antigas.

Na sua bibliotheca ha, junto aos grandes mestres da medicina moderna e aos grandes precusores que illuminaram a medicina antiga, Montaigne, Shakespeare, Aristophanes, Rabelais. . .

Nenhum pensador, nenhum poeta, dos que alargaram os dominios do saber, da phantasia ou da paixão humana, é desconhecido a este homem, que lida constantemente, na sua grandiosa missão de medico, com a sciencia, com a phantasia e com a paixão dos homens seus irmãos.

A medicina adquiriu pela sua importaucia enorme na hierarchia das sciencias modernas, pelo subsidio constante que todas as outras lhe fornecem, pela somma de conhecimentos e idéas que em si resume e contém, um papel no mundo actual que a vinga admiravelmente do desdem dos seculos de empyrica ignorancia.

Por isso mesmo ella está pedindo representantes que encarnem visivelmente, como este faz, a sua soberania e o seu imperio indiscutíveis.





THOMAZ RIBEIRO

A SUA VIDA E A SUA MORTE

ESTÁ de luto a poesia portugueza, e dizendo esta phrase banal, digo ao mesmo tempo uma verdade profunda.

Não se trata aqui da morte de um d'esses artistas do verso, os quaes com mais ou menos talento plastico se julgam com direito ao nome de poetas. Trata-se de alguem que o foi de alma e coração, que foi poeta de raça, como se é branco ou negro, como se é slavo ou celta; trata-se de quem amou e viveu a sua poesia, de quem sentiu vibrar dentro de si uma lyra de mil cordas, que nem a propria vontade conseguiria emmudecer. Trata-se d'aquelle que Portugal e o Brazil igualmente conhecem e admiram, e que em um momento rapido e memoravel da vida foi, na sua obra poetica, o representante mais completo da alma da nossa nacionalidade.

Morre-se muito em Portugal! dizia-me ha um mez Eduardo Prado, um dos espiritos mais superiormente dotados de que póde envaidecer-se o moderno Brazil. E' verdade, morre-se muito, e, o que é peor, morre-se ás vezes ficando se em vida !

Como é possivel que tão cedo se esquecesse essa celebridade fulminante que Thomaz Ribeiro conquistou e gozou durante um periodo de sua existencia e que fez d'elle a figura mais brilhante, mais gloriosa, aclamada e querida da sua geração, aliás illustre !

A morte de Thomaz Ribeiro, apesar do quasi silencio a que este se tinha recolhido, representa ainda para as lettras portuguezas uma perda enorme ; para mim, porém, representa uma perda de coração.

Conheci-o quando elle tinha 35 annos e eu tinha apenas dezoito.

Foi elle quem me tentou a escrever o primeiro livro da minha mocidade, a minha *Primavera de Mulher*, baptisada por Castilho, e que Thomaz Ribeiro prefaciou, em phrases que o meu coração nunca poderia esquecer, embora a minha consciencia lhes não accitasse a exagerada significação, que sempre attribui á bondade generosa d'aquella alma riquissima, e nunca ao proprio merito.

Fomos, como elle tanta vez publicamente o provou, muitissimo e sinceramente amigos.

Conheci-o na plena posse de uma fama que foi das mais brilhantes, das mais universaes, que tem conhecido um escriptor portuguez.

Elle tinha então apparecido em Lisboa, trazendo

nas mãos o livro que será sempre o testemunho mais bello e suggestivo da sua gloria de poeta. A impressão produzida pelo *D. Fayme* é uma cousa que as gerações de hoje difficilmente poderão comprehender.

O *D. Fayme*, pouco depois de publicado, era conhecido de um a outro extremo do paiz; era decorado, recitado, citado pela nação inteira e por todas as classes sociaes, mesmo as menos litterarias; era applaudido em todos os circulos intellectuaes, então numerosos e influentes; era criticado pelos espiritos mais finos; era elevado ás nuvens pelo jornalismo litterario do tempo em que havia homens como Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Sampaio, Casal Ribeiro etc., etc.; era parodiado pelos que queriam ver vendido o seu livro com a rapidez do raio; e era comparado pelo entusiasmo vibrante e contagioso de Castilho aos *Luziadas*, o livro intangivel da nossa nacionalidade!

Para que se veja qual foi a paixão entusiasta e sem limites que o poema de Thomaz Ribeiro excitou, basta dizer que isto se proclamou, que isto se argumentou e escreveu, e que foi o nome de Castilho quem firmou esta hyperbole delirante!

D. Fayme era um livro absolutamente novo para nós. Nunca, nem o classicismo nem a escola romantica, em Portugal, haviam produzido uma obra assim, que parecia feita em moldes novos, inventados, creados, pelo seu auctor, em um rasgo de genio a que não se encontrava comparação!

E no emtanto, se era nova e bem nova a inspiração

apaixonada d'este livro, os moldes, em que elle se vazava, o processo pelo qual elle tinha sido feito, pertenciam á litteratura de um paiz que, embora visinho, tem sido sempre ignorado por nós!

Felizmente o moço poeta é que o não desconhecia nem ignorava. A sua poesia tinha-lhe nutrido a mocidade; os seus poetas eram para elle livros de cabeceira.

Era, todo embebido pela seiva da poesia hespanhola, que elle soltava agora esse grito inesperado, esse grito energico e retumbante de amor patriotico exclusivista, de odio á Hespanha, violento e intransigente.

Zorilla, Espronceda, Trueba, tinham sido os seus mestres. E ainda bem que assim fôra!

Depende muita vez da primeira influencia recebida pelo nosso espirito o destino que temos de realizar.

Imagine-se Thomaz Ribeiro, — o peninsular, o expansivo, o apaixonado, o que não tinha nem ironia, nem logica nos impulsos do seu genio de poeta, — alimentado, educado exclusivamente pela poesia franceza tão contraria á sua indole peninsular, e ter-se-hia uma imaginação torturada como em leito de Procusto, pelos processos que lhe impozesse uma esthetica inadequada.

Elle seria igualmente refractario á poesia germanica nebulosa e symbolista, e á poesia anglo-saxonia de uma psychologia tão penetrante, de um ardor moral tão intenso e devorador.

Victor Hugo, por exemplo, deveu tambem a livre expansão do seu genio, tão anti-francez, á influencia hespanhola que elle bebeu a longos tragos soffregos.

E estranha cousa! a poesia castelhana apaixonada, emphatica, cavalleirosa e florida é comparavel áquella arvore de deliciosos fructos que o nosso épico reconhece como superior quando transplantada

Melhor tornada no terreno alheio

se a memoria me não falha á citação.

Quando Thomaz Ribeiro leu os poetas mais profundamente nacionaes da visinha e pouco amiga Hespanha, quando conheceu, sobretudo, o seu irmão em poesia Zorilla, a sua vocação de poeta achou-se subitamente determinada.

Então, na alma d'esse moço beirão, de olhos scintilantes como estrellas, de linda cabeça romantica, annellada e lustrosa, de voz tão doce como a mais emballadora das musicas, surgiu de repente um poeta, um poeta no sentido integral d'esta profanada palavra, um ser vibrante e dolorido, todo em fremitos de sensibilidade, todo em arrebatamentos de paixão, com o dom das lagrimas, com a predestinação das agonias, condemnado a *viver* a sua poesia, a confundir tão estreitamente as cousas reaes e os seus symbolos representativos, que a propria vida lhe teria de ser um sonho, que o proprio sonho influiria no seu viver, como se fosse a crua realidade!

Pobre e querido poeta que tão poucos comprehenderam, e que comprehendeu tão pouco a exigente vida moderna feita de transigencia e de hypocrisia! E no entanto é necessario comprehende-lo bem, para lhe

avaliar a vida, para saber como elle cantou e como elle viveu !

E morreu assim tambem, como tão profundamente o prova, para quem saiba interpretal-a bem, essa clausula final do seu pathetico testamento, feita com uma tão doce humildade, suggestiva de lagrimas, de amarguras intimas, silenciosas, obscuras. . . .

*

* *

Oh ! mas na hora a que eu acima me estava referindo, longe ficava ainda a sepultura raza em que hoje cahe uma chuva de lagrimas, longe o coval obscuro, que á noite será illuminado com a luz mysteriosa e triste das estrellas, e sobre o qual brotarão flores que o seu coração amou tanto e a sua lyra tão docemente cantou !

O poeta chegára a Lisboa, que o acclamava ruidosa, envaidecida de ter entre os seus muros um tal talento de eleição, uma tal figura de prestigio e de poesia.

As mulheres que elle sempre amou, para quem teve sempre os mais finos requintes de adoração respeitosa, das quaes nunca ninguem lhe ouviu dizer uma palavra de dureza ou desdem, que elle divinisaava com a sua alma prodiga e cujos applausos elle preferia a tudo — até á critica mais auctorizada, ao louvor partindo de mais alto — as mulheres cercavam-nó em uma viva grinalda de flores, embriagando-lhe a phantasia juvenil com o seu incenso fatal.

Fizeram-lhe muito mal. Em geral, as *admiradoras* de um poeta teem na sua obra uma influencia damninha.

O symbolo das bacchantes despedaçando o corpo divino de Orpheu tem applicação em muitos casos da vida real.

Para agradecer a essas creaturas avidas e romanescas que lhe pediam versos — como se versos fossem uma cousa decorativa de salão ou de *boudoir* — o poeta genial do *D. Jayme*, o que entoára aquelle sublime canto de amor ao querido Portugal com que abre o livro; o que desenhára a figura inolvidavel, pittoresca e aventureira, apaixonada e triste do heroe perseguido; o que gemêra em arrulhos dulcissimos de rola viuva as queixas de Estella; o que envergonhára os esbirros da oppressora Hespanha pela voz altiva, desdenhosa e viril de D. Martinho; o que pintára aquelle castello ar-ruinado que a éra folhuda enlaça, revigora, ampara, reverdece, com tal riqueza de rythmo e de rima; o que lançára o manto purpureo dos seus versos, que eternamente a envolverão de graça ideal, sobre a humilde aldeia á margem do Pavia em que o poeta nascera; o que flexibilisára a poesia portugueza em requebros de tanta meiguice, o que a ungira de tanto amor e enriquecera de tanta energia: — o grande poeta, emfim, que era Thomaz Ribeiro, não desdenhou então de fazer muitos versos de occasião, muitos versos de assumptos frivolos que não são uma mácula na sua bella obra, mas que revelam uma certa fraqueza do seu gentil espirito e um estado de alma bem diverso d'a-

quelle em que, scismando inconsciente do proprio poder magico, sob as arvores frondosas da sua Parada de Gonta — elle opulentára para sempre a poesia nacional com um poema que é uma data memoravel da sua evolução, um momento singularmente feliz da sua historia, uma flôr de calice purpureo e de aroma delicioso e inebriante da sua arvore secular.

*

* *

Isto não é dizer — Deus me livre de tal — que Thomaz Ribeiro só fez o *D. Fayme*. E' dizer que se elle continuasse a seguir o filão de ouro que no *D. Fayme* encontrou, ainda seria mais bella, ainda teria proporções de mais ampla e harmoniosa grandeza a sua obra genial.

A *Delfina do Mal*, poema que se séguiu ao *D. Fayme*, já não tem a marca eminentemente peninsular d'este, é vagamente humanitario, é um pouco influenciado pela, então reinante, *hugolatria*.

Tem versos lindos, mas não é já uma obra homogenea, formando um todo architectonico, para o qual concorresse a harmonia de cada uma das suas partes, ou um organismo vivo pelo qual circulasse o mesmo sangue vigoroso e quente.

Infelizmente tambem o momento não era propicio áquelle genero de poesia todo sentimento, sensibilidade, melodia e paixão.

Novas fórmãs, novas noções de arte iam surgir, justamente na hora em que Thomaz Ribeiro, educado por uma escola que percorrêra já o seu estádio glorioso, apparecia na arena, armado de ponto em branco, para ganhar nas justas da poesia peninsular as suas esporas de oiro.

E ganhou-as. E nenhuma, durante uma quadra para elle de embriaguez e de gloria, refulgiram ao sol com mais radiante esplendor. Quando o movimento coimbrão se accentuou, quando uma geração inteira, illuminada pela revelação deslumbradora da litteratura do Norte, dos symbolos orientaes, da sciencia germanica em pleno desabrochamento, soltou o seu brado de guerra ás velhas formulas e ás velhas escolas, lutando pela liberdade individual de cada intelligencia, pela emancipação completa da alma humana acorrentada a caducas theorias — já Thomaz Ribeiro se achava preso por duas obrigações que não quiz ou não pôde romper.

Uma era a da sua cavalleiresca fidelidade aos mestres que o tinham acolhido com tão vivo applauso, e cujo nome era o alvo em que vinham cravar-se infatigavelmente as aladas settas dos novos combatentes de Coimbra: outra era a vida de funcionario e de politico que então lhe começou a exigir todo o seu tempo, roubando-o á cultura incessante e progressiva do proprio talento, que para tanto era, e que tão admiravel e longa resistencia oppoz a tudo que queria desvirtual-o ou enfraquecê-lo.

A primeira d'estas cousas é mais uma manifestação

da nobreza ingenita d'esse caracter de velho portuguez, tão honrado e digno, tão grato e tão fiel.

Castilho fôra o seu desvelado amigo, o seu introductor no mundo restricto e pouco accessivel das letras portuguezas, o entusiasta proclamador do seu talento juvenil. A nova escola — que vinha acabar com todas as escolas — visava principalmente Castilho por ser o mais evidente e o mais eminente representante de processos que ella julgava caducos e esterilizadores.

Thomaz Ribeiro, por lealdade pessoal, ficou ao pé de Castilho.

Parecia-lhe uma revolta de iconoclastas, e não uma revolução profunda e renovadora, esse movimento magnifico que deu um momentaneo impulso á vida intellectual do paiz, hoje de novo atrophada! . . .

Tudo, pois, foi contra essa admiravel organização poetica, que a tudo, como eu já disse, resistiu com força indomita.

E poeta foi até ao fim, poeta atravez de tudo, na Secretaria, na Camara, na Academia, na Vida emfim, que elle não dominou, e que o dominou a elle, pois não havia alma com mais receptividade para as emoções, com mais sensibilidade para as dôres, com mais virtualidade de sentir, de imaginar, de padecer!

Sucedeu, pois, que os elementos hostis e varios, que se conjugaram em deploravel unanimidade para contrariarem a sua obra de poeta, a exteriorisação plastica do seu genio nativo, conseguiram fazer com que essa obra — realisada em condições pessimas para ella — não fosse nem tão bella, nem tão harmonica, nem

tão perfeita como podia ser, se as circumstancias lhe fossem favoraveis, e se o poeta se tivesse todo absorvido n'ella; mas não conseguiram nem por um momento modificar o seu temperamento, dar-lhe uma concepção da vida prosaica em harmonia com a situação que lhe creavam, alterar-lhe a sensibilidade perigosa, pô-lo a salvo das torturas da imaginação, destruir, emfim, o poeta, o poeta por excellencia que elle foi, especie de creança sonhadora e temeraria, sempre namorada pelo eterno mysterio das cousas!

O meio e a epoca em que elle appareceu, as ambições materiaes que o forçaram a realizar, fizeram-lhe todo o mal possivel, sem lhe fazerem bem nenhum.

Se ao menos roubando-o aos versos — que só fez depois intermittenemente e como distracção — o tivessem salvo da poesia!

Mas não! Elle ficou sempre o mesmo somnambulo da vida, acreditando em todos os homens, admirando todas as mulheres, beijando enternecido todas as creanças, cruelmente dorido de todas as injustiças, muito espantado perante o ferreo poder da logica social, querendo um mundo muito diverso do verdadeiro, para n'elle expandir os thesouros da sua alma toda amor, piedade, illusão ingenua e dôce!

A que tristeza tenebrosa aquella alma de luz e de candura teria finalmente descido para chegar a esse total renunciamento a tudo, a essa posthuma negação de todas as vaidades, a essa sedê ardente de repouso, de paz, de esquecimento no seio da terra amiga, a esse adeus de tristissimas lagrimas a todas as bellas cousas

que o homem ama, e para alcançar as quaes o homem tanto luta e tressua !

Que importa, porém, que um numero sómente marque o coval em que repousas, ó poeta, mais que nenhum, peninsular ; ó poeta de que uma geração inteira soluçou entusiasta os versos musicaes, os afindos versos cheios de luz !

Emquanto se falar, e em toda a parte em que se falar, a nossa linda e opulenta linguagem, os teus versos serão repetidos por dôces vozes de mulheres, as vozes que tanto amaste, as vozes da sereia, por amor das quaes soffreste tanto, oh ! alma inquieta e dolorida e vibratil, oh ! cantor adoravel da *Judia* e do *D. Faj-me ! . . .*





ANTONIO DE SERPA PIMENTEL

ACABA de desaparecer d'entre nós, que todos o conheciamos e amavamos, este homem singular a tantos respeitos, este homem que se parecia tão pouco com os politicos do seu tempo e que d'elles se destacava por qualidades tão altas e tão preciosas em todos os tempos e em todos os paizes.

Antonio de Serpa pertenceu a esse grupo audaz e brilhante que ficará na Historia sob o nome da *Regeneração*.

Foi — quem o diria ao vel-o agora? — um dos mais valentes batalhadores d'essa *ala dos namorados* da . . . politica portugueza

Na imprensa e na tribuna eram temidas as suas armas de ironia cinzelada e fina, de dialectica cerrada e contundente.

Gostava então da lucta, porque era moço e porque

a Vida lhe não tinha dado ainda essa Philosophia benevola, desdenhosa e serena, que foi a marca caracteristica da sua velhice encantadora.

Hoje chamavam-lhe ainda *chefe do partido regenerador*, mas isto era apenas um nome, uma palavra ôca a que nenhuma realidade concreta correspondia.

Nem em Portugal ha já *partidos*, nem elle, coitado! querida e doce figurinha abstracta — era chefe de cousa nenhuma!

Fôra, porém, é verdade, um dos membros prestigiosos d'esse prestigioso grupo que, emergindo naturalmente do meio revolto e convulsivo das nössas discordias civis, deu homens como Fontes, como Casal Ribeiro, como Corvo, como Antonio de Serpa, como Sampaio, etc., etc. Homens que eram distinctos na politica, mas que o seriam tambem fóra d'ella, que tinham o cerebro recheiado de idéas, a memoria guarnecida de factos e de noções, que acreditavam na efficacia do seu esforço, na utilidade da sua dedicação, homens para quem a politica não era nem um *modo de vida* rendoso, nem uma sinecura appetecivel, e que gastavam a vida em trabalhos e em luctas serias, defendendo idéas em que tinham fé, atacando adversarios por quem tinham respeito.

Mas d'estes mesmos que foram tão notaveis — pela envergadura de estadista como Fontes, pelo genio jornalistico como Sampaio, pela sciencia como Andrade Corvo, pela eloquencia clara e limpida como Casal Ribeiro—d'estes mesmos se diferenciava, por um cunho especial e muito seu, a figura de Antonio de Serpa.

Eu que tenho conhecido tantas figuras eminentes do nosso meio, não conheci nunca um espirito para quem as *cousas intellectuaes* existissem com mais intensidade.

Era um curioso de tudo que ha de grande e bello no Universo moral de que a humanidade tem sido, na lenta evolução dos seculos, a creadora infatigavelmente fecunda.

E quantas vezes lhe ouvi dizer, com aquelle sereno optimismo que tornava a sua convivencia um encanto: «A maior pena que me faz a idéa da morte, é porque não chegarei a vêr tanta cousa bella, admiravel, que o futuro reserva aos homens! Queria saber como se liquidarão todos os grandes problemas que este seculo pôz e que o outro seculo resolverá!»

Os jornaes de hoje, d'este dia do seu enterro, em que eu estou escrevendo, falam todos no *politico*, e é sobre a figura do *politico* que fazem incidir a attenção do publico. Meu Deus! O politico é o que menos valia em Antonio de Serpa, a não ser em um ponto a que logo me hei de referir.

O que n'elle era interessante e raro era o *homem*.

Se eu escrevesse para ser lida em Portugal não fallaria na sua figura physica, conhecida de todos nós. Mas no Brazil poucos o conhecerão de certo.

Tinha elle sido na sua virilidade um homem francamente feio. A velhice, porém, espiritalisára-lhe a physionomia, tirára ás feições o que tinham de tosco, modelára suavemente o primitivo barro...

Hoje Antonio de Serpa era um velhinho alto, ma-

gro até ao inverosímil, uma figura debil, delgada, que um sopro parecia poder quebrar; tinha a testa alta, e como que dolorosamente deprimida nas fontes; o olhar de uma serenidade infinita, como que perdido em sonho vago; a bocca expressiva, mal escondida pela barba grizalha e onde pairava a miude um sorriso resignado e doce.

Dir-se-hia que uma intensa contemplação interior o furtava aos interesses vulgares da terra. Nunca se queixava, nunca accusava os homens ou o Destino.

De um optimismo invencível, achava excellente e curiosissima a Vida, onde se passam tão estranhas cousas!...

Achava, como Fontenelle, que *basta a curiosidade para encher a existencia*, e provavelmente, como não sei que outro pensador, elle que nunca se illudira com os europeis do poder, nem com a guizalhada ôca das grandezas da terra, julgava que n'este mundo *on se lasse de tout, excepté de comprendre*.

E' esta *intellectualidade* aguda e rara que o notabilisa e separa dos outros, para quem as idéas só valem quando bem applicadas.

Por esse cunho de originalidade, Antonio de Serpa viveu e morreu resignado. Nunca renunciou á esperança de melhores dias, e se a amizade o abandonava e trahia, se a pobreza o ameaçava, se a divida se enroscava traiçoeira em torno do seu unico bem,—aquella casinha da *Cova da Moura*, toda comida de hypothecas, onde elle morreu,—tinha sufficiente fantazia para edificar novas esperanças sobre as esperanças que se

esboroavam e sufficiente coração para crear novos affectos que se tinham extinguido.

Ia na vida a passos miudinhos, cabeça levantada, olhos de um somnambulismo de vidente, sem perceber senão aquellas cousas que, percebidas, lhe davam gozos intellectuaes que elle preferia a todos os outros.

Andava sempre mais que modestamente vestido, sempre a pé, sempre absorvido por qualquer plano de livro que queria fazer ou por qualquer idéa de livro que tinha acabado de ler.

Apezar da modestia do aspecto, era um *gentleman*. Ninguém, mesmo que não soubesse quem elle era, deixava de perceber, quando aquelle velhinho passava, que ia alli *alguem* pertencendo por direito natural á mais alta esphera intellectual e moral a que aspiram baldadamente tantos magnates. *He held high rank, in Nature's Peerage*, como de Canning dizia um historiador entusiasta.

Segundo o modo por que as cousas da terra se julgam, elle foi tudo que um homem póde ser em Portugal: Prêzidente do Conselho de Ministros, Conselheiro de Estado, Par do Rêino, Grã-Cruz, etc. etc. Foi tudo, mas tudo que elle foi não o augmentava, antes parecia que cada uma das suas dignidades temporaes recebia d'aquelle bello espirito desdenhoso e chimerico uma consagração nova por lhe haver pertencido.

As idéas é que o enlevavam, não as cousas precarias, não as cousas fugitivas a que o homem — eterna criança — chama grandezas e honras.

Não houve no seu tempo um problema importante

de que elle não tomasse conhecimento, a que elle não prestasse attento e desvelado estudo. As questões economicas e sociaes, essas attrahiam-no ainda mais especialmente.

Ha quatro ou cinco annos lêra os livros de João Grave e ficára assombrado pelos horisontes novos que o talento do sombrio socialista descobria diante do seu olhar.

E era encantador ouvi-lo lamentar-se de ter seguido a carreira politica em vez de ter sido, no silencio calmo do seu gabinete de estudo, um escriptor apenas, um escriptor assimilando o maior numero de doutrinas, espalhando o maior numero de ideias, um instrumento de propaganda util, um éco sonoro de todas as bellas lutas que este seculo travou e que tanto o enthusiasmavam e faziam vibrar . . .

Tinha a fama do maior distrahido d'este seculo. E Mme. de Sevigné daria immortalidade merecida ás suas distrações se elle tivesse vivido no tempo d'esta deliciosa tagarella, que tanto nos fez rir á custa das distrações de Mr. de Brancas!

Mas a distração de Antonio de Serpa era mais depressa uma abstracção excessiva das cousas vulgares da vida.

Se lia um livro, falava d'elle com a maxima lucidez de memoria, criticando-o, refutando-o, applaudindo-o, citando-o, deixando perfeitamente perceber que nada lhe escapára do que tinham de essencial as suas paginas.

Se um amigo estava doente, nunca se distrahia a

ponto de ignorar a sua doença. Pelo contrario, ia saber d'elle, era cheio de carinho e de cuidado para todos que amava.

Pae de familia, não o houve mais terno e mais exemplar ; amigo, era excellente e de uma dedicação absoluta e sem limites.

Sempre que se via na rua, ia tratar de algum negocio . . . alheio. Dos seus é que elle se esquecia ; e ainda bem, pois de outro modo perceberia em que lastimoso estado a sorte os tinha posto ! . . .

Morre pobre, pobrissimo, legando apenas á sua familia, que o adorava, um d'estes nomes de impolluta honradez que valem mais do que um braço de duque . . .

*

* *

Morreu como ha muito vivia, n'uma doce abstracção da realidade que o furtou á triste comprehensão da immensa falta que fazia á sua familia tão querida.

Morreu como devem morrer os justos, com um sorriso de beatitude nos labios, exhalando a alma alada e pura n'um suspiro tenue, que mais parecia um sopro . . .

A sua extrema magreza quasi que fazia d'elle ultimamente um ser impalpavel, chimerico. A gente sabendo-o tão divinamente bom e vendo-o assim tão leve, tão leve, com uma expressão de hypnotisado no

olhar errante e vago, sentia como que o receio indistincto de o ver um dia partir, desaparecer, sumir-se como uma nuvem fugaz, n'esse espaço mysterioso onde elle parecia de ha muito viver já, em secreta inŕimidade com as cousas que nós não vemos!

Eu perco n'elle, no bom, no santo, no doce velhinho, um dos mais preciosos e queridos amigos da minha vida!

Como é vasta já esta necropole onde elles jazem os que eu amei na infancia e na mocidade, os que me acompanharam na dura ascensão pela montanha que hoje vou descendo, tão cheia de saudade, já curvada ao peso dos desenganos e das dôres!

*

*

*

Quando ha pouco disse que Antonio de Serpa era mais interessante como homem do que como politico, não me expliquei bem.

Se elle não tivesse exercido pelo espaço de uma longa vida os cargos politicos mais altos, os de mais delicada responsabilidade, os de mais melindrosa importancia, a sua existencia não seria como é uma das mais sublimes lições de desinteresse civico que ao homem é dado exemplificar!

Morre pobrissimo, elle que teve os cofres do Estado sob a sua direcção, elle que podia com uma palavra dita enriquecer de uma hora para outra.

Morre pobrissimo, deixando a viuva ao paiz que ha de, estou certa, acceitar o legado e cumprir com honra as obrigações que elle impõe. ¹

Quanto, n'esta vida tão pura e n'esta tão suave morte, têm que aprender os que andam em lufa-lufa eterna atraz de honras, de dinheiro, de vaidade, de vil poeira, emfim, que na sepultura se desfaz!

O que Antonio de Serpa conquistou, isso sobrevive á sua propria vida, isso acompanha o homem á sepultura, e em vez de se confundir com o seu pó corrupto, transforma-se n'um nimbo mysterioso de ouro e de luz que fica illuminando para sempre e como que ensinando aos homens o preço por que se alcança o verdadeiro Bem...

¹ Depois de escriptas estas paginas, as camaras portuguezas votaram uma pensão á viuva de Antonio de Serpa.



UMA FIGURA ANTIGA

(A CONDESSA DA PONTE)

DESAPARECEU ha pouco d'entre os vivos uma das figuras mais interessantes e mais representativas da velha aristocracia portugueza, ou antes uma das suas rarissimas sobreviventes.

Uma aristocracía é um todo harmonico; não póde subsistir senão completo e incorruptivel.

Compõe-se de idéas, de crenças, de tradições, de costumes; de fidelidades intimas que não é possivel abolir; de repugnancias moraes e physicas, de intransigencias irreductiveis, de fôrmas de pensar e de proceder, que constituem um conjuncto intangivel.

Uma alma de verdadeira aristocracia é uma alma do passado; tem d'elle a fé absoluta, o *lealismo* puro, a humildade christã, a graça lhana com os inferiores, a elegancia instinctiva, involuntaria de habitos, de maneiras, de gostos e de convivencia; emfim uma com-

prehensão plenamente harmonica da vida social e da vida moral.

Um nome ainda que seja antigo, uma fortuna ainda que seja colossal, podem ser elementos d'uma aristocracia, mas não conseguem mantel-a ou realisal-a se lhes falta essa systematisação superior de idéas, sem as quaes uma classe social degenera em *casta mundana*, e, se conserva o nome, não passa no entanto de simulacro falso d'aquillo que pretende representar.

Não vem para aqui nem mesmo apontar as causas fataes ou notar os symptomas irrecusaveis, pelos quaes se prova que a aristocracia, tal como deve ser considerada — está perfeitamente extincta em Portugal.

Basta dizer que uma das raras figuras femininas que ainda genuinamente a representavam sob os seus aspectos mais bellos — não os da riqueza apparatusa nem os do brilho mundano — acaba de exhalar o derradeiro alento, dando na sua morte tão edificante, e deixando na sua vida tão pura, uma d'estas vizões de completa belleza moral a que pode bem applicar se o divino verso de Keats :

A thing of beauty is a joy for ever

Não é uma biographia o que tentamos aqui. E' apenas uma commemoração piedosa e enternecida d'aquella que se finou.

A Condessa da Ponte, nascida em 1814 e morta em 1900, — tendo apenas menos do que o seu seculo os 14 annos lendarios que elle consumiu na apothese e na crucifixão do seu ultimo heroe, — acompanha, d'este se-

culo que é o maior de todos, a vida febril, nas vicissitudes tempestuosas de uma infancia e de uma adolescencia passadas na emigração — da qual, como todas as suas contemporaneas que de lá vieram, trouxe a graça intellectual das superiores civilizações de que participára — e na longa serie de revoluções e de reacções, que assignalará na Historia este periodo de lucta ingente e desesperada entre o velho mundo, que não quer desaparecer, e o mundo novo, que aneia por se realizar integralmente.

Esta bella figura pertence porém ao Passado ; traz d'elle o culto do seu Deus e do seu Rei, a amorosa fidelidade a todas as tradições mais bellas da sua casta, a religião de todas as grandiosas virtudes, a graça das suas nobres maneiras, a linha austera e firme de um porte verdadeiramente antigo.

Sem revolta contra as transformações do presente, guardara no sacrário da sua alma o cunho inalienavel d'esse morto ideal que a modelára . . .

D'aqui o seu encanto incomparavel para quem sabe ver estas nuances delicadas de uma alma de outras eras, perdida na anarchia do moderno *meio*.

A religião na sua forma transcendente e na sua essencia divina ; a fidelidade mais acrysolada ás tradições herdadas ; a caridade ineffavel, que vive de obscuros sacrificios ; o Amor materno feito de carinho e força ; a resignação quasi voluptuosa sob os açoites do infortunio, que tanta vez a flagellou ; a abnegação de si até heroicos extremos ; a vida harmoniosa e pura, finalizando numa morte do mais alto idealismo christão, de

uma morte que pela lucidez com que foi vista e pela doçura com que foi aceita é o remate e a corôa luminosa de uma vida assim: — tudo isto faz da Condessa da Ponte uma d'essas bellas figuras, sem macula, sem discordancia, sem contradição, figuras de plena harmonia e de plena luz que são pela sua perfeição e pelo seu fulgor moral a mais alta, a mais fecunda das lições!

Paz á alma de santa que voou para Deus, tão crente na sua acolhedora misericordia, tão impregnada de amor e de doçura espiritual!

E, já que imital-a seria tão difficil, que a não esqueçam ao menos aquelles que de perto conheceram essa creatura de eleição e de martyrio, que a dolorosa Vida não logrou revoltar e que a Morte libertadora não logrou vencer.





ANTONIO ENNES

HA uma estranha maldição sobre o meu pobre paiz que o faz perder prematuramente a maior parte dos seus melhores filhos.

Emquanto que lá fóra os estadistas, os escriptores, os sabios mais eminentes morrem, succumbindo ao peso dos annos, e tendo assistido á sua propria glorificação, em Portugal, ha tempos a esta parte, parece que todos que têm um nome, morrem cedo.

Ha como que uma fatalidade estranha a perseguir os que têm talento. Será por que a nossa organização meridional não estava preparada para a phrenetica concurrencia em que todos se debatem uns contra os outros, até chegarem ao ponto ambicionado ?

Será que o proprio esforço que é necessario para vencer nesta luta infrene, acaba por fazer succumbir ainda os mais valentes ?

A verdade é que a cadá instante vemos cahir em pleno vigor de annos os homens de quem nos acostumámos a esperar mais! os homens que ainda não tinham chegado ao meio da sua carreira triumphal!

Assim cahiram Oliveira Martins, Pinheiro Chagas, Sousa Martins, Barros Gomes, Eça de Queiroz, Antonio Ennes e tantos mais! E cada um desses bellos espiritos que se evolum da vida excita em mim uma piedade profuda!

Não tive nunca occasião de conhecer pessoalmente Antonio Ennes, mas nem por isso deixei de sentir a sua morte tão prematura que é para Portugal uma perda incontestavel.

O Brazil conheceu e estimou este homem de uma intelligencia fina e complexa, de um espirito melancolico mas superior, que em varios ramos de actividade social deu de si manifestações interessantissimas.

Por isso não posso hoje deixar de fallar com o Brazil deste portuguez de talento brilhante, cuja perda elle sentirá tambem.

A primeira vez que Antonio Ennes fez conhecido o seu nome foi quando deu á scena o seu drama que então era de combate, intitulado *Os Lazaristas*. Não se imagina hoje, porque a nossa incuriosidade e o nosso desinteresse em tudo que respeita ás cousas do espirito têm desmedidamente crescido — não se imagina hoje a bulha que esse drama, aliás defeituoso e de pouco valor litterario, fez no paiz.

Todos queriam conhecer Antonio Ennes; uns porque applaudiam as suas idéas anti-clericaes, outros porque

o tinham por terrível adversario, que era urgente amansar. Lindas devotas que em S. Luiz, se arrependiam em francez dos seus galantes peccados queriam agora travar conhecimento com o implacavel inimigo de *ces bons Pères* — e conseguir d'elle, mesmo á custa de sorrisos, blandicias e graças, que voltasse para outro assumpto menos melindroso e cruel a sua attenção de dramaturgo.

No emtanto toda a gente ia ver os *Lazaristas*, a que não faltavam ataques nem louvores, e que, a fallar a verdade, valendo muito menos do que o seu intelligentissimo autor, não valiam muito a celeuma que em torno delles se fazia.

Como quer que seja, a verdade é que estava consagrado e popularizado o nome de Antonio Ennes.

Em toda a parte e muito mais ainda em Portugal, onde o entendimento da multidão é preguiçoso e a sua curiosidade mental é quasi nulla, é conveniente a um autor começar assim, *par un coup de pistolet*, que faça estrondo.

Mais tarde Ennes fez um novo drama, o *Saltilbanco*, que para mim vale muito mais que o primeiro. Esse drama teve a felicidade, tambem rara, de ter por interprete um actor do genio: Antonio Pedro.

Lembro-me ainda da impressão que elle me fez. Da concepção talvez convencional e romanesca de Antonio Ennes, Antonio Pedro fez um personagem de carne e osso, de soluços e uivos, de lagrimas e de maldições, que era só por si uma criação soberbamente humana!

A voz rouca, desigual, estranha, arquejante ás vezes, daquelle artista que foi um genio perdido em meio que não o sabia aproveitar, teve aqui ensejo magnifico de desenrolar a extensa gamma das suas vibrações de dôr, das suas notas de desespero e humilhação.

O drama de Ennes, interpretado por elle, augmentou a fama de dramaturgo do talentoso escriptor, embora, ao que me parece, nunca dêsse as recitas que deram os discutidos *Lazaristas*.

Ainda mais uma vez ou duas Antonio Ennes experimentou o theatro, porém sem o successo das suas primeiras obras, e, finalmente, sem bem se saber porque abandonou-o de vez.

*

*

*

O seu espirito malleavel eutrou então em nova phase. Foi como jornalista que principiou a revelar-se e é esta de certo a feição mais bella e ampla deste talento multiforme.

Antonio Ennes foi um grande, um incomparavel jornalista, um jornalista com todas as faculdades de um escriptor de raça e dando aos artigos quotidianos o brilho, a perfeição, a elegancia de estylo, a limpidez litteraria, acompanhada da rapida assimilação de todos os assumptos, de impeto imprevisto de ataque e defesa, que constituem a superioridade deste genero moderno,

O jornalista tem hoje as grandes responsabilidades e o publico entusiasta, que tinham dantes os pré-gadores. O jornal substituiu o pulpito Mas que magoa quando elle atraíçôa a grande missão que lhe era dado cumprir !

Os artigos de Antonio Ennes conheciam-se immediatamente, destacando-se pelas qualidades mentaes do seu autor.

Ha campanhas delle que foram decisivas e que ficaram celebres na historia aliás brilhante, embora já hoje esmorecida, do jornalismo portuguez. Porque se ha genero em que nós fossemos ricos foi justamente no ramo litterario-politico da imprensa diaria.

Póde-se fallar dessa nossa gloria como de todas as óutras... no passado !

Da pleiade extraordinaria que, no jornalismo quotidiano, combatia lado a lado ou peito a peito, restam ainda, é verdade, dous velhos batalhadores que foram dos maiores...

Mas o *meio* mudou muito, e com o *meio* os processos usados. A politica partidaria deixou de ser uma realidade utilisavel para se tornar um simulacro vasio. O que antes era uma fé, é hoje apenas um capricho, ou uma tarefa sem sinceridade.

Os principios de hontem são os interesses de hoje. A politica aqui e em toda a parte,—até na Inglaterra de Chatam e de Peel, e Gladstone e de John Bright, — não tem hoje idéal philosophico que a domine e a guie, tem fins praticos a que aspira, e pelos quaes dirige a sua carreira tortuosa. Não é o bem do maior numero,

a liberdade regrada pela ordem, a sciencia de dirigir os homens no sentido de os tornar mais civilizados e melhores, o que hoje inspiram os estadistas e os seus sequazes. A questão financeira sobreleva todas as outras. O *enrichissez vous* de Guizot, tomado ao pé de letra pela sociedade contemporanea faz com que tudo se subordine ás questões economicas, e aos interesses plutocratas.

No emtanto ainda ha bem pouco, esta maneira de entender a politica não era a da nação inteira, e Portugal contava um grupo de jornalistas admiraveis que se chamavam Rodrigues Sampaio, Teixeira de Vasconcellos, Pinheiro Chagas, Latino Coelho, Ennes — para não fallar senão dos mortos.

Escrevêram todos pelo mesmo tempo, embora não fossem contemporaneos na idade, e então a leitura dos jornaes portuguezes era um verdadeiro regalo para o espirito, uma delicia litteraria, que relembro com saudade.

As questões, ainda as mais aridas, tornavam-se interessantes; as cousas mais obscuras appareciam-nos illuminadas.

Sampaio, que escreveu até muito tarde, pertencia, já se vê, a uma geração diversa. Guerrilheiro da Liberdade, no tempo em que liberdade significava o direito de viver, de pensar e de lutar pela propria fé, elle tinha mais tarde a bonhomia do veterano que assistio a guerras lendarias, e que desdenha na velhice as vãs escaramuças sem perigo, em que vê mettidos os recrutas inexperientes, que é obrigado a commandar.

A prosa de Sampaio era, todavia, magistral de cláridade e de energia. Não envelhecêra a sua penna, terrível ás vezes, ás vezes de uma ironia fradesca e sonsa muito pessoal, que deixava mal feridas as victimas que escolhia e marcava, mas em que a fôrma era sempre urbana e delicada.

Teixeira de Vasconcellos, terrível tambem quando o feriam, era, nas horas placidas, um incomparavel jornalista. Tratava de tudo bem e de tudo levemente, como convém a esta especie de talento, que precisa ao mesmo tempo de armazenados conhecimentos e de faculdade improvisadora.

Latino era attico na ironia, fino, espirituoso e cruel.

Chagas, o espirito scintillante, a graça portugueza irresistivel, a ironia alada, o ferrão de uma abelha cõr de ouro, que traz sob as azitas o pollen de muitas flores, mas que nem por isso deixa de piçar fundo e de fazer sangue na picada.

Ennes no meio de todos estes, tinha o seu lugar á parte. Primoroso na fôrma, litterario nos conceitos, de inflexível logica na argumentação, de philosophia pessimista e de temperamento talvez hypocondriaco, acertava quasi sempre, porque havia severidade e criterio fundo na sua observação dos factos e das cousas. De uma lucidez de entendimento raramente excedida, sabia vêr todos os lados de uma questão, analisa-la, disseca-la, extrahir-lhe de dentro tudo que ella continha. Seria um moralista politico de alto valor, se a vida partidaria militante em que se metteu o não forçasse muita vez a substituir pelo sophisma habil a convicção sincera,

nas opiniões que quotidianamente tinha de defender. O seu partido não lhe pagou bem a dedicação longa com que Ennes se prestou a combater por elle durante um longo periodo de actividade jornalística. Por ultimo desligado de todos os partidos, escrevia mais livremente, e por tanto ainda melhor, mas faltava-lhe a fé nos homens e nas cousas. As experiencias amargas da sua vida publica tinham-no tornado mais incredulo a respeito de tudo.

*

*

*

Como Commissario regio em Moçambique, a sua missão foi tão fecunda em grandes resultados praticos, como pouco apreciada pela gratidão do paiz, amigo, antes de tudo, de exhibições espectaculosas e de lances dramaticos de grande effeito.

Ennes, que foi primitivamente um dramaturgo, não tinha nada de theatral, nem na sua pessoa severa, carregada, um pouco sombria sempre, nem nas suas obras de funcionario ou de estadista. Se não fosse elle, nenhuma das cousas que se fizeram em Africa se teria feito, ou teria alcançado o resultado que alcançou.

Foi elle que, pela expedição mandada durante o seu ministerio, levantou o espirito publico abatido por um destes desastres nacionaes, que marcam uma data na historia da alma collectiva que os soffreu! Foi elle que, indo depois em pessoa para o theatro de tantas vergo-

nhas, que transformou no scenario de tão bellos e heroicos feitos da velha valentia portugueza, organisou o que estava em dissolução, deu impulso novo ao que parecia paralysado e quasi morto.

*

*

*

Vê-se, pois, que não era puramente um homem de letras este estadista activo, organisador e intelligente; que não era só um homem de acção este escriptor primoroso e culto, cujo livro sobre Africa é uma das bellas cousas que em Portugal se têm publicadô, este jornalista infatigavel, cuja penna de ouro deixa um rastro de luz na historia litteraria do paiz.

Elle tinha — cousa rara entre nós — a dupla actividade, do espirito que pensa, e possui para o seu pensamento um grande poder de expressão, e do braço que executa, e tem para a sua obra firmeza, rapidez e vigor !

Partindo para Africa doente e fraco como era, arriscou a vida com uma bella indiferença que vale — parece-me a mim — a exaltação marcial de soldado, que tantos estímulos electrísam.

A sua fria resolução igualava ou excedia em poder a impulsiva valentia de alguns.

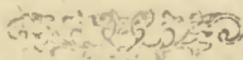
De resto era valente e julgava as armas na perfeição. Tinha esta suprema virtude que é a unica origem de toda a grandeza do individuo ! Não temia a morte !

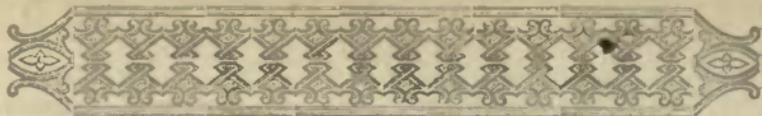
Quando ella veio recebeu-a serenamente, estoicamente, revelando neste ultimo lance a superioridade nativa da sua alma viril!

A vida não é tão boa, que valha muito a pena de que a gente chore ao perdê-la.

Para os que ficam, porém, é que a dor é intoleravel pois a Morte dos seres que amámos é sempre para nós apezar de tão certa e fatal, como que um facto inesperado que nos causa o mesmo doloroso assombro! De todos os seres da creação o unico triste é o homem.

Só elle sabe que morre, e peor ainda, que verá morrer!





O CONDE DE DAUPIAS

HA de haver pouco mais de um mez, á hora em que as portas dos theatros e dos circos se abriam e por ellas dentro jorrava, em impeto formidavel, toda esta população lisboeta, para a qual o theatro e o circo são elementos, não já de luxo superfluo, mas, como em Roma, de absoluta, de imprescindivel necessidade, — correu pela cidade toda a noticia de que o Conde de Daupias tinha feito saltar os miolos com um tiro de revólver. Romano da decadencia, não morria, como elles, no banho, mordido pela aspide venenosa ou cortadas as arterias por habil escravo grego, mas aproveitava ao menos do seu tempo este processo, mais expedito e mais prompto, de dar cabo de uma vida que cessára de lhe agradar.

E' provavel que o Brazil saiba quem era o Conde de Daupias.

A sua fabrica, que foi em tempo uma das mais prosperas de Lisboa, era com o Brazil que principalmente negociava, e o nome de Jacques Raton, avô de Daupias, é um destes que não pôde ignorar quem tiver ainda as mais elementares noções sobre a evolução da industria em Portugal e no Brazil.

Além de que o Conde de Daupias era uma destas figuras da decadencia, que é interessante conhecer, ainda que mais não seja, como documento caracteristico da psychologia de uma dada época.

Educado em Pariz e com todos os gostos de um pariziensê, doido por todos os gozos que a Arte pôde dar aos sentidos, o Conde de Daupias era além de um grande industrial, um Mecenas intelligente, um patrono, á antiga, da Arte e dos artistas.

A sua organização fina e vibratil revelára-lhe no mundo da Pintura e da Musica prazeres que excediam os que a maioria dos homens encontra nas illusões do poder, nas lutas da ambição, nas sensações do Amor ou nos vastos horisontes da Sciencia.

De um delicado egoismo de moderno, sendo rico, muito rico, elle teve um ideal de Vida, que é tambem um logro como tudo o mais.

Consistio esse Ideal em *gozar*, mas gozar do modo que mais se coadunava com as suas tendencias de *dilettante*.

Começou então á colleccionar a galeria de quadros modernos mais bella e mais completa que houve em Portugal, e mesmô uma das galerias européas mais distinctas que modernamente se poderiam apontar.

Já se vê que a galeria de um colleccionador, por muito rico e intelligente que este seja, não pôde nunca rivalisar com uma destas galerias de pinturas de familia, como a Italia possuia tantas ainda ha pouco, como hoje ainda possue, nos seus castellos historicos, a aristocratica e opulenta Inglaterra.

Mas como galeria de colleccionador, a do Conde de Daupias fazia excellente figura.

Distinguia-se ella por duas cousas: tinha quadros modernos de alto valor, tinha quadros do seculo XVIII francezes, absolutamente encantadores, e estava instalada com um luxo, uma elegancia, um conforto inexciveis.

A luz muito bem distribuida, quer de dia, quer de noite, fazia realçar admiravelmente as pinturas e dava uma côr de sortilegio áquellas amplas salas, onde além das maravilhosas télas que lhes forravam de alto a baixo as paredes, havia estatuas de marmore sahindo de tufos verdes de plantas; aviarios de passaros dos tropicos multicôres; moveis artisticos; ceramicas raras; flores em profusão fantastica; tuço emfim que seduz e embriaga o olhar do artista.

Ao Conde de Daupias apeteceu, porém, ver povoarem-se as suas vastas galerias de estatuas animadas, de mulheres que passassem, constelladas de joias, entre as alas formadas pelos seus quadros de mestre.

Quiz ouvir alli naquella casa, que parecia a realização de um sonho de fadas, musica que lhe parecesse ainda mais quente e mais excitante por ser escutada em tão apropriada scena.

Choveram convites sobre o mundo elegante e o Conde de Daupias organisou formosos concertos e as suas festas tornáram-se um dos encantos de Lisboa.

Não era comtudo por vaidade que elle dava essas festas ; não era tão pouco por espirito de sociabilidade, nem por necessidade de argentario de exhibir o seu fausto e a sua riqueza.

Era por seu gozo proprio. Para namorar e deleitar os seus olhos compuzera essa galeria de arte incomparavel ; para deliciar os seus ouvidos convidava pianistas, cantores, *virtuosi* de todos os generos ; agora para ter um requinte novo de prazer convidava a sociedade inteira de uma capital, cujas formosas mulheres e cujos homens notaveis não eram para elle mais do que simples comparsas no espectáculo que a sua mente ideára, como um egoistico deleite.

Os que aceitavam pressúrosos os convites do grande industrial julgavam dever-lhe uma distincção captivante ; é que não percebiam ou não queriam perceber que se iam alli era para satisfação de um sentimento esthetico de quem os convidava, e mais nada. No espectáculo imaginado elles eram accessorios indispensaveis.

Daupias, muito alto, aprumado, elegante, bem posto na sua casaca, passava lentamente nas salas cheias de luz, cheias de obras primas, cheias de flores, de mulheres bellas, de notabilidades diplomaticas, politicas, etc., e não reparava senão no conjunto desse bello quadro, que era obra sua, e que valia mais do que cada uma das obras de arte que elle tinha comprado a peso de ouro.

A musica evolava-se em ondas quentes e sonoras do seio dos instrumentos tocados por grandes executantes ou da garganta privilegiada dos primeiros cantores. Daupias, atravessando cautelosamente os grupos, impunha silencio aos tagarellas com um *chui!* . . . bastante premtorio.

Queria que estivessem alli para ouvirem a *sua* musica, para verem os *seus* quadros, para lhe povoarem de vida pittoresca e phantastica as *suas* salas illuminadas *a giorno*, mas *não queria* que fallassem !.

Era uma especie de penitencia que lhês impunha a troco da generosa lembrança que tivera de os convidar para elle gozar do effeito com que a animação dos grupos vivos completava a belleza dos grupos immobilizados em télas prodigiosas.

E a gente lá ia, sabendo ou não sabendo porque ia, mas gostando de ir em todo o caso, porque não havia em Lisboa festas mais artisticas.

As vestes prelaticias do Nuncio, os trajos exóticos de algum diplomata japonéz agradavam mais ainda ao Conde de Daupias que a triste e uniforme casaca moderna ! Não se atrevia a recommendar aos homens que fossem de farda ; ás senhoras recommendava sempre que fossem decotadas, de cauda e com muitas joias.

De outro modo não seriam decorativas. E ellas faziam-lhe a vontade.

Ao chá, se alguém o cumprimentava sobre o sabor *exquis* de alguns dos manjares que se serviam no buffete e lhe dizia, por exemplo : «E' deliciosa esta *brioche*», elle respondia imperturbavel : *Je le crois bien !*

E' que elle bem sabia, sem que fosse preciso lembrar-lho, que tudo que pudesse affagar um dos cinco sentidos que possuía tinha sido attendido com o mesmo esculpulo esmero.

Os quadros, as festas, as estatuas, as plantas eram assim primorosos para *elle os ver*.

Os manjares da sua mesa eram tudo que ha de perfeito *para elle os saborear*; as flores eram frescas e lindas para que o seu olfato gozasse a respira-las; a musica era escolhida para que os seus ouvidos se inebriassem na volupia dos sons.

*

* *

A quadra a que essas festas pertencêram já vai longe. A galeria que tinha sido composta com tão delicada intelligencia dispersaram-na aos quatro ventos os leiloeiros do Hotel Drouot; a adversidade que vem sem que a convidem e se assenta desceremoniosa á mesa dos ricos como á dos pobres, deu cabo de todas essas bellas cousas que um egoista genial soubera reunir para seu gosô supremo!

A morte da Condessa de Daupias, questões de familia, desastres financeiros, a fuga de um empregado de confiança, que sei eu?

Tudo se juntou lamentavelmente, e essa obra complexa, laboriosa, que fôra a obra de um sybarita de Arte, mas que redundava em proveito intellectual de todos nós, dissipou-se como fumo.

Nunca mais tornaremos a percorrer essas salas onde havia tantas obras cuja contemplação era um consolo para a alma, um estímulo para o entendimento, uma lição e uma alegria moral . . .

Ao Conde de Daupias devem muito os artistas portuguezes, pois que elle, embora sem essa intenção philantropica, lhes proporcionou prazeres que de outro modo não conheceriam nunca.

Depois deve-se accrescentar para fixar bem todas as feições do personagem que tento retratar :

Como o Conde de Daupias era muito bondoso de indole, um dos seus prazeres maiores consistia em fazer bem. D'aqui resultou elle subsidiar uns poucos de artistas que lhe devem a sua educação technica, o elle ser um patrão admiravel para os seus operarios, o elle nunca ter feito mal neste mundo senão . . . a si proprio.

O suicidio de uma pessoa tão conhecida, tão *representativa*, causou, como é de suppor, a mais viva sensação em Lisboa.

E como Lisboa é a cidade onde é mais agradável morrer, porque o seu instincto a leva a demolir tudo que é vivo e a engrandecer até á apothese tudo que é morto ; isto que por cá se chama a *opinião publica* decretou que Daupias se tinha suicidado por dó dos seus operarios, visto que ia ser obrigado a fechar a sua fabrica.

Esta idéa é simplesmente absurda.

Seria illogico que um homem que viveu tão intensamente e tão absorventemente a sua *propria vida*, —obedecendo neste ponto, elle que era, como já disse-

mos, um perfeito romano da decadencia, ao preceito modernissimo de Ibsen, — se matasse por causa dos outros, que nunca, a não ser na qualidade de accessorios, existiram aos seus olhos.

Daupias matou-se na logica de todo o seu destino. Matou-se porque estava velho, porque estava, senão miseravel, pelo menos pobre; e não ha nada que repugne a um fastiento, a um sybarita, como a vida reduzida ao necessario estricto; matou-se porque, feito o balanço entre os gozos e as tristezas, o fiel pendeu para o lado das tristezas e elle não quiz soffrer. . .

Dada esta organização de epicurista delicado a morte do Conde de Daupias condisse absolutamente com a sua vida.

Elle tinha da existencia humana a theoria que Wagner tinha do drama musical. Era um todo para que concorria cada uma das partes. Era um bello espectáculo para cuja ideal perfeição concorriam os sons, as linhas, a côr, a poesia, a plastica dos gestos a belleza augusta do scenario. Se a vida deixasse de ser isto, não valia a pena de ser vivida. Bola de espuma irisada, em um momento reflectia o Universo e sumia-se!

Assim entendeu elle a existencia, e a essa doutrina pagã submetteu a sua.

E' por este motivo; é pela inflexivel logica que preside a esta vida, que ao primeiro aspecto parece ondeante e *diversa*; é pela lição ao mesmo tempo dolorosa e ironica que transluz de uma tal concepção das cousas—tão pouco feita para nós, debeis mortaes, que não devemos a felicidade fugitiva de que gozamos senão á

abnegação e ao sacrificio dos nossos ephemeros gostos e das nossas,ephemeras paixões—e é pelo contraste de um existir tão brilhante e de um acabar tão triste, que o Conde de Daupias é um typo representativo do seu tempo e merece ser consignado ao menos nesta fugitiva chronica.





EDUARDO PRADO

AINDA sob a impressão fulminante do telegramma, que lhe annunciava a morte, tracei eu, levada por affectuosas instancias, umas breves notas a respeito d'elle. Mas neste jornal que era para Eduardo Prado um amigo (1)-neste jornal de que elle foi na Europa o representante durante largos annos e onde conservava tantas affeições e pelo qual tinha tanto interesse, não posso tambem deixar de dizer algumas palavras sobre esse grande amigo que perdi, na primeira vez que para aqui escrevo depois da fatal noticia a que não pude ainda acostumar o meu espirito.

Pobre querido amigo! No artigo que neste mesmo lugar lhe foi consagrado no dia seguinte ao da sua morte, e que acabo de ver transcripto num jornal por-

(1) *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro.

tuguez, falava-se da bondade extraordinaria daquelle coração. E com que verdade lhe prestavam esta homenagem justa ! Se havia qualidade que, entre tantas que elle possuia, destacasse com mais inconfundivel relevo era essa : a bondade, a bondade inexgotavel cheia de delicadeza, engenho e graça, de uma alma essencialmente feita para sentir affectos e para os inspirar.

A minha gratidão para com a sua memoria entrelaça-se com a mais viva admiração pela sua grande, variada, comprehensiva e tão culta intelligencia, pelo seu talento vivo e brilhante. Elle que tanto amava as tradições e as cousas antigas, era bem moderno n'essa intensa curiosidade intellectual por influencia da qual o Universo se lhe tornava no objecto vastissimo da sua investigação sympathica, da sua avidez de conhecer e penetrar, do seu desejo de tudo sondar e comprehender.

Por isso é que o espirito d'elle se assignalava com mais caracteristica individualidade, assim como pela bondade se lhe assignalava o coração.

Como não amar uma creatura em que a comprehensão mais ampla e a sympathia calorosa mais atrahente se combinam e fundem para constituir uma personalidade rara !

«Morre-se muito em Portugal !», costumava Eduardo Prado dizer, e tinha tido occasião de o repetir bastantes vezes, quando a proposito de Sousa Martins me escrevia uma carta encantadora, quando chorava quasi como um irmão a morte de Oliveira Martins, quando o seu coração de amigo extremoso se dilacerava ao

receber a noticia da morte de Eça de Queiroz, quando via emfim desaparecerem tantos portuguezes illustres a quem o prendiam affinidades de espirito e de coração.

De feito, os nossos ultimos dez annos têm sido enlutados de tantas mortes que parece que realmente um mau fado persegue agora o nosso paiz.

Mas não se morre menos no Brazil! Quantas esperanças vidas em flôr não têm sido ahi brutalmente ceifadas pela mão da Morte! Parece que ella espreita os melhores, os mais illustres, os mais ricos de talento, os que promettem mais gloria á terra que os viu nascer!

Eduardo Prado dera já nos livros que escrevera — um dos quaes, primeiro publicado numa Revista portugueza, tanta curiosidade, tanto interesse, tanto enthusiasmo attrahira para o seu nome — provas sufficientes de um brilhante e progressivo talento; mas sendo esses livros, esses opusculos e artigos principalmente de combate, era só agora que, pacificado, desenganado da luta inutil, preparado por uma erudição verdadeiramente assombrosa, o seu amadurecido espirito se tinha voltado para as cousas da Historia, para as cousas do passado, onde a sua critica perderia a paixão que por vezes a desnor-teou nas do presente, onde a sua investigação paciente e a sua intuitiva penetração psychologica teriam meio de exercer-se com amplitude, onde a sua vasta cultura, feita de longas e variadas viagens, de leituras escolhidas, de estudos profundos e bem orientados, teria ensejo de revelar as accumuladas maravilhas.

Tinha 40 annos incompletos este homem ! Deixa na terra sua mãe, que a estas horas o deve estar chorando inconsolavel, e um irmão, que pela idade podia ser seu pae, isto para não falarmos na esposa e na numerosa familia que lhe pranteia a morte. Succumbe em plena virilidade, quando o seu talento tinha attingido o perfeito desenvolvimento de que era susceptivel, quando o fructo sazonado pelos bens aproveitados estios se ia revelar aos nossos olhos em toda a sua belleza opulenta e fecunda !

O Brazil deve estar triste ! Perde um dos seus homens superiores, e que seria superior mesmo na culta Allemanha, mesmo na próvida França, mesmo na exuberante e riquissima Italia, onde, no dizer de Alféri, a «planta homem é mais robusta e vivaz» . . .

E' que Eduardo Prado tinha tido uma destas educações cosmopolitas sem a qual o espirito, por grande que seja, nunca se expande em toda a virtualidade da sua energia. De cada paiz que percorrêra, com a intelligente e penetrante agudeza da sua curiosidade, elle colhera alguma cousa que só alli podia ter colhido.

Conhecia os traços sociaes de todas as civilisações, assim como sabia o que era o instincto primordial de todas as raças. Lêra e *sentira* Ruskin antes de nenhum latino, creio eu, conhecer o hoje tão famoso e citado estheta inglez. Carlyle era-lhe tão familiar como Shakespeare, e Goethe ensinara-lhe tanto como Dante ou Machiavel.

Ao pé d'elle respirava-se um ar de alta intellectualidade, porque vivera sempre para as ideas e pelas

idéas, sem comtudo deixar de conhecer os homens e de os amar, o que é mais; embora se não illudisse a respeito delles e lhes não attribuisse virtudes transcendentas, nem sonhasse para a humanidade perfeições que ella não comportou nunca e é provavel que não comporte jamais.

Este genero de espiritos, muito informados, de uma universalidade de conhecimentos muito extensa, de uma comprehensão muito vivida e ao mesmo tempo de uma bonhomia acolhedora, de uma indulgencia philosophica muito ampla, poucas vezes se encontram na vida, e quem uma vez os encontrou fica para sempre saudoso quando os vê desaparecer.

Na vida interior de Eduardo Prado tinha-se dâdo ultimamente uma transformação profunda e que é necessario assignalar. Depois de t3r lido, estudado, viajado, sentido talvez, elle cahira — por uma especie de cansaço intellectual bem explicavel—naquelle estado d'alma em que appetee o apoio de uma crença definitiva e concreta. O *dilettante* fizera-se crente, o crente apaixonara-se pelo seu credo até á devoção e ao mysticismo.

Este anno ultimo passou elle o Natal em Lisboa. Lembro-me que foi ouvir a missa da meia-noite com um enlevo e uma ternura que se não exprimem em palavras. O jantar do Natal, essa doce festa intima dos christãos, celebrou-o em minha casa. Estava num hotel com sua esposa; não quiz como é bem natural, passar a festa nesse local tão pouco feito para as ceremonias de familia. Sentou-se pois á minha modesta mesa

acompanhado pela esposa, e o seu ultimo Natal na terra foi perto de mim e dos meus filhos que elle estremecia, que alegremente o passou! Não era a patria, não era toda a familia, mas era um reflexo de ambas as cousas, porque elle sabia o meu amor pelo Brazil, e sentia-se ao pé de mim perto de uma amiga fraternal!

Quando partio para o Brazil, elle, o eterno viajante, que nenhuma peregrinação já assustava, que tanto se havia habituado ás despedidas e ás partidas, e que de mais a mais levava a idéa de regressar a Lisboa dentro de dez mezes, — quando elle partio parece que uma tristeza infinita, que um instincto que não chegou a ser presentimento, o acabrunhou pela primeira vez! Nós, os seus amigos, fomos dizer-lhe adeus a bordo do «Clyde». Vi-lhe os olhos humidos ao despedir-se, dir-se-hia que não queria apartar-se de nós. Instou para que estivessemos alli na tolda do paquete que ia leval-o para uma das suas, afinal de contas, tão frequentes viagens, como se realmente uma voz secreta lhe dissesse ao coração que era a ultima vez que via o Tejo azul, que amára tanto, Lisboa a linda cidade de branca e alegre casaria, que tanta vez tinha saudado na volta, de que tanta vez se tinha despedido na partida; e que os amigos que então o cercavam, um dos quaes era Ramalho Ortigão, o abraçavam com um definitivo, com um irremediavel adeus!

A sensação dilacerante do «nunca mais» penetrou-lhe por ventura na alma naquelle momento da separação?

Eu que tanto o conhecia não me lembro de o ter visto nunca tão triste.

Guardo delle a visão melancolica, junto á amurada do navio, agitando um lenço emquanto pôde vêr o barco que nos trazia para terra.

A bordo, horas depois de partir para sempre, Eduardo Prado sentava-se á mesa do seu beliche e escrevia-me:

«Pouco antes do vapor partir annunciou-se uma visita, que já não poude sahir por estar a escada levantada. Vinha n'uma falua. Era o Carlos Mayer.

«... Fui buscar o meu oculo de alcance e quando o vapor começou a mexer-se estava eu olhando para Lisboa, e muito para Santa Catharina. Via na perfeição o telhado do n.º 11 da Travessa de Santa Catharina. Fui depois lentamente vendo a Junqueira, Belem. No alto, perto do moinho de vento, brincavam, vestidas de cinzento, as creanças da Casa Pia. N'algumas hortas havia amendoeiras em flôr.

«Alegrou-me aquelle annuncio de primavera embora eu deixasse a primavera.

«D'ali a pouco Cascaes, a Serra de Cintra muito limpidas e direitas, á esquerda a Costa de Caparica, depois de passado o Bugio. Começou o vapor a andar mais depressa, a serra de Cintra a ficar mais pequena, e no fundo do Tejo, Lisboa já não era mais do que uma pequena mancha de nevoa. Começou a escurecer e a hora era triste e é preciso um certo habito de partir, e uma certa vontade de não entristecer para a gente poder resistir.

«Durante uma ou duas horas ainda luzio longe para nós o fogo intermittente do pharol do Cabo da Roca. Ultima scintella da Europa!»

E foi realmente a ultima que alle vio.

Durante a viagem escreveu-me sempre, longas cartas que eu leio agora com intima tristeza, cartas que provavam bem quanto elle sabia prender-se aos seus amigos e quanto soffrera ao separar-se delles.

Não conheço ninguem que escrevesse cartas mais bonitas, mais elegantemente singelas e graciosas. Tenho-as dos mais diversos sitios, e cada uma dellas me trazia a essencia, o perfume do lugar em que tinham sido escriptas.

Veneza, Florença, Londres, Pariz, o Montenegro, o Tyrol, mandavam-me nas cartas de Eduardo Prado, impressões vivas e características, como só sabe dal-as um verdadeiro observador, dotado em doses eguaes, de sensibilidade e de comprehensão. Aqui está por exemplo, como prova do que deixo dicto, o trecho de carta datada de Gastein no Tyrol austriaco!

—«Melhorei felizmente bastante da minha gotta para poder vir até este valle perdido e lindissimo na sua solidão, onde por muitos annos me habituei a vir começar os meus outonos.

«Estou ainda um pouco coxo. Não é cousa lá muito elegante mas sempre tem algumas compensações. Ainda no outro dia pude dar, sem largar a minha bengala, uma longa volta pela velha Pinacotheca de Munich, revendo com o mesmo enthusiasmo de tantas outras vezes os Alberto Durer incomparaveis. «Não imagina

como é confortavel o silencio de Gastein, no meio das montanhas cobertas de pinheiros escuros. E ha aqui uma agua que é a vida para os nervosos e *detraquês* como este seu amigo.

«Havia seis annos que eu cá não vinha. Estou aqui ha uns dez dias e tenho a impressão de já ter renovado *mon bail avec la vie*.

.....

«A minha vida em Gastein é a mais socegada que se póde imaginar. Pela madrugada uma deliciosa e prolongada immersão na agua incomparavel. Volta para a cama, somno até ás 10 horas. Entrada de um tyrolez pittoresco com um cesto de uvas de Méran que são o meu almoço. Chegada das cartas e jornaes de Paris e de Londres, meia hora de passeio e á 1 hora jantar.

«Uma truta azul que foi atirada viva n'agua a ferver, vem com o seu raminho de salsa na bocca e toda retorcida com uns ares de golphinho heraldico sobre a sua cama de manteiga fresca. Segue-se uma perdiz na gelea vermelha e um copo de leite.

«Leitura de revistas e romances A's 7 horas ceia, e reaparição da truta. A's 9 horas afundo-me com muito frio, debaixo de uma montanha de *édredons*. Haverá nada mais calmo? . . . »

Quer ter agora o leitor um *instantaneo* da vida ingleza nas altas regiões da riqueza, que é tambem na Inglaterra uma aristocracia, talvez a mais effectiva e real?

Aqui está o bocadinho de uma carta escripta de *Hayes Common*, em Kent, perto de Londres:

«Estive 24 horas em Paris e vim para Londres onde tenho estado sem um momento de descanso, tantos teem sido os meus negocios na *City* por onde tenho andado a correr de judeu em judeu.

«Hoje, domingo, estou felizmente em casa de um amigo n'este delicioso campo inglez, ainda muito verde, que eu vejo pela grande janella do meu quarto.

»Desde que perdi meu Pae teem sido estes os melhores dias que tenho passado.

«Não ha meio da gente não admirar muito esta vida ingleza, a arte da paisagem d'esta terra, a sensata comprehensão da existencia que a classe esclarecida tem aqui. Como isto descansa de Paris!

«O meu amigo, proprietario do parque e dos jardins que cercam esta casa, é de uma dynastia de banqueiros. E' um homem de cincoenta annos, que fala todas as linguas e tem visitado todo o mundo. Para descansar da dança dos milhões consagra-se á jardinagem: n'esta estação tudo são dahlias e chrysanthemos. O filho é photographo. Das tres filhas, uma vae-se casar d'aqui a um mez com um homem da Escocia e chegou ha dias da casa de campo do noivo onde esteve caçando *grouses*: outrã chegou hontem de Anvers onde foi desenhar alguns pontos de vista para a illustração de um livro. A mãe cuida de tres pequenos *babys* e dos cavallos. Toda a familia collecciona; consagrou-se ao seculo XVIII e aqui tudo é Luiz XV e Pompadour.

«Nas paredes ha poucas gravuras que não sejam d'essa epocha e a vista alegra-se com as bellas aguas-tinctas inglezas d'aquelle tempo.

«Hoje, por ser domingo, o almoço foi servido por uma das meninas. Os creados descansavam. E eu tambem descanso agora ouvindo o silencio d'este dia de outono.

«O céu podia ser um pouco mais claro, mas a relva é tão intensamente verde que ella só basta para illuminar.

«Quanto não dariam as castellãs d'esta redondeza por um pouco de bello sol meridional de que a estas horas está gozando o mais pobre mendigo do Algarve!...»

Como este, quantos outros trechos deliciosos de cartas eu podia citar, escriptas de Paris; de Londres; de Veneza, cidade dilecta d'esse scismador um pouco preguiçoso apesar de viajante intrepido; das Boccas de Cattaro; de Florença, que elle entendia tão bem como o seu Ruskin; de Marienbad; eu sei! de toda a parte! Uma de Cettigne (Montenegro), não resisto a cital-a, porque o logar d'onde ella é escripta ainda lhe accrescenta o sabor original!...

«Ha dias escrevi-lhe de Veneza. Esta vae hoje da pequena côrte montanheza do principe Nicolau onde os principes veem agora procurar mulherés (para casar, bem entendido) e onde os fantasistas, como eu ás vezes sou, veem procurar um pouco de novidade.

«Isto aqui é um pedaço da edade media que o tempo se esqueceu de destruir, e que os montenegrinos não deixam desmanchar porque respondem valentemente,

a tiro e a chuço, ás pretensões christans dos austriacos, e ás mussulmanas dos turcos.

«Antes de eu aqui chegar corri a costa da Dalmacia e da Illyria.

E' um sonho. E' quasi a Grecia.»

Vê-se bem como elle *sentia* tudo! Que magnifica imaginação, ao mesmo tempo espelho crystalino, onde todo o Universo — homens e cousas — se reflectia com nitidas arestas de maravilhosa limpidez, e amplo reservatorio, onde ficava guardada a memoria de todas as sensações recebidas, a imagem de todas as fórmas pittorescas, a impressão de todas as ideias suggestivas e bellas.

Eduardo Prado tinha visto e amado tudo, e saber *vêr e amar* cada cousa em si — as mais diversas, as mais contrarias — imprime já um cunho de rara superioridade em quem possui este dom magnifico, talvez de todos o mais rico em delicias do espirito!

Os seus olhos tinham reflectido os mais extranhos aspectos; entendia a belleza essencial, o sentido mysterioso e occulto de cada um d'elles.

Elle vira os templos monstruosos de Carnac, as grandes Pyramides do Deserto; mas vira tambem o Parthenon perfilando as suas columnas perfeitas sobre o céu fino e azul da fina Grecia.

Entendera a magestade de Miguel Angelo, e a graça fluida, um pouco amaneirada, das estatuetas de Tanagra; admirára e *sentira* a Venus de Milo e a *Eva* de

Rodin; vira correr na cidade gentil do *Lys Vermelho*, o Arno serpentina, ás margens do qual scismaram Dante, o Vinci, Brunelleschi, Donatello, e assentára-se á borda do mysterioso e augusto Nilo, vendo os ibis côr de rosa recortar com o vôo pesado, o ether vibrante, feito de chamma e luz. . .

Se Florença o seduzira com tudo que ella tem de encanto delicado e ideal, não o seduzira menos a aldeia bavaça onde fôra vêr representar a Paixão de Nosso Senhor (sendo hospedado segundo elle dizia em casa de Poncio Pilatos) ou a collina sagrada, Méca dos novos crentes, onde a trilogia de Wagner, ouvida religiosamente, lhê causara uma intensa commoção artistica de que vibrou longo tempo.

Vê-se como elle sabia, sem um vislumbre de pedantismo, fixar a imagem, nitida e perfeita de uma paisagem, de um trecho de Arte, de uma personalidade interessante. . .

Foi, hospedada em casa de Prado e sob a sua direcção de *cicerone* infatigavel e de tão raro e requintado gosto, que eu visitei Paris. Quantas horas incomparaveis eu recordo e quantas vezes espantei depois os meus compatriotas que frequentam Paris, provando-lhes que sob aquelle guia informado e seguro, eu vira mais n'um mez, que elles em varias viagens, mais demoradas todas do que a minha, á cidadê incomparavel.

Os velhos parisienses espantavam-se do que Prado sabia dos recantos, dos monumentos, das tradições, dos usos da sua capital.

Conhecia o actual e o passado. Estou ouvindo o velho guarda palreiro do Musêo Carnavalet, um dos mais interessantes que ha lá, dizer-lhe muito encantado:

Comme on voit que Monsieur connait à fond son vieux Paris.

E conhecia. Reconstituia com extraordinaria erudição o Paris da época revolucionaria, e recorde uma tarde passada com elle n'um terraço das Tulherias em que Prado me deu uma lição de historia, modelar.

Acompanhava a narração dos acontecimentos com a indicação precisa dos logares onde elles se tinham passado, e isto dava relevo e vida á descripção.

Depois, ao sahirmos do jardim, apontou-me para um padre que, muito quieto, sentado n'um banco, lia o seu breviario, e commentou este caso vulgar com aquella sua ironia philosophica do costume. Acabava de falar da Revolução, do sangue, das lágrimas, da guilhotina incansavel, trabalhando a pouca distancia de nós, da realeza justiça da, da religião proscripta e, olhando para o bom padre acrescentava: . . . «E tudo isto para quê? Para que d'alli a um seculo, n'este jardim, onde o sangue derramado deu mais seiva aos castanheiros, um dos que elles então proscreviam raivosos, leia muito serenamente o seu mesmo breviario, á sombra d'estas arvores pacificas.»

*

* *

N'esse Paris indifferente senão hostile aos estrangeiros, elle conhecia o entendedor authentico, onde a gente ir podia ver uma Tanagra verdadeira, uma estatueta de bronze antiga, sobre a qual não houvesse duvidas, um objecto da arte mais remota e mais genuina ao mesmo tempo.

A Chambolle, o encadernador, conhecido pelos grandes bibliophilos, e que trabalha consciencioso e sem *réclame* na sua modesta officina, levou-me elle uma tarde de que me lembro bem. A encadernação foi a arte preciosa e rara, protegida pelos reis, pelos principes, pelos potentados, pelos favoritos régios, antes de se democratizar como tudo se democratiza em nossos dias.

Aquelle artista, que vem magnificamente elogiado no livro de Huyssman — «A' Rebour» — continuava alli, nos tres palmos da sua casa, e acompanhado por um unico aprendiz, a tradição soberba dos encadernadores da Renascença e do seculo XVIII.

Que esplendidos volumes elle me mostrou, que encadernações adoraveis, em que o trabalho das suas mãos sobre o couro, sobre o pergaminho, sobre as mais variadas pelles, lembrava o trabalho infinitamente precioso e delicado de um joalheiro celebre, de um cinzelador genial. E Prado fazia-me admirar os mosaicos lindissimos, as sedas antigas maravilhosas, que revestiam volumes ornamentados de fechos esmaltados ou de cantos de prata oxydada, trabalhados a primor.

Elle nunca ia onde era natural que se encontrasse a turba multa. Sabia escolher os lugares a que conduzia aquella a quem queria iniciar nas bellezas superiores de Paris.

E museos, jardins, egrejas, bibliothecas, collecções celebres, esculpturas, fontes, como por exemplo a dos Medicis, no Luxembourg, que eu vi com elle, estatuas, *ateliers*, recantos escusos da deliciosa cidade, tudo isso eu entendi melhor porque a sua palavra informada e culta era auxiliar poderoso á minha faminta curiosidade.

A bibliotheca que Prado reunira na rua de Rivoli, na sua casa tão elegante e tão artistica, foi um dos meus encantos. Que escolha admiravel e em pequeno espaço, que thesouro, talvez inexcedivel, para um artista, para um escriptor !

Em Eduardo Prado havia gosto, erudição, talento, sabedoria e bondade.

Era um prazer delicado a sua convivência, era um seguro e fiel refugio o seu nobre coração !

E tudo isto acabou ! E a combinação, a harmonia extraordinaria de cousas, que se congregaram para produzir este exemplar superior da humanidade, desfê-la brutalmente o bacilo infame que penetrando-lhe no organismo lh'o dissolveu em 48 horas !

.....

Morreu no seu Brasil que elle amava tanto apesar das longas ausências que lhe fazia.

E para que no Brasil saibam quanto elle sentia bem os seus aspectos de belleza, acabo este estudo rapido.

que escrevi com os olhos cheios de lagrimas e o coração apertado de indizível saudade, arrancando a uma das ultimas cartas que tenho de Eduardo Prado esta deliciosa descripção de Pernambuco, aonde elle chegava a 1 de fevereiro ultimo, na sua volta ao torrão patrio, que para sempre guarda agora esse inquieto e incansavel peregrino, que a vista do largo mundo tanto interessava e divertia !

— «E' uma das cousas mais bellas do mundo a vista do Recife de Pernambuco, tal a póde ver quem do mar vier chegando, por um dia bem calmo como o de hoje, quando o mar está manso e verde com a sua grande franja branca de ondas, que se quebram contra o Recife.

«E quando os remadores bronzeados e herculeos largam o passageiro no ponto do desembarque debaixo da frescura das arvores da terra, a sensação é deliciosa.

«E bem interessante é sempre o passeio por aquella cidade clara e limpa á beira de lagunas, de rios, de canaes, muito branca, muito sócegada, com as suas casas de azulejos e de telhados vermelhos.

«Os hollandezes deixaram aqui uma parte de si proprios.

«Nunca passei por Pernambuco em pleno verão como hoje.

«Não se imagina que orgia de luz, de fructos multi-côres, de flôres e de passaros !

«E como são admiraveis estes fructos ! As frutas tropicaes são as unicas que teem character: tem côr, tem cheiro, e tem gosto accentuado.

«Gosto d'estas frutas mais que da insipidez das frutas do Norte das quaes a mais conhecida é a maçã.

«Dei um grande passeio pela cidade, li os telegrammas da Europa, todos cheios da morte dos dois velhos, Victoria e Verdi de quem se viam retratos por toda a parte.

— «Estamos entrando no porto da Bahia. Partiremos esta noite e no dia 5 poderemos estar no Rio.»

E' esta uma das ultimas cartas que recebi de Eduardo Prado ¹, uma das singularidades do qual consistia em escrever muito de toda a parte, menos das suas casas de habitação definitiva em Paris ou no Brazil.

.....

Diante da morte assim imprevista e brutal, é necessario curvar a cabeça, acatar o mysterio infinito que nos envolve.

Agora, a nós todos os que o conhecemos e amámos, só resta a recordação do que n'elle houve de bom e de imperecível.

A bondade não morre com a palavra e a acção de que se exalou, como se exala o perfume de uma flor. Fica como exemplo, estímulo e lição aos que a souberam apreciar e sentir.

A intelligencia não morre com a voz que a sabia ex-

¹ A ultima estava incompleta sobre a sua mesa de trabalho e foi me enviada pela inconsolavel viuva depois da morte d'elle. Essa é um precioso testemunho de tanto affecto, de tão immerecido louvor que não devo publical-a, intercalada em paginas por mim escriptas. Conservo-a com ternura e religiosa saudade.

primir em formulas suggestivas, fica a illuminar o entendimento dos que lhe aceitaram e conheceram a influencia, como luz mysteriosa accendida em desmornado altar.

A este Brasileiro que amou tanto Portugal, a homenagem sentida de uma Portugueza que é quasi filha do Brazil!

Cascaes — Setembro 1901.





NOS ESTADOS UNIDOS

IMPRESSÕES POLITICAS E SOCIAES POR OLIVEIRA LIMA

O Sr. José Verissimo, meu eminente collega n'este jornal, já consagrou ao bello livro de Oliveira Lima a extensa e luminosa critica que elle merecia.

Parece talvez pretensão que eu venha aqui versar o mesmo assumpto perante os leitores do *Jornal do Commercio*.

Mas o sr. Oliveira Lima lembrou-se tão amavelmente de mim, enviando-me o seu precioso trabalho e acompanhando-o de uma carta tão captivante e lisongeira, que seria ingratição não lhe dizer publicamente o muito bem que penso do seu livro, e o muito que aprendi ao lê-lo.

Ultimamente os Estados Unidos tem sido objecto de importantes e interessantes estudos no meio dos quaes este livro brasileiro faz uma figura honrosa e brilhante.

Cada escriptor que, depois de uma viagem mais ou menos longa na America do Norte, ou de uma permanencia ali mais extensa ou mais curta, nos tem dado o transumpto das suas impressões, escreve o seu livro sob o ponto de vista particular que o levou a tentar essa viagem e a fazer esse estudo.

Para Tocqueville, por exemplo, o problema democratico é que teve a principal atracção e o que lhe mereceu mais aturado meditar.

Bryce tambem pensou muito na fórma politica e social da nação que observou, deixando de parte outros dos seus aspectos. Bourget deu-nos um livro — *Outre mer*—que é um magnifico ensaio de psychologia social e um quadro admiravel de costumes; Madame Bentzon, é na obra da mulher, na influencia da mulher, no papel da mulher da grande Republica Americana que pensou principalmente,

Varigny tambem se preoccupa da mulher, com exclusão de outros assumptos.

O Visconde de Meaux estuda o catholicismo nos Estados Unidos e a esplendida victoria que elle tem alcançado ali sobre a disseminada fraqueza de seitas dispersas e contendoras.

O sr. Oliveira Lima tem um ponto de vista mais universal e mais sympathico. E' como Brasileiro que elle estuda, analysa, decompõe, discrimina as causas

que produziram essa obra colossal que é a civilização norte-americana.

A comparação que faz entre as instituições americanas e brasileiras, entre o seu funcionamento respectivo, entre as faculdades de uma e outra raça; o senso pratico com que só deseja acclimar no Brazil aquillo que não participa da fórma ingenita da raça anglo-saxonia; a imparcialidade com que nota os defeitos ou as fatalidades organicas da sua; tudo isto dá um valor grande e positivo ao bello livro que intitulou *Nos Estados Unidos*.

O livro, depois de uma introdução muito bem escripta em que o autor explica o impulso de raciocinado patriotismo que o levou para aquelle genero de estudos, abre com um capitulo intitulado o *Problema Negro* que é uma das sombras que ameaçam a futura tranquillidade da civilização americana.

Na sua defeza de raça, altiva como poucas, contra o cruzamento com outra a muitos respeitos inferior, a America foi mais longe, muito mais longe do que lhe impunham juntas, a Caridade que é de Jesus Christo, a Justiça que é de toda a humanidade.

Esse capitulo já foi brilhantemente analysado e refutado em alguns pontos pelo sr. José Verissimo, e portanto eu só accrescentarei que um preconceito tão ferozmente obedecido não me inspira a mim a menor admiração. O futuro dirá se elle foi uma causa de progresso ou um elemento de desordem insanavel para aquelles que no seu coração e nos seus costumes lhe deram inviolavel guarida. N'este momento pito mi-

lhões de negros, armados com os direitos de cidadãos, e com a instrucção que se espalha cada vez mais, e que elles adquirem nas suas escolas, nos seus institutos, nas suas universidades, — oito milhões de negros, digo, acampam nos Estados Unidos, sob o duro açoitê de um desprezo immerecido, sob a cruel perseguição que vae desde o desdem humilhante até ao *lynchamento* selvagem. Que fará o futuro d'esta legião de homens que vão progressivamente adquirindo aquelle grau de cultura a que o seu cerebro é accessivel? Não sabemos, não o sabe ninguem, e isto é, além de uma sombra, uma ameaça.

Estes homens serão mais tarde, na mão de um agitador de genio, que os entenda, que os ame, que lhes prometta a verdadeira alforria — a que resgata do ultraje immerecido — um instrumento revolucionario de primeira força.

O Brasileiro é possivel que ethnicamente tenha perdido, com a ausencia d'este odio de raça, mas não pôde deixar de dizer-se, que a fusão ali frequentemente feita de uma raça na outra, — que em intellectualidade lhe é inferior, mas que o não é em qualidades affectivas, em intuições poeticas, em graça mysteriosa e ingenua, — tem dado ao mundo algumas individualidades typicas de tão extraordinario brilho que não podemos do coração deixar de a abençoar.

E' que n'ellas as feições mais sympathicas das duas raças fundem-se em maravilhosa harmonia. O *não sei quê* que as differencia ninguem mais o possui, ninguem mais o realisa. As perolas de poesia que a sua

sensibilidade segrega não podem comparar-se, no brilho irisado do seu *oriente*, a nenhuma outra joia por mais bella que seja ! . . .

Então a poesia brasileira deve á completa ausencia d'esse feroz preconceito de raça alguns dos seus mais adoraveis, mais representativos artistas ! . . .

A' lyra em que vibra o seu genio nacional faltaria uma corda, talvez a mais supremamente sua, talvez a mais deliciosa e languida e plangente se taes artistas não tivessem existido ali ! . . .

*

*

*

No Capitulo segundo do seu livro que completa o primeiro porque explica a antipathia organica do anglo-saxonio *americanizado* por todas as raças que não sejam a sua, o sr. Oliveira Lima descrevendo com subtil criterio os *Effeitos da immigração* faz depender a superioridade incontestavel d'esta raça, justamente da sua força de resistencia á penetração de todas as outras.

A America do Norte é como que um vasto oceano, onde vem continuamente confluir as mais diversas e caudalosas torrentes de immigrants de todas as nações; e é ao mesmo tempo um cadinho formidavel, em que todas as raças, a slava, a celtica, a semitica, a germanica, se fundem em mysteriosa elaboração, produ-

zindo uma raça unica: a mais vital, a mais energica, a mais moça de todas ellas — a raça Americana.

Dos avós saxonios, essa raça tem muitas virtudes, muitas faculdades, muitos defeitos, mas tem outras cousas singulares que esses avós lhe não deram, e que constituem a sua potente originalidade.

Como exemplo deste dom mysterioso, que salva a America de se tornar um grupo de colonias de procedencias diversas e diversas raças, o Sr. Oliveira Lima cita Chicago, que é ao mesmo tempo a mais cosmopolita e a mais americana das cidades dos Estados Unidos; cosmopolita porque o elemento estrangeiro alli sobreexcede em proporção e mesmo em absoluto ao elemento nativo; americana porque em parte alguma as qualidades daquella raça, a audacia, o amor do colossal, a ponta de excentricidade na phantasia, se manifestam a mais crua luz.

Nova-York é mais britanica do que ella. Boston, Washington são mais apegadas ás tradições do passado.

*

* *

O livro do Sr. Oliveira Lima tem uma qualidade rara e superior: *faz pensar*. Poucos livros se publicam hoje que produzam este salutar effeito. Na trama mais ou menos cerrada do seu estylo substancioso, mas desigual, o auctor do livro *Nos Estados Unidos* tem a arte de

rasgar janellas amplas donde se divisam os vastos espaços do Pensamento e da Historia.

Ha nas suas paginas *aperçus* que são verdadeiramente preciosos, e trechos que eu gostaria de transcrever se m'ò permittisse o limitado espaço.

Analysando por exemplo a estranha dualidade que ha no fundo da alma anglo saxonica e que, em gráo ainda mais acrysolado, herdou o *yankee*, isto é, a dualidade em virtude da qual esta raça é ao mesmo tempo idealista e pratica, de um ardente mysticismo e de um mercantilismo aspero, Oliveira Lima formula esta synthese perfeita:

«Só conheço dous traços que façam um povo grande: o mysticismo e o mercantilismo, a feição idealista extrema e a feição positiva extrema, e para bem se vincularem as conquistas de um povo é mister que as duas feições se unam e se confundam. Carthago foi um Grande Emporio Commercial e cêdo se eclypsou. Roma foi como nenhuma nação pratica, mas a onda mystica do christianismo submergio-a. A Peninsula Iberica gozou de uma soberba vitalidade emquanto durou o esplendor de sua fé e em Pernambuco esta bateu mesmo com galhardia o espirito commercial da Hollanda: a auzencia de faculdade mercantil inutilisou-lhe porém os esforços herculeos.

Na alma slava veem-se todavia contemporaneamente combinados o mysticismo e o imperialismo — que não é outra cousa senão o instincto do dominio guiado pela ambição do ganho — com superioridade por emquanto do primeiro; e na anglo-saxonica encontram-se ambas

as características em maravilhosa união, e ali coo-
peram sem se confundirem.»

E' com estes traços rapidos que o autor do bello li-
vro sobre os Estados Unidos sublinha e como que illu-
mina todas as suas observações.

O mysticismo americano mais vivo e mais energico
ainda do que o inglez, toma uma fôrma especial para
se traduzir. Alli pullulam as seitas, accusando essa ener-
gia creadora dos processos pelos quaes o homem com-
munica com o eterno *au de lá*, e lhe interpreta as so-
nhadas revelações.

O Americano pôde ser ao mesmo tempo o homem
de negocios mais ferozmente ganancioso, e o fanatico
mais estreitamente o exclusivamente apaixonado pelo
seu crêdo ideal. Elle lá sabe o meio de fundir estes con-
trastes.

O mercantilismo da America tambem tem mais au-
dacia, mais fantasia, é mais desmarcado e mais ousado
que o da Inglaterra-mãe.

Mas ambas as faculdades foram herdadas do mais
remoto e obscuro fundo da raça anglosaxonia pelos
pelos seus directos descendentes.

*

*

*

Oliveira Lima lamenta, ou antes constata — o pro-
prio do verdadeiro critico é explicar e não lamentar—

que ao contrario do que succede na America do Norte, a immigração do Brazil menos caudalosa. tende, comtudo, a fazer desaparecer mais e mais o velho Brazil portuguez, o tradicional, o que, afinal de contas, nós Portuguezes, temos razão de amar como um filho nosso

No Brazil, S. Paulo italianisa-se ; no Rio Grande do Sul impera a immigração germanica ; o elemento africano muito forte tende a africanisar Pernambuco, Alagoas, Sergipe, etc.

No Brazil, portanto, a reacção violenta e nacionalista, nociva em quasi toda a parte, póde vir a exercer uma acção benefica, obstando á desnacionalisacção gradual desse paiz, que é tão vasto como a America do Norte e cujos recursos naturaes não são inferiores aos della.

A prohibição da entrada dos Chins no Brazil é sob este ponto de vista um grande beneficio. Tudo no mundo tem prós e contras, A indifferença do Brasileiro pela questão de sangue, se tem tido alguns resultados excellentes, póde ter grandissimos perigos. *O perigo amarello* deve ser evitado a todo custo.

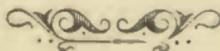
Desejava acompanhar minuciosamente o magnifico volume do Sr. Oliveira Lima através todos os seus capitulos tão substanciosos, cheios de factos, de idéas, de suggestões.

Não posso. Mais tarde fallarei da influencia da mulher nos Estados-Unidos, a qual por si só merece um artigo especial.

E' necessario pôr defronte dos olhos das mulheres brasileiras e portuguezas os milagres que á mulher americana deve o mundo e deve a civilisação.

Só á mulher compete o desbravar este rude chão que é a miseria e a desgraça. Só ella, em um grande impulso de piedade e de intelligencia, póde crear associações que combatam energicamente todos os vicios da moderna organização social. Amparar o velho, dár trabalho ao operario valido, educar o adolescente, salvar a criança, proteger as mãis, crear a *nursery*, o asylo, o albergue, a escola, a manufactura; distrahir, levantar, cultivar o espirito do povo, fazer os homens todos iguaes, não perante a sociedade, mas perante Deus e perante a moral: eis a bella, a gigantesca, a difficil empreza em que a mulher americana está empenhada, e pela qual ella resgata os seus defeitos de criança mimosa, muito acostumada a reinar despoticamente sobre uma sociedade de que ella é a suprema felicidade e o encanto inexhaurivel.

A' mulher brazileira, á mulher portugueza, compete conquistar esse papel superior, que a sua alta intuição da Vida e da Riqueza deu á mulher americana.



SEGUNDA PARTE



A EXCOMMUNHÃO DE TOLSTOI E A SUA DOCTRINA

NESTE momento historico, que o mundo atravessa, o que mais dóe e mais paralyza o entendimento é a desorientação completa, a anarchia mental em que nos debatemos todos.

Por que será que a aurora do seculo XX é tão profundamente nublada e triste? Por que é que após o seu triumpho enorme, alcançado no campo da politica, da sciencia, da industria, da philosophia, o espirito humano enriquecido de tantas acquisições novas, opulento de tantas noções libertadoras, capaz de tantas maravilhas não sonhadas, parece recahir de novo numa especie de lethargia dolorosa e morbida?

A injustiça, a licença, a ferocidade, a inveja parecem mais accesas que nunca em torno de nós!

De cada cousa, essencialmente boa, parece que só

sabemos colher o veneno occulto que de tudo que é humano, fatalmente se estilla.

Quanta tristeza neste mundo onde campeia infrene o mais temeroso desnorteamento !

Nisto pensava eu, a proposito da recente condemnação e excommunhão de Tolstoi.

Parece impossivel que haja uma sociedade constituida e forte, que de boa fé se julgue christã, e na qual não possam ter lugar nem a pessoa nem as doutrinas desse apostolo do Bem chamado Tolstoi. Se ha exemplo moderno de alguem que o mundo deva julgar digno de ter seguido as pisadas de Christo, quando elle prégava a sua doce doutrina pelas montanhas e pelos valles da Galiléa, esse exemplo é o do sublime sonhador russo, a quem ultimamente devemos o bello livro a *Resurreição*.

Tolstoi é, de mais a mais, no meio deste scepticismo moderno, corrosivo e desorganizador, em que os peiores se não pejam de vestir a libré convencional, que mais agrada ás turbas, e de fingir que seguem esta ou aquella bandeira, cujo abrigo mais vantagens sociaes lhes proporciona,—um espirito, além de eminentemente sincero, eminentemente religioso.

O que o distingue, porém, dos falsos religiosos que enxameiam no mundo é o facto de ter elle proprio feito a sua religião, expurgando-a dos erros e das superstições, com as quaes, mal ou bem, o seu espirito se não conformava.

A extrema sinceridade deste espirito manifesta-se claramente na sua vasta obra. Esta obra não é simples-

mente a de um homem de letras, de um escriptor, de um romancista. É alguma cousa de mais do que isso, e *differente* disso.

A obra de Tolstoi é a revelação de uma alma que, gradualmente e através de longos annos de observação, pensamento, experiencia, sondagem interior, contemplação da vida, vai adquirindo a mais ampla posse de si proprio.

Nos seus primeiros romances, puras obras de arte, de uma observação tão minuciosa e exacta, e de um relêvo tão intenso, Tolstoi conta o que viu. Depois começa a perceber a injustiça, a incoherencia, a iniquidade, a dôr desse mundo que via com os seus olhos de artista, avidos e penetrantes, e é esta a terceira phase do seu talento genial, aquella em que elle nos dá alguns dos seus livros mais emocionantes, taes como a *Sonata a Kreutzer* e *Katia*, e, finalmente, pergunta a si mesmo o por quê de tantos e tão perturbantes enigmas, e ei-lo que se lança a *corps perdu* na interrogação e na analyse do problema religioso, que é para elle uma eterna obsessão.

Esta preponderancia final dada por Tolstoi ás questões e ás idéas religiosas sobre todas as outras questões e idéas, se o fez merecer a nossa estima e o nosso respeito enternecido, diminue, portanto, consideravelmente a admiração esthetica que o artista nos inspirava.

Parece que o effeito de taes preocupações devia, porém, recommenda-lo aos moralistas e aos espiritos religiosos do seu paiz. O contrario é o que succede.

Tolstoi é condemnado justamente por ter querido

infundir sangue e vida nova n'esse cadaver insepulto, que é a Igreja orthodoxa moscovita. Essa religião bysantina, que estacou paralysada desde seculos, e para a qual só importam fórmãs, ritos, ceremonias cultuaes, gestos hierathycos, não admitte, não quer admittir que, uma alma como a de Tolstoi, interogue a historia, interroque o passado, se sature da leitura conscienciosamente feita nos Evangelhos, se colloque frente a frente perante o Divino Mestre que trouxe aos homens a Lei do amor, e diga á sua geração que é a voz de Christo que ella deve ouvir, se não quizer viver da morte e da podridão e se quizer insuflar vida nova, novas aspirações moraes, novo ideal de perfeição aos que vierem depois della !

A evolução que se deu na alma de Tolstoi, é das mais interessantes que o mundo conhece, mais interessante sob certos pontos de vista que a do proprio Pascal.

Esse não era, como Tolstoi, o pintor maravilhoso da vida real, da vida objectiva, esse não tinha sabido descrever como elle a vida exterior em toda a sua realidade, em toda a sua magnificencia, em toda a sua miseria ; esse não tivera a visão immediata do mundo, que dá aos personagens creados por Tolstoi todas as characteristics da vida, que lhes imprime uma individualidade tão palpitante !

Tolstoi pela sua obra multipla e varia, pela sua participação de creador e de artista em todos os mysterios da existencia humana, em todas as paixões mais ardentes da humana raça, pela representação magistral-

mmente executada pelo seu genio, de todas as idades, de todos os temperamentos, de todas as classes sociaes, de todas as especies de intelligencia e de moralidade, desde a mais rudimentar até a mais alta, de todos os acontecimentos pequenos ou grandes, de todos os factos quotidianos que constituem o viver dos mais cultos e dos mais ignorantes, Tolstoi era um destes psychologos maravilhosamente dotados, em cuja obra se reflecte um mundo, uma sociedade, uma historia !

Eis que um dia em pleno triumpho, em plena acclamação de um genio que é a gloria da raça slava, este homem ouve a voz, surda ao principio, retumbante depois, da sua consciencia, reconhece o *nada*, a insignificancia do que até aqui o transportava de transcendente gozo, e, deixando todós os thesouros accumulados pela sua intelligencia e pelo seu estudo, vota-se unica e simplesmente á resolução dos problemas mo-raes e religiosos sem a solução dos quaes o mundo tem de morrer em lenta asphyxia !

«Partir de obras litterarias, diz um critico de muito merecimento, que abraçam e manifestam todo o miraculoso espectaculo da vida; desprender-se pouco a pouco dellas, em virtude de uma lenta e surda angustia, de uma aspiração dolorosa a um ideal de virtude; hesitar durante algum tempo; contemplar ainda de vez em quando o mundo com enlevo e ternura irreprimiveis; lutar contra esta illusão de artista que amavá a sua obra; e por fim de lucta ingente contra si proprio arcar energicamente com os problemas de causa e de fim; esquecer da vida o encanto, a grandeza, o gracioso

reflorir de tanta energia indomita, para só lhe pèdir contas do sentido occulto que ella tem ; metter-se dentro deste circulo — de principio e de final — como um magico ; desdenhar as soluções verdadeiras por desprezo e impotencia da razão, e acabar como o solitario de Port Royal, construindo uma doutrina de simplificação, de mutilação de todas as obrigações sociaes, de renuncia a todos os appetites naturaes, ao amor da sua propria vida e do seu proprio ser, isto com a louca esperanza de excluir do mundo a guerra, a violencia, o mal em todos os actos humanos, taes foram as phases da transformação mental de Tolstoi, tal esse declinar de genio, cuja profundidade e cuja significação se póde medir comparando a epopéa grandiosa da *Guerra e da Paz* ás moralidades poderosas ainda, mas pueris, como o *Primeiro distillador* e a *Potencia das Trevas*.

*

*

*

Estas palavras têm de data mais de 12 annos. Pois bem, a evolução de Tolstoi foi bem mais longe do que este critico, aliás competentissimo, assignala e imaginou !

Tolstoi não ficou na phase ainda artistica, ainda auxiliada pela ficção, da *Potencia das Trevas*. Tolstoi escreveu a *Minha religião*, a *Minha confissão*, os *Evangelhos* !

A arte está bem longe destas ultimas producções de uma consciencia ardente, sequiosa na investigação da verdade e do bem!

Tolstoi abandonou a vida do imaginar, do sonhar, do pensar e do sentir, pela vida mais restricta, humilde e util da consciencia. Elle não pretende crear o bello, pretende apenas, no limite das suas forças, *achar o bem.*

É por esta investigação apaixonada que o castigam, é por esta preocupação sublime que o excommungam e expulsam.

Organisar a vida dando-lhe um sentido, uma alta significação moral, uma base de verdade eterna, eis o sonho ambicioso, sonhado pelo romancista genial, que o romance não podia contentar nem satisfazer.

Que lhe importavam a elle os *successos* litterarios tão cheios de falsidade, tão eivados de mentira? Por quê e para quê se escreve? Como prégar e ensinar um bem que se ignora, uma regra de vida que não se aprendeu!

Tolstoi tentou encontrar a felicidade e a paz na familia, na acção, na communitade de pensamento e de trabalho com os pobres, os humildes.

Mas nem trabalho physico, nem labor intellectual, nem gloria, nem felicidade o satisfazem. Alem de tudo isto, alguma cousa existe, que elle busca e não attinge!

«Sentia, diz elle, que a base sobre a qual a minha vida repousava, se diluia, que já nada podia suster-me, que aquillo de que eu vivêra deixára de ser! Procure; então longamente, dolorosamente, não por curiosidade

ociosa ; procurei sem indolencia de pensar, obstinadamente, noites e dias inteiros ; procurei como um homem que se perde e quer salvar-se, e não achei nada !...

« Emfim, succedeu que eu, homem são e feliz, senti que não podia viver mais ! . . . »

É depois desta crise enorme e sublime, quasi incomprehensivel para as almas mediocres, que nem buscam nem *acham*, que Tolstoi tratou de crear o seu proprio christianismo, independente da Igreja a que pertencia como Russo, mas directamente colhido na palavra doce, na palavra inflammada, na palavra divina de Jesus Christo !

Não se póde negar — e é essa a explicação logica da excommunhão que o Santo Sinodo lançou ao glorioso velho na ante-camara da sepultura — não se póde negar que é contra o espirito da Igreja que em nome de Christo se insurge Tolstoi.

A hostilidade do grande escriptor contra essa Igreja que o expellio do seio não se limita a uma divergencia de opinião sobre qualquer ponto particular. Não. É o seu espirito em geral que elle condemna, allegando para sua justificação que póde definir-se o espirito da Igreja orthodoxa da seguinte fórmula: « Aceitação litteral dos dogmas secundarios, esquecimento completo da essencia genuina do christianismo. »

A religião da Igreja é, segundo Tolstoi, um christianismo sem Christo. A religião de Tolstoi é, segundo me parece, lendo a sua obra: um christianismo sem Igreja !

Não é este o lugar proprio para adduzir os argu-

mentos de um e de outro lado e de tentar conjecturar de que lado está o verdadeiro espirito evangelico.

Para Tolstoi, o ideal da vida religiosa é o da completa humildade supprimindo todas as desigualdades, todos os orgulhos, todas as prepotencias; da paz universal supprimindo todas as guerras que separam os povos, todas as ceremonias com que a Igreja sanciona ou abençôa os instrumentos de morticinio, as guerras, as devastações gigantes de nações e de vidas; da completa pureza em que o casamento não fosse uma mercancia, o amor uma cousa que se avalia e se vende, a familia um contrato polluido desde a origem pelo dólo, pela fraude, pela má fé.

«Quando eu cheguei a comprehender o verdadeiro sentido da doutrina de Jesus, diz Tolstoi, experimentei uma alegria, uma felicidade, que a morte não pôde destruir.»

Mas poderá essa divina chimera realizar-se na terra, e não será verdade que Tolstoi, supprimindo o Estado, supprimindo a Igreja, supprimindo os exercitos, supprimindo a auctoridade sob todas as suas fórmãs, não crearia mais que uma anarchia e um cahos em que a especie humana tornaria a debater-se por longos seculos, antes de emergir delle, por uma nova reorganisação social, mesmo imperfeita, de todas as antigas forças aniquiladas e perdidas?

Não é praticavel nem realisavel essa doutrina social, religiosa, moral, que Tolstoi, através de temerosas convulsões de consciencia, construiu para seu uso proprio. Mas é justamente porque é inexequivel, porque

demanda dos homens uma dóse de virtude, de que elles são virtualmente incapazes, que tal locubração de um grande cerebro um pouco allucinado é inoffensiva na pratica e altamente interessante em theoria.

Este ideal inattingivel de bem, de paz, de fraternidade universal, de que o egoismo e as paixões naturaes á triste especie humana fossem totalmente banidos, nunca podia ser reduzido á realidade positiva; e portanto não era perigoso; eleva e conforta a alma pelas santas idéas que move e que traduz; e portanto não devia ser aspera e cruelmente condemnado.

Não sei, není pretendo saber agora, se Tolstoi tem razão no que tenta destruir e no que sonha construir de novo. Sei que não se imprime um estygma deshonoroso na fronte de um homem cujos 70 annos se consagram a amar os homens, a ensinar a doce lei da piedade humana, a proscreever o crime, a injustiça, a crueldade, o Mal!





QUO VADIS

HA mais de anno e meio, tendo eu acabado de ler, em traducção ingleza, feita na America, um livro que me impressionou muitissimo, de que ninguem na Europa latina ainda falava, livro que me foi indicado por um professor polaco, casado com uma senhora minha amiga, escrevi para este jornal um artigo, que os jornaes de Lisboa reproduziram, mas que ficou sem echo.

O livro, de que eu falava aos leitores do *Fornal do Commercio*, era o hoje celeberrimo *Quo Vadis*, o qual está já traduzido em todas as linguas, e tem, na traducção franceza sómente, o numero inverosimil de 125 edições!

Eis mais um exemplo flagrante de um factu, aliás

conhecidíssimo de quasi todos; isto é, que a lingua franceza é o melhor instrumento de propaganda e de transmissão que existe no mundo.

Uma doutrina politica, philosophica ou artistica tem de ser *repensada* (embora não seja inventada) pela França para fazer *le tour du monde*. Um livro qualquer de sciencia, arte ou ficção tem de ser adoptado pela França para se tornar universal.

Quo Vadis era conhecido ha tres annos, pelo menos, pela *élite* pensante da Italia, America do Norte, Inglaterra e Russia.

O grosso publico, porém, ignorava-o, desconhecia-o completamente.

De um dia para outro a França pega em *Quo Vadis* e traduz, aliás pessimamente, as suas paginas admiraveis, e *Quo Vadis* torna-se o maior successo de livraria de que ha memoria talvez!

O engraçado é que Italianos, Russos, Americanos e Inglezes começam agora a ler com avidez as traducções feitas nas suas respectivas linguas, depois da França lhes ter dito que era necessario ler *Quo Vadis*.

E as traducções esgotam-se, e a gente começa a estar farta de ouvir, de ler, de saber estas duas palavras latinas que correspondem a uma deliciosa lenda christã, mas de que ninguem sabia ainda ha pouco o sentido e a significação.

Felizmente eu salvo-me d'este *engouement* subitaneo com a prova, que dei ha mais de anno e meio, escrevendo para ahi ácerca do livro destinado a tão retumbante e extraordinario triumpho.

Quando os meus amigos polacos me faláram do livro eu tive uma tal ou qual desconfiança.

Pareceu-me que era o patriotismo que falava, na recommendação insistente que elles me faziam de ler o livro do seu compatriota.

Hoje o mundo inteiro sabe que razão têm os que admiram com fervor o talento de Henrique Sienkiewicz.

Levada pela onda tumultuosa d'esta admiração universal, eu quiz renovar em mim as impressões que a primeira leitura do bello livro me tinha dado. Tinha-o lido sem saber da grande celebridade que lhe estava promettida, e tinha-o admirado intensamente. Li-o agora em outro ponto de vista, li-o depois de saber que, pelo *veredictum* de um jury universal, este livro era o mais acclamado, o mais procurado dos ultimos 30 annos e que depois dos *Miseraveis* de Victor Hugo, talvez não houvesse um successo de livraria comparavel com este, e não achei injusta a paixão que o livro excita, nem exagerado o triumpho que elle tem conseguido alcançar.

*

* *

Com a minha mania raciocinadora eu quiz, todavia, perceber e analysar, decompondo-as, as causas que determinaram este enthusiasmo enorme e imprevisto. E venho participar com os leitores das idéas que este estudo me suggeriu.

E' sómente o extraordinario talento do autor que determinou a fama do seu livro? Não é. O talento de um escriptor não se manifesta em um unico dos seus livros, a não ser, como na *Manon Lescaut*, que esse livro seja uma auto-biographia disfarçada em romance. E a verdade é que os livros de H. Sienkiewicz não têm conseguido agradar, nem são lidos pelo publico, mesmo depois da estrondosa victoria do *Quo Vadis*.

O romancista polaco tem um talento poderoso e enorme, sabe pôr de pé, vivos, palpaveis, sentindo, amando, odiando ou soffrendo cada um dos seus personagens, mas não é este talento, que outros têm tido, que o grande Balzac teve como ninguem, que lhe dá repentinamente centenas de milhares de leitores.

Quo Vadis n'outro periodo d'este mesmo seculo, ou no seculo XVIII, por exemplo, não teria tido esta popularidade inverosimil, seria lido pelo publico que lê, o outro não o buscaria com esta ancia intraduzivel.

O assumpto; o modo por que o autor o tratou; a sêde de alguma cousa nova e pura que satisfaça em nós o instincto immorredouro da nossa especie, o instincto do idéal; a nausea horrivel que nos causa esta litteratura moderna, tão dissolvente e tão baixa: eis as causas principaes do *successo* verdadeiramente formidavel alcançado pelo livro que se chama *Quo Vadis*.

A erudição do autor é enorme; elle sabe tudo da velha civilisação pagã expirante, e tudo sabe tambem da nova civilisação que desponta, e a cuja aurora rubra de sangue nos faz assistir deslumbrados. Mas com

que requintes de delicado elle sabe *occultar* a sua enorme sciencia ! D'aqui a adaptabilidade do livro ao mais ignorante dos seus leitores, e o encanto extraordinario que elle tem para o mais erudito e o mais especialista em assumptos de archeologia, de arte, de historia !

Aquelle livro não teria podido ser escripto senão depois de uma longa preparação scientifica ; em pequenos detalhes descriptivos de cada uma das suas paginas estão condensadas, com maravilhoso poder de arte, leituras enormes. Os poetas e historiadores antigos, Tacito principalmente ; os archeologos e eruditos modernos ; os sabios da pesada Allemanha ; o alado espirito de Renan ; as medalhas, os bustos, os monumentos do passado ; todos os subsidios emfim com que a leitura, as viagens, os conhecimentos de arte, a critica historica podem auxiliar um espirito de romancista engenhoso e raro, tudo foi posto em acção para produzir este livro, que o mais *fastiento* dos leitores ha de adorar, sem que deixe de enlevar-se n'elle o mais simples dos homens.

Aqui está principalmente o segredo da sua prodigiosa e universal aclamação.

No architectar a lindissima ficção que constitue o romance, no crear dos typos inolvidaveis que, atravez das malhas douro dessa fabula encantadora, se movem com admiravel facilidade e com vida poderosa, o autor fala a todos os espiritos e a todos os corações. No estudo feito a fundo e ao mesmo tempo com mão tão elegante e leve da vida romana do tempo de

Nero, o autor chama a si todos os gostos, ainda os mais difficeis e refractarios.

A ficção é bem simples.

Mas a época em que essa ficção se passa é de um interesse empolgante e poderosissimo ; mas os personagens que nella se movem dão a cada uma das suas peripicias uma significação especialmente suggestiva.

A época de Nero é aquellá em que a civilisação romana expira em spasmos de voluptuosa e cruel agonia, e aquella em que o christianismo primitivo se revela ás almas simples, na singeleza e na pureza da sua moral libertadora e cheia de consolações divinas.

Para symbolisar a alma pagã nutrida pela philosophia e pela poesia hellenica , capaz de elevar-se, pelo amor apaixonado do Bello até á concepção do Bem, mas parando a meio caminho enleada na volupia dulcissima dos gozos sensuaes da Arte e do Amor, o autor escolheu Petronio, e essa figura de poeta e de elegante, de critico subtil e de perfeito dandy, é uma das mais encantadoras do livro *Quo Vadis*. Para que Petronio fosse uma creatura absolutamente adoravel, falta-lhe a noção de um destino superior além da morte, reservado á especie humana.

Mas não acreditando nelle, Petronio por desdém das cousas grosseiras, por intima repugnancia ás brutalidades da vida romana, conserva a pura flôr da philosophia grega na sua alma de requintado e de artista, tão capaz de amar o bello, e de entender os seus segredos subtis . . .

Em Vinicius, o soldado impulsivo, impetuoso e bru-

tal, acostumado a vêr ceder tudo á sua energica e dura vontade, Sienkiewicz quiz representar a alma romana, tal qual a fizeram seculos de omnipotencia sobre o resto da terra. E' esta alma imperiosa e feroz que o manso Christianismo vai quebrar, dissolver, modelar de novo em molde ainda ignorado.

O amor da virgem barbara, dada em refens á Roma dos Cesares, para a guardar intacta e pura, e pela Roma dos Cesares demoniacos, após longos tormentos e peripecias terriveis, transformada na doce martyr christã, que o circo infame, o monstro de milhares de cabeças, vio núa e desmaiada sobre as hastes do auroch rugidor, esse amor que principia como a furia faminta de uma fera e acaba no culto reverente de um devoto pela imagem da Virgem Santa é que é a chave que abre a Vinicius as portas da fé christã.

Se Vinicius não tivesse encontrado Lygia não teria talvez abraçado, nem comprehendido a religião de sacrificio de perdão e de amor, em que Pedro o iniciou.

Mas não é verdade tambem que o Christianismo primitivo achou na mulher o seu instrumento mais delicado e mais flexivel de propaganda e de catechese?

E não será essa verdade symbolica que inspirou o autor de *Quo Vadis* quando faz do amor de Lygia o caminho de Damasco do joven soldado romano, duro, inflexivel e cruel?

Outra figura immortal do livro é a do Grego Chilon.

Tenho ouvido comparar essa figura á de Verlaine idealizado tão superiormente por Anatole France no seu livro *Le lys rouge*.

Não acho comparação entre essas duas figuras, ambas de primeira ordem, como creações artisticas.

O Grego de *Quo Vadis* pela agilidade estranha do seu espirito, pela facundia inexgotavel, pela multiplicidade das invenções, pela espontanea rapidez das mentiras, tem um não sei quê do Ulysses do velho Homero com um bocado grande de perversidade adquirida em annos de perseguição, de miseria e de infortunio.

Perverso e intellectual, vibrante e imaginativo, converte-se finalmente a esse christianismo que não pôde deixar de interessar-lhe o alado e curioso espirito, habituado talvez desde os tempos de Agammenon aos *avatares* mais extraordinarios e ás transformações mais assombrosas.

A sua morte é um dos quadros geniaes deste livro magnifico! Em resumo: se não estivessemos em um momento de reacção idealista e de religiosidade intuitiva, *Quo Vadis* não teria, apesar do grande talento com que está escripto, a recepção triumphal que tem tido em todo o mundo.

Vindo nesta occasião, é o livro mais proprio para ser lido universalmente e universalmente acclamado.

Passa-se em lugar e em tempo que interessa estranhamente o mundo actual; retrata, em quadros de arte extraordinaria, a morte de uma civilisação que tem com aquella a que pertencemos, e a cujo agonisar estamos assistindo, pontos de contacto evidentissimos.

A' nossa, falta a ferocidade crystallizada em dogma official, mas não lhe falta nem o scepticismo, nem os requintes de voluptuosidade pagã, nem o amor do luxo

infrene e teñtador, nem o culto da força, accito pela philosophia e exemplificado pelos factos.

Descrevendo a Roma de Nero, salvas, já se vê, as distancias inevitaveis, o autor de *Quo Vadis* suggere muitas vezes o espectaculo dissolvente da Europa modernissima !

E, pintando o bruxulear ainda hesitante dessa nova lei que começa a affirmar-se em sublimidades de martyrios e em prodigios de heroica paciencia, não lembrará elle ás vezes os apóstolos que prégam agora aos povos esmagados pela dura necessidade economica, pelo militarismo—triumphante até na grande Inglaterra liberal,—pelo implacavel dominio do capitalismo sem consciencia, um estado social em que o maior numero não seja subordinado á minoria que o opprime e que o envilece ?

Taes são as graves questões, taes são os problemas de magnitude incomparavel, que a leitura de *Quo Vadis* suscita em alguns dos espiritos mais penetrantes e mais inquietos.

Outros, a maioria, contentam-se em admirar a graça lilial de Lygia, a força herculea e a fidelidade sublime de Ursus, a evolução interessantissima que leva Vinicius do brutal e perseguidor *desejo* pagão, até ao divino *amor* cheio de ternura e idealismo do christão convertido, que vê na sua amada, mais do que um lindo e appetecivel corpo, uma alma immortal digna do culto mais piedoso e puro.

Chilon e Petronio, as duas faces de um mesmo espirito radioso e multiforme, interessarão ainda alguns

pelo encanto de um e pela phantazia exuberante de outro. A vespa de ferrão venenoso e a abelha d'ouro avida do mel de todas as delicias, embriagáram-se ambas do succo de flôres brotadas em sólo hellenico.

Petronio fez dessa embriaguez um poema de estrophes luminosas, em que a arte se reveste dos encantos mais sensuaes, e a sensualidade do véo de gaze mais finamente tecida de luz; Chilon compoz a mentirosa trama de uma existenciã de astucia e de maldade, mas ainda assim tão cheia de atticismo e graça nas suas invenções e argucias que a gente tem prazer em vê-lo antes da morte remido dos crimes que á sua alma leve e inconsciente haviam de parecer de somenos valor, embora a nós nos pareçam tão negros. . .

Feliz, pois, do escriptor que, escrevendo em lingua quasi desconhecida, consegue alcançar uma fama universal em pouco mais de cinco annos; e que no seu bello livro sabe contentar o publico dos profanos e o dos iniciados, os fastientos e os criticos, e os leitores ingenuos, para quem um romance é sempre uma *historia que aconteceu*.





LORD ROSEBERY

(THE LAST PHASE OF NAPOLEON)

LORD Rosebery é um *grand seigneur* erudito e culto, intelligente, sagacissimo e excellente orador, chefe retirado do partido *whig*, herdeiro das mais bellas tradições d'esse liberalismo inglez que é honra da nação e honra da humanidade. Elegante e amigo do *sport* eminentemente britannico, Lord Rosebery ganhou já uma vez o *premio grande* (de Ascott creio eu) com um cavallo criado na sua magnifica coudearia. Tudo o que é bem genuinamente nacional na Inglaterra é representado por elle com dignidade graciosa. Lord Rosebery é um producto soberbo da civilisação do seu paiz.

Este creador de cavallos de raça é reitor de uma das Universidades de Inglaterra; este politico que foi activo

ainda ha bem pouco, e que conserva e exercita ainda hoje em pleno lustre o seu dom de orador eloquentissimo, é ao mesmo tempo um escriptor notavel. São estas as figuras representativas de uma raça e de uma sociedade !

O livro que elle acaba de publicar, é digno em tudo do nome que o firmou. Lord Rosebery, Inglez da mais velha aristocracia do seu paiz, e portanto guardador de todas as suas tradições, não hesita em condemnar asperamente com a eloquencia dos factos, que é de todas a maior, o Governo que acceitando, por fatalidade das cousas, o tremendo papel de carcereiro de Napoleão, soube apenas transformar o Attila, que todos então odiavam, pelo muito que elle opprimira e devastára a Europa inteira, no martyr que todos acabáram por amar.

Santa Helena foi para Napoleão a suprema purificação, a expiação tragica que fez esquecer todos os seus crimes, que pôz em realce mais vivo todas as suas grandezas. Sem Santa Helena, a *lenda napoleonica* não chegaria a formar-se.

O Inimigo supremo da Inglaterra é julgado, neste livro de um Inglez de pura raça, com uma justiça e uma grandeza de animo admiraveis. Nenhum Francez traçou do seu heróe um retrato tão sympathico. Depois da gente ler o volume consagrado á ultima phase desta grande vida, parece que se dilluem em lagrimas todas as manchas que a macularam.

E' acaso este livro uma grande obra da historia colhida em fontes ineditas, ou um grande trabalho de

philosophia historica, feito para fazer pensar, descobrindo novos espaços ao entendimento ?

Não, de certo. Mas é um livro perfeito no seu genero, pela lucidez da critica, pela imparcialidade dos juizos, pela clareza maravilhosa do estylo, pela generosidade admiravel da inspiração.

Divide-se em 16 capitulos de que dou a lista para que o leitor comprehenda assim melhor o plano que presidio á sua factura.

1.º *Litteratura.* 2.º *Las Cases, Antomarchi e outros.*
 3.º *Gourgaud.* 4.º *A deportação.* 5.º *Sir-Hudson Lowe.*
 6.º *A questão do titulo.* 7.º *A questão pecuniaria.* 8.º
A questão do captiveiro. 9.º *Lord Bathurst.* 10.º *As*
Dramatis Personae. 11.º *Os Commissarios.* 12.º *O Im-*
perador em casa. 13.º *As conversações de Napoleão.*
 14.º *As súpremas sandades.* 15.º *Napoleão e a Demo-*
cracia. 16.º *O fim.*

*

* * *

Os capitulos que vão de 1 a 10 são principalmente questões intimas de Santa Helena. Por elles se prova no emtanto com a mais rigorosa verdade historica, o que foi essa cruel existencia de Napoleão sob as garras do Governo inglez e do seu infernal agente *Sir Hudson Lowe.* Disputaram-lhe em miseraveis questiunculas de dinheiro as mais simples exigencias que elle tinha. Negáram-lhe ridiculamente o titulo de Impe-

rador, como se a teima pueril de um Ministerio de me-
diocres pudesse com esse titulo — que lhe fôra confe-
rido por um povo inteiro, e pelo proprio Papa, e que
lhe fôra reconhecido por todas as potencias á excepção
de uma, — eliminar tambem os annos de radiosa gloria,
de olympica omnipotencia em que Napoleão assom-
brára a humanidade, humilhando os Reis da terra !

Difficultaram-lhe as minimas distracções, não o dei-
xando sequer passeiar a cavallo — em uma ilha de que
toda a evasão era *absolutamente* impossivel — senão
acompanhado por uma escolta ingleza; o que o irritava
a ponto de o fazer cessar a unica distracção hygienica
que tinha.

Nada mais mesquinho, inintelligente, grosseiro e de-
sastrado, do que o agente escolhido para guardar esse
homem sobrehumano, cuja figura causa a admiração,
e seria mais tarde considerada uma creação da fantasia,
se da sua vida nos não restassem tantos documentos
de incontestada authenticidade.

Muitas pessoas escreveram a respeito de Napoleão em
Santa Helena, e é impossivel em tão curto espaço, como
aquelle de que disponho, resumir o que a respeito de
todos esses escriptos diz Rosebery.

Elle porém dá a preferencia ao *Diario de Gourgaud*.
Gourgaud foi um dos companheiros de Napoleão em
Santa Helena e um dos seus entusiastas mais fanati-
cos. Essa paixão era, porém, acompanhada de tal in-
veja dos outros, de tal ciume dos outros, de tal ancia de
absorver, elle sómente, a attenção e a amizade do ca-
hido gigante, que a convivencia com Gourgaud tor-

nou-se uma cousa impossivel, apesar do Imperador ter **dado** provas nas suas relações com o seu exigente servidor, de uma paciencia que destróe todas as lendas que existem a respeito da sua incapacidade de conter os impetos de máo genio e de colera.

Quando, pois, o Imperador tinha dado qualquer prova de carinho a Bertrand, a Las Cases, a Montholon, Gourgaud corria ao quarto e traçava no seu *Diario* phrases de insana furia contra o Amo que adorava!... E' tal, porém, a força de realidade que ha na paixão sincera, justa ou injusta, que, apesar de tudo, é no *Diario* de Gourgaud que se encontra o retrato mais sympathico e mais humano de Napoleão na ultima phase da sua estranha vida, tão grande em tudo, até na expiação e na tortura extrema!

Rosebery lamenta que Gourgaud tivesse deixado Santa Helena tres annos da morte do *Homem!* Esses tres annos tão cheios de interesse em que «tanto havia que aprender d'elle, nessa opporrtunidade suprema para que a alma se desnude, quando as vaidades e as paixões da vida esmorecem e se extinguem, antes de entrar na sombra infinita da morte».

«—Era então, face a face com a historia e com a eternidade que o *homem* teria de certo revelado o intimo do seu proprio ser, e confessado tudo que houve dentro d'elle, não sabido de mais ninguem».

Afigura-se-me a mim que neste ponto Rosebery se engana. Nas almas complexas, fóra de todos os moldes conhecidos, como foi a alma de Napoleão, houve por força uma porção enorme de *inconsciente* de que

elle proprio não podia dar a explicação, nem a chave.

Forças mysteriosas, forças cuja origem residia no mais intimo, no mais profundo da sua organização, forças hereditarias de que elle não tinha a plena consciencia e a revelação plena, actuáram nelle em phases distinctas da vida formidavel que viveu! Quando o agrilhoadado Prometheu de Santa Helena se deixava devorar pelo abutre de uma memoria infatigavel, torturante, invocava factos da sua vida, mas como podia elle *viver de novo* os pensamentos, as fugitivas impressões que o tinham dominado em horas irreparaveis do Passado!

Acaso o tenente de artilharia do arsenal de Toulon, era o mesmo que o heroe da Italia e do Egypto? Acaso o pretendente magro, macilento e melancolico das ante-camaras de Barras sentia o que sentiu o vencedor de Austerlitz e Marengo ou o protagonista das conversações imperiaes de Tifsitt? Não! Aquella existencia que participa do milagre pela extraordinaria elevação a que ascendeu, e pela obscura origem de que proveiu; aquelle Italiano de côr esverdeada e duro olhar, em que de repente acordou a alma de Cesar, e que realisou um destino ao pé do qual o de Cesar parece mesquinho, não teve, não podia ter em si uma tal *identidade de consciencia*, que pudesse, n'uma dada hora do seu final, abarcar todo o passado, com as idéas, os instinctos, os pensamentos, as circumstancias que o determinaram e que o suggeriram.

Napoleão não é um homem só!

E' vinte homens em successivas transformações. Por

isso é que ninguém chega a concordar a respeito do que elle foi, e ha tantos exemplares de Napoleão, quantas foram as almas que elle feriu com a luz que irradiava e em que elle fixou a sua imagem resplendente!

Parece que é este afinal de contas o pensamento de Rosebery quando diz com tanta verdade a respeito do heroe do seu volume admiravel:

«Porém mesmo sem a ultima revelação que elle podia ter feito e não fez, é para Santa Helena que o mundo se voltará sempre que aspire a sondar um dos aspectos do grande problema humano que foi Napoleão. Porquê problema elle foi e será eternamente.

.....

«Em vão tentaremos penetrar o segredo d'este prodigioso ser. A despeito de toda a sondagem, de toda a analyse, o que elle teve de mysterioso ha de provavelmente ficar sem decifração e sem solução.

«Uns dirão que isto succede em virtude da complexidade que n'elle houve; outros dirão que não haverá solução para esse mysterio justamente porque tal mysterio não existe, e houve alli apenas o jogo e a successão de phenomenos de um cego destino.

«Quanto á complexidade do problema e á variedade do homem, ninguém as põe em duvida. Mas o estudo ainda que seja illusorio, será para sempre absorbente. Ha de haver sempre alchimistas e ha de haver sempre investigadores do caracter de Napoleão. Nem póde isso parecer estranho. Elle tem tão multiplos as-

pectos, é tão luminoso e brilhante, que irradia luz de uma multidão de facetas.

A's vezes inventa, ás vezes diz cousas perigosamente proximas da insensatez, ás vezes é pueril, theatral ou quisilento ; mas em geral, quando se penetra até ao homem em si, é intensamente e profundamente humano e interessante.»

*

* *

Muito desejaria transcrever para aqui trechos admiraveis do volume de Lord Rosebery. Não me permite o espaço, que infelizmente restringe estes ensaios e estudos.

Bom será que o leitor procure lêr o livro.

Alli conhecerá as figuras dos que acompanharam Napoleão á ilha inhospita, e alli permaneceram, uns todo o tempo; como Bertrand, outros por um espaço maior ou menor.

Saberá ahi a vida que o prisioneiro de Santa Helena levou durante seis annos.

Como elle, para enganar a actividade febril que o devorava em vão, procurava distrahir-se montando a cavallo, jardinando, criando animaesinhos domesticos, dictando e lendo.

Lendo sobretudo. E' absolutamente extraordinaria a quantidade de volumes que elle devorou em seis annos. A sua occupação continuada foi durante esse tempo a leitura.

A Biblia, os poetas da antiguidade em traducções, Milton, Hume, Racine, Ossian, Corneille, Voltaire, as *memorias* todas que tinham sido publicadas até o seu tempo, tudo elle lia, com vertiginosa rapidez como sempre fizera tudo.

As suas conversações são o mais das vezes soberbas de pittoresco e originalidade! Muitas vezes architecta destinos extraordinarios que podia ter e que não teve, e n'essa occasião é para o Oriente que se volta o seu espirito, como o espirito de Alexandre que elle ama ainda mais do que a Cesar, e do qual parece ter-se aproximado mais! *Imperador do Oriente*: Esta visão deslumbradora apparece de vez em quando ante o olhar melancolico, — apagado pelo soffrimento da sua lenta morte de seis annos, — do Captivo de Santa Helena, agrilhado ao seu rochedo no Atlantico.

Por que voltou elle do Oriente ?

Podia alli ter realisado um destino magnifico !

Só o capitulo intitulado *As conversações de Napoleão* requeriam um longo artigo de transcripção e de commentario.

O capitulo intitulado *O fim* é o mais bello de todos. Tem trechos de uma sobria grandeza a que a lingua ingleza dá singular realce. Referindo-se á chegada a Paris dos restos de Napoleão diz assim :

«Foi então que o morto conquistador fez a mais magestosa de todas as entradas na sua capital. N'uma áspera manhã de Dezembro, o Rei dos Francezes, cercado pelos Principes, pelos Ministros, pelos esplendores todos da França, esperava sentado, em magestosa

pompa, sob a abobada dos Invalidos, pela chegada do cadaver. Subito um camarista apparecendo á porta annunciou em voz clara e vibrante: »*L'Empereur*» como se fosse realmente o soberano vivo que chegava!

«A vasta e illustre assembléa ergueu-se em commoção profunda quando o corpo appareceu lentamente conduzido. Não podiam os espectadores conter as lagrimas ao comprehenderem a significativa, a tocante grandeza d'aquella scena!

«Atrás do caixão caminhavam os exilados sobreviventes de Santa Helena; a Bertrand coube o privilegio indisputado de conduzir a espada do seu Imperial Senhor.»

*

* *

Parece dos tempos antigos e é de hontem esta scena magestosa de tragica belleza!

Bastava ter dado á França a possibilidade de tantas visões de gloria, para que a epopéa napoleonica não seja nunca para a França senão a pagina mais brilhante e mais querida da sua existencia nacional. Pode soffrer muito quem conheceu a embriaguez d'aquella hora de orgulho!

Terminando o seu livro de paginas tão perfectas e tão bellas, tanto mais bellas porque são escriptas por um Inglez, a respeito do inimigo da sua nação e da sua raça, e no momento em que à Inglaterra admittê difficilmente que lhe digam duras verdades, pois que ella

propria está presa d'aquella loucura *cesareana*, igual á loucura que perdeu Napoleão, quando, chegado ao apogeu do seu destino, se julgou acima das leis, das condições, das contingencias da Humanidade, — terminando o seu livro, Lord Rosebery faz a respeito de Napoleão umas poucas de perguntas de definitiva importancia.

A ultima reza assim, e é assim que elle responde :

«Era Napoleão um grande homem ?

«Eis uma pergunta que, apezar de simples envolve definições.

«Se por *ser grande* se entende a combinação de qualidades moraes com as qualidades do intellecto, certamente que Napoleão se não póde chamar Grande.

«Mas que elle foi grande na accepção de extraordinario e de supremo, isso não soffre a mais pequena duvida.

«Se a grandeza significa potencia natural, supremacia, alguma cousa de humano além da *humanidade*, então Napoleão foi, certamente, grande. Além d'essa indefinivel scintella que se chama o Genio elle representa uma combinação de intellecto e de energia, que talvez nunca fosse igualada, que nunca será, de certo, excedida.

«Elle levou a virtualidade humana até ao ponto mais remoto de que nós tenhamos conhecimento exacto.

«Alexandre é um prodigio longinquo, longinquo de mais para uma comparação precisa. A Cesar póde applicar-se a mesma objecção. Homero e Shakespeare são nomes impessoaes (!). De todas essas grandes fi-

guras podemos dizer que não temos conhecimento perfeito. Mas Napoleão viveu debaixo do microscopiô moderno. E, debaixo do mais avido e feroz dos olhares de investigador, elle alargou indefinidamente os limites da concepção humana e das humanas possibilidades.

«Até elle ter vivido ninguem concebia que pudesse haver uma combinação tão estupenda de genio militar e de genio civil; tal comprehensão de vistas, unida a uma tão apertada apprehensão de minimo detalhe; tão prodigiosa vitalidade de corpo e de espirito.

«*Contrae a Historia e expande a imaginação*, diz d'elle Madamè d'Houdelot.

«Elle lançou a duvida sobre todas as passadas glorias, diz Lord Dudley, e tornou impossivel toda a gloria futura.» Isto é uma hyperbole, mas com substancia de verdade. Nenhum nome nos dá tão completamente e tão grandiosamente a sensação do poder, de esplendor e de catastrophe.

«Levantou-se a si proprio e a si proprio se precipitou pelo uso e pelo abuso de faculdades além do humano.

«O que o fez sossobrar foi a extravagancia do seu proprio genio.

«Foram necessarias energias tão grandiosas para realisar a sua ascensão, como para effectuar a sua queda!»

*

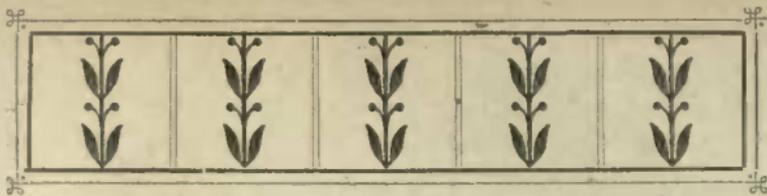
*

*

Depois d'isto, tudo está dito e tenho pena de não poder dar na traducção a energia soberana da ultima phrase que é em inglez: *No less power than those which effected his rise could have achieved his fall.*

E o que é extraordinario é ser um Inglez que o diga, um Inglez que hoje, no delirio das grandezas em que a Inglaterra se está exaurindo formidavelmente, tem a coragem de oppôr uma intelligente e dolorosa duvida á obra perigosa, á obra anti-patriotica e anti-britannica em que Chamberlain metteu a sua nobre nação!





O ROMANCE DE UM FANATICO

PROMETTI ha tempos conversar com os meus leitores ácerca de um livro que tem dado logar a interessantíssimas discussões, dentro e fóra da Inglaterra, pela qualidade e pela ordem dos problemas que levanta, sem os resolver, e pelas idéas que move, sem se pronunciar sobre ellas de um ou de outro modo.

Este livro chamado *Helbeck of Bannisdale* (o que é um appellido de homem e não titulo de propriedade) é firmado pelo nome já famoso de uma mulher de grande talento: Mrs. Humphry Ward.

E' um romance *à these*, o que eu acho detestavel; mas a these é tratada á moda das mulheres, sem logica e sem coherencia, o que permittio que o livro fosse encantador.

Alan Helbeck, senhor hereditario do solar de Bannisdale em Westmoreland, — paiz de pantanos, de montanhas, de charnekas e de lagôas, ao norte da brumosa e humida Inglaterra —, é o descendente de uma longa linhagem de catholicos, despojados pela Revolução de todas as honras e empregos que a aristocratica nação confere, como o mais invejado dos privilegios, aos seus barões e senhores.

Na *torre* desmantellada, em torno da qual se agruparam posteriormente mais edificações supplementares, têm vivido e morrido umas poucas de gerações fieis ás velhas crenças e aos velhos idéaes, e profundamente modificadas do typo anterior, pelas circumstancias que as annullaram para a vida militar e para a vida civica do paiz.

Com as paixões, com as lagrimas, com as alegrias e com as dôres d'essa ascendencia remota ou proxima sente-se Alan por assim dizer solidario.

Todos elles concorreram para formar esse melancolico e austero asceta, de grande ar e *toilette* quasi sordida, que hoje, como nos antigos tempos da gloria e dos amores, ou de revolta e de martyrio, se chama *Helbeck of Bannisdale* — o velho nome e o velho patrimonio.

Os catholicos da Inglaterra foram, desde os tempos iniciaes da Revolução até aos tempos ainda recentes da emancipação liberal, os párias a quem era defeso o gozo dos maximos prazeres que existem para o orgulhoso saxonio: o gozo de mandar, de julgar os seus pares, de votar os seus impostos, de imperar na poli-

tica, de sentir-se identificado emfim com os destinos da sua grande nação.

Quando a emancipação dos catholicos foi proclamada, nem o pae de Helbeck, nem elle depois, a quizeram aproveitar.

Le pli était pris. Se o Estado tinha vivido até alli sem a collaboração de tantos dos seus filhos notabilissimos, sem a collaboração dos fidalgos de *Bannisdale*, continuaria a viver do mesmo modo d'alli em diante.

Helbeck não quiz entrar na intensa e empolgante vida politica do seu paiz.

Entre elle e os seus ascendentes havia como que uma estranha identificação indestructivel.

A sua natureza propria e o espirito de sua raça eram partes do mesmo todo indivizivel.

As angustias, as miserias, as perseguições que os avós tinham padecido, as suas culpas, a sua fidelidade quasi irracional a uma ordem de cousas extincta, até os vicios que, d'essa maneira de viver isolada e esteril lhes tinham provindo, lhe inspiravam a elle veneração e ternura.

Das circumstancias especiaes em que o catholicismo ficára na Inglaterra desde o desthronamento do ultimo Stuart, se fizera justamente tudo que os tinha caracterizado a elles em bem e em mal.

Alan fôra, é verdade, influenciado por uma nova orientação da Igreja; as suas relações com a Companhia de Jesus, da qual fôra discipulo, tinham-no ligado a um catholicismo mais europeu, mais militante, mais fecundo em obras, que esse catholicismo, ou de resis-

tencia ou de branda rotina, que fôra o da raça empobrecida e fundamente enraizada no solo provincial, de que elle descendia.

Mas ainda sob esta acção mais civilisadôra, que o punha em communhão espiritual com um mundo mais vasto e mais complexo, elle ficára o mesmo.

O seu orgulho de familia, exacerbado pelas injustiças padecidas; a sua consciencia da antiga e nobre estirpe maltratada, juntamente com os estimulos e obrigações que taes idéas impõem, tinham crescido nelle, e com elle, acabando de affeiçoa-lo sob uma fórma inalteravel.

A casa em ruinas, o jardim desolado, onde cada canteiro, cada alameda estavam ainda como no tempo em que o Helbeck, que os planeára e desenhára, se tinha recusado a submetter-se á formalidade conhecida pelo nome de *the test act*, e perdêra, portanto, o seu lugar no Parlamento; os recursos cada dia mais mingoados que votava, ainda assim inteiros, a obras de caridade e de religião estreitamente confessionaes; a sua existencia de ermita, toda ella mortificações, humilhações, jejuns, sacrificios secretos: — eis o que bastava a preencher-lhe e a satisfazer-lhe as ambições, pois da vida nada mais queria.

Por longos annos nutrira o desejo de se fazer jesuita, e a não ser um filho humilde de Santo Ignacio, o que elle gostava de conservar-se e de sentir-se; era um Helbeck — tanto mais feliz quanto mais pobre e sacrificado — com essa longa linhagem de avós atrás de si; vendo a grandeza da sua fé e da fé que elles tinham

professado a illuminar-lhe o horizonte e a prometter-lhe o céu!

O seu nativo Westmoreland, triste debaixo de um ceu pesado e plumbeo, umas vezes illuminado pelos argenteos cambiantes da luz coada pela neblina, outras esmagado sob o turbilhão cyclopico do encastellado nevoeiro, que a ventania brava do mar impelle para a terra como que para asphyxia-la; as charnecas de urze; as montanhas; os pantanos; as lagôas; as rapidas primaveras cheias do aroma dos narcizos em flor: a melancolia emfim daquelle paiz de contrastes, em que a agua ora se estagna em terras alagadas, ora corre em riachos profundos para o mar, enriquecendo aqui e alli de basta verdura as vertentes e os valles, ora põe notas verdes e cruas nas pastagens extensas; em que a atmosphaera salina tonifica os corpos e revigora os corações:—todo este paiz emfim exercia nelle uma seducção profunda, que lhe vinha de todas as suas tristezas e de todos os seus pallidos sorrisos de luz!...

No seu catholicismo um pouco estreito e formalista de discipulo dos jesuitas modernos, havia em Alan uma grande obediencia a todas as prescripções do dogma, a todas as disciplinas do ritual; mas como o grande inimigo hereditario, o velho orgulho indomito, se lhe revolvia lá dentro em continua revolta, com a energia de um instincto já secular — o que elle queria era disciplinar-se pela humildade, pela humilhação permanente de todos os seus sentimentos e paixões.

E humilhava-se diante dos homens — elle, proprie-

tario de um velho palacio historico — despindo-o dia a dia do mobiliario artistico que o enriquecia, dos apainellados tectos de carvalho, das *boiseries* de talha de alto valor, das tapeçarias de liça, dos quadros, das obras primas, para com esses despojos de um luxò terrestre e impio, construir asylos e escolas catholicas; sujeitando á influencia clerical que continuamente o envolvia, com invisivel rêde, todos os seus pensamentos e acções; andando mal vestido, elle, que tinha o instincto indestructivel das elegancias aristocraticas; expondo-se aos commentarios ironicos dos vizinhos, elle que era orgulhoso e colerico ás vezes. . .

Humilhava-se diante de Deus nos jejuns, nas mortificações, nas rezas, na meditação quasi ininterrupta dos livros mais mysticos, da vida dos Santos mais embebidos na visão beatifica da perfeição, e mais soltos de todos os liames que prendem á terra a humanidade tão ephemera e tão fragil.

Para Alan Helbeck, o asceta clerical — cousa que nem sempre se encontra reunida — não havia salvação fóra do gremio da Igreja.

Era inflexivel na logica ardente de uma fé de inquisidor.

Este character muito inglez, apesar do catholicismo que o desnacionalisa um pouco, interessa profundamente, embora deva accrescentar-se que não ha nelle uma fundamental verdade humana.

A autora, mulher de grande talento, mas tendo vivido em um meio protestante, não pôde estudar bem a fundo a influencia, que uma devoção de tal modo es-

tricta, exerce no organismo humano. Não percebeu pois que tal fé esterilisa uma alma para tudo que não seja o seu sonho egoista de salvação eterna.

Na triste mansão senhorial resta apenas, como ultimo vestigio da riqueza extincta, mas vai vender-se para fundar um novo asylo—um retrato de Romney, retrato de uma linda avó de Alan, vestida de branco, «leve como uma flor ao sôpro da aragem», de olhos dilatados e ardentes como que acolhendo uma phrase de amor.

E essa avó que vai partir, attrahe talvez mysteriosamente, outra creatura de graça, de poesia, de instincto vivaz, e de riqueza de temperamento indomito.

A irmã de Alan, havia doze annos que, para fugir áquelle meio ascetico, tinha feito um destes casamentos de acaso, que tantas vezes fazem na vida os que se sentem muito desgraçados na casa em que nasceram.

Um pobre professor de Cambridge, com quem ella casára, tinha sido para a insignificante creatura bom, affectuoso, fraternal.

Depois, sentindo-se morrer e vendo ao seu lado uma mulher muito doente, muito fraca, sem energia para arrostar com os males da existencia, chamou a filha que tivera do seu primeiro casamento, e que fôra o seu supremo enlevo na terra, e confiou-lhe a madrastra miseravel.

Laura sentê-se na obrigação de não deixar esta madrastra senão no solar da sua mocidade, reconciliada com o passado, feliz de ver-se restituida ao irmão. E por esses motivos,—ella que todas as recordações do

passado, todas as offensas que o desdem de Alan inflingira ao orgulho morbido do pai, deviam fazer e tinham feito irreconcilliable adversaria daquelle,—acompanha ainda assim a Bannisdale a triste invalida, meia imbecil, de quem é enfermeira desvelada, e cuja regressão ás praticas, a seus olhos supersticiosas e pueris da velha fé, a tinham penetrado de uma indulgencia ironica e desdenhosamente hostil.

*

* *

Quem era Alan já eu tentei explicar ao leitor. Vejamos agora quem é, donde veio, essa creatura que entra — branca sob a matta espessa dos cabellos ruivos, fascinante e seductora como a tentação — na casa solitaria, núa, desalinhada, onde vive entre resas e jejuns o discipulo ardente de Santo Ignacio, o mystico abysmado em meditações da bemaventurança. . .

Para o velho pai que a adorára, a preocupação do *au de lá* nunca chegára a existir um momento; por isso sem incutir systematicamente á filha a sua incredulidade absoluta, elle tinha-a deixado crescer sem uma unica noção religiosa, como cresce uma avezinha, como cresce uma flor.

Laura não raciocinava o seu perfeito atheismo. Não pensava nelle.

Aos sectarios detestava-os a todos, porque attribuia

aos sectarios, que em Cambridge enxameavam tambem, a completa fallencia da vida social de seu pai. Elle fôra um *vencido* por causa dos odios e das perseguições com que os sectarios o tinham torturado sempre, em bargando-lhe todos os caminhos, atravessando-se-lhe em frente de todas as ambições.

E a generosa creança, odiava-os a todos, por esta illogica paixão que inspira a mulher que ama, quando vê perseguido ou martyrisado o sêr do seu amor !

A sua attitude diante de Alan Helbeck, é de provocação, de colera, de revolta desdenhosa.

Nada a atrahe no concentrado fanático, todo devotado a pensamentos de além-mundo.

E' uma pequenina pagã educada nos cenaculos *agnosticos* de Cambridge; tem o amor exaltado das bellas cousas; a Natureza com a belleza idyllica, com a graça risonha, ou com a tremenda magestade, e a desoladora tristeza dos seus aspectos, basta para embriaga-la como o vinho mais capitoso; o amor attrahe-a como o supremo fim e a suprema curiosidade da vida; não ha um unico dos instinctos com que o provido Creador enriqueceu as creaturas, que lhe não pareça a ella — a pura creança ignorante e sonhadora — um thesouro de que se devem preciosamente extrahir os filões de ouro virgem.

Toda *ella* é ardor, curiosidade, orgulho indomito, toda ella é amor, vida, férvida aspiração á luz, á felicidade, á plena realisação de todas as faculdades latentes em cada ser humano. Todo *elle* é humildade, sujeição, medo e horror á Natureza tentadora que

perde e que transvia do caminho da salvação eterna as almas que lhe escutam a perfida e traiçoeira voz!

O livro escripto com um poder de estylo empolgante é o duello destes dous temperamentos, o conflicto destes dous caracteres, a lucta destas duas consciencias, que tudo separa, e que o Amor tyrannico, irresistivel, fatal, precisa de fundir em um só.

Ha momentos em que o homem parece vencer ; ha momentos em que parece vencer a mulher !

Finalmente, como duas naturezas destas são irreductiveis uma pela outra, impenetraveis uma á outra, ella que o ama, mas que sente que de ama-lo vai lentamente morrer, foge pelo suicidio ao terrivel carcere dessa paixão dominadora, e dessa casa inhospita, onde o fanatismo assentou os seus arraiaes, e onde a livre expansão do instincto é o crime irremissivel, que não tem perdão !

*

* *

Se me perguntam a moral deste livro dir-lhe-hei que lhe não encontrei nenhuma. E' provavel que a autora ao principial-o tencionasse propor uma these, ou resolver um problema moral.

Não o conseguiu. Mas fez o livro mais encantador que eu tenho lido ha muito tempo. Um livro em que ella tencionou metter muita theologia e poz apenas muita paixão ; em que quiz estudar doutrinas religiosas,

e pintou deliciosas paisagens de uma frescura involvidavel; em que desejando ser uma intrepida discursadora sobre exegese — foi simplesmente uma alma de poesia e de graça!

As varias descripções da paisagem do norte na Inglaterra, a manhã de primavera, em que a heroína, em um passeio longo que vai dar, encontra um prado todo elle cheio de violetas e de narcisos em flôr; a melancolica austeridade da velha casa, empobrecida, a figura divina de Laura, a figura austera de Helbeck, são outras tantas maravilhas de talento artistico e creador!

O livro, pelo assumpto em que toca, tem excitado ardentés polemicas de moral religiosa; eu vi nelle sómente uma obra prima devida á penna gloriosa de uma mulher.





«O CHRISTÃO», POR HALL CAINE

(A PROPOSITO DE UM LIVRO INGLEZ)

UM notavel romancista inglez, de raça escos-seza, Hall Caine, publicou ultimamente um livro que tem chamado a attenção da critica em todos os paizes do Norte, embora os latinos continuem a ignora-lo, naquella sua absoluta e desdenhosa inconsciencia de tudo que pertence ás raças que, ainda como os seus avós romanos, elles tem interiormente por *barbaras*.

E' só depois de muitissimos annos terem passado sobre uma obra russa, allemã, inglezã, norueguesa, que a critica franceza, por exemplo, se digna reconhecer-lhe a existencia.

E no emtanto, na Allemanhã, na Polonia, na Noruega, na Dinamarca, na Russia, na Inglaterra — em todos os

paizes celtas, germanos, slavos, anglo-saxonios — que pullular extraordinario de creações litterarias, de dramas, de romances, de poesias, de trabalhos de critica, de philosophia, de historia, de exegese ! Que movimento vertiginoso de idéas ! Que vida cerebral intensissima ! . . .

A clara e simples litteratura latina continua a manter as suas bellas qualidades de logica, de limpida elegancia, de estylo perfeito e amplo.

As obras do Norte têm uma desordem *touffue*, uma falta de harmonia e de clareza que as tornam inacessiveis a muitos espiritos ; ha nellas meandros, labirintos impenetraveis ; prestam-se a uma diversidade de interpretações que fatigam o nosso cerebro, amigo, antes de tudo, da simplicidade e da harmonia ; mas não se póde negar-lhes a profundeza da concepção, a seriedade com que encaram o problema da vida na multiplicidade infinita das suas faces, a aspiração que revelam a excitar e estimular o pensamento de quem as lê, e sobretudo a acção benefica que exercem, fazendo-nos meditar, acordando em nós faculdades adormecidas, na rotina de uma vida sem accidentes e de uma litteratura sem grandes ideaes.

Para a França, para a Hespanha, para a Italia, para nós, Portuguezes e Brazileiros, a litteratura de imaginação — romance, poesia ou drama — tem invariavelmente o mesmo assumpto — o Amor.

Ora, a complicação crescente da vida moderna tende na realidade a dar ao Amor — tal qual a phantasia latina o creou, por assim dizer em uma elaboração que

vem da Idade Média até hoje—um lugar muito subalterno na hierarchia de problemas que nos assoberbam!

O Amor é uma planta de luxo que a litteratura — transplantando-lhe o germen immortal de vida para a sua estufa *surchauffée* — fez degenerar, da primitiva simplicidade, para uma hybrida e monstruosa creação, que já não póde reproduzir-se felizmente, porque attingio o limite de enfraquecimento e de artificialidade, que a faz, sem remissão possivel, um organismo esteril. O proprio excesso do mal tem em si o seu remedio.

A litteratura já não póde viver do Amor. E' necessario que ella ache outro alimento e outro assumpto.

E depois, existe já porventura o *Amor*, nessa litteratura que faz ainda d'elle o seu falso idolo?

Que tem esse artificial e morbido capricho, sempre ephemero, sempre rapido, que a phantasia pervertida dos modernos romancistas, dos modernos dramaturgos da Europa latina attribue invariavelmente aos seus frouxos e insignificantes protagonistas, que tem isso com qualquer das fórmulas pelas quaes o *Amor* ainda póde impôr-se á nossa imaginação ou ao nosso sentimento—isto é, com o affecto poderoso e calmo pelo qual o homem e a mulher, formando a unidade social se enlaçam para arcarem juntos com a lucta asperrima da vida e perpetuarem com a sua raça, o que de melhor e de mais puro existe na alma e no coração dos dous? ou com a paixão implacavel como uma fatalidade e como ella devastadora e grandiosa, que aos antigos inspirava uma especie de terror sagrado, e de que os grandes modernos extrahiram effeitos

de tanta emoção e de tão profunda verdade? ou com o instincto irreductivel, indominavel, subjugador, que leva dous sêres um para o outro, através de ruinas e de luctos, de abysmos e de cadaveres, como as leis da attracção levam através do infinito espaço um astro para outro astro, um planeta para o sol que lhe dá vida?

Oh! bem veem que nenhum dos aspectos, ou naturaes ou civilisados, pelos quaes o grande Amor se revela,—creando e destruindo, sendo a vida e sendo a morte,—transparece sequer nas obras em que hoje sorri, scisma, borda ou se requebra o talento dos que mais attrahem a curiosidade publica, ou seja na França de Lotti, de Lavedan, de Bourget, de Marcel Prevost, de Anatole France, ou seja na Italia de Gabríel de Annunzio, o estylista incomparavel!

E', portanto, necessario que a litteratura, se quizer *viver*, se quizer *crear*, se não quizer condemnar-se á esteril repetição de formulas feitas, se socorra de outra ordem de factos, de idéas, de sentimentos, de problemas, além dos que suscita, aos seus sentidos embotados, a lucta dos dois sexos na ancia de satisfazerem a sua propria vaidade e de refugirem ao seu proprio tédio.

*

*

*

E' por isso que o romance de *Hall Caine*, intitulado *The Christian* (O Christão) e que entre parenthesis,

foi pago pela maior quantidade de libras esterlinas que á sumiticaria de um editor ainda arrancou o talento de um romancista, — me interessou tão estranha e raramente.

Não tenho espaço, porque isso demandaria uma série de artigos, para entrar na minuciosa analyse do que seja essa obra, que apesar de muitas paginas enfadonhas, de muitos incidentes inverosímeis, de muitos defeitos de contextura, de muita cousa que repugna ao nosso amor da harmonia, da limpidez, da clareza, é ainda assim um livro extraordinariamente *empolgante* no seu genero.

O *Christão*, que é o personagem principal do romance, é um moço inglez, filho de um *lord* e sobrinho do primeiro Ministro da Grã Bretanha, que depois de uma livre educação—feita de viagens em todo o mundo, de leituras vastissimas, da convivencia com todos os espiritos superiores do tempo, enfim, de uma das educações mais completas que um homem moderno póde receber, — resolve finalmente, achando em tudo um vasio insupportavel, entrar na Igreja e ser della um membro militante.

O pai desherda-o, mas o tio, o Primeiro Ministro, interessado por esta experiencia, deseja protegê-lo e fornecer-lhe os fundos necessarios para a sua obra de propaganda e de sacrificio.

Já se vê que um *christão* inglez não é um christão de qualquer outra parte do mundo e muito menos um christão do catholicismo.

Na Igreja Catholica fundam-se conventos, albergues,

asylos, collegios, hospitaes, etc.; na Igreja Protestante fundam-se *clubs*. Pelo *club* é que o Inglez e a Ingleza tentam regenerar o mundo.

O nosso christão funda varios *clubs* de regeneração social. Mas vou deixar os pontos em que o livro é essencialmente inglez e tem a profunda marca anglo-saxonia, para só me occupar do que elle tem de humano e de universal.

Não esmiuçarei os incidentes particulares em que o auctor se perde, seguindo o seu heroe pelos beccos, casebres, covis, tavernas e viellas immundas da Londres miseravel, dessa Babylonia da desgraça, do alcoolismo, do vicio e do crime, mais horrivel do que o *inferno* do Florentino, e de onde se sahe mais pallido e mais desvairado do que o Dante sahiu da sua immortal visita á *la Città Dolente*.

O thema do livro, e é isso que lhe dá o seu grande valor moral e philosophico, é o seguinte: esse verdadeiro christão, esse discipulo fiel de Jesus, amando como elle a plebe dissoluta e bruta, onde ia buscar *proselytos*, onde ia buscar almas perdidas que salvassé; esse redemptor dos desgraçados que todos repulsam; esse humilde que ia prégar os seus sermões e dizer as suas doces parabolias nos antros mais vis onde a miseria se estorce em funebres esgares e onde o vicio estadeia o seu cynico impudor; esse anjo de caridade incondicional, de perdão sem limites, acaba, ao fim de um longo romance em que mil circumstancias põem em relevo esta contradicção tão dolorosa e verdadeira, por ser lapidado pelo povo a quem amava; negado pela

Igreja Anglicana a quem quiz servir ; escarnecido pela sociedade elevada, a que pertencia de nascimento, e que a cada um dos seus actos sublimes dava uma interpretação ridicula ; vencido, finalmente, por todas as forças conjugadas ou antagonicas desta sociedade que ousa appellidar-se christã, quando não é mais do que um producto cahotico de instinctos pagãos, de egoismos pagãos, de aspirações pagãs das mais grosseiras.

Verdade, verdade, Jesus Christo disse com inteira razão : *O meu reino não é o deste mundo!* Uma sociedade absolutamente harmonica com a doutrina de Christo, na sua pureza e na sua integridade, seria um convento onde a geração que o fundasse se consumiria no extase, no sacrificio, na inteira abnegação de si propria, até a final libertação que, dando-lhe a morte, lhe desse a *verdadeira vida*.

Mas, se é absolutamente impossivel a uma sociedade — cujo motor principal é o gozo intenso da existencia terrestre e a aspiração instinctiva de cada individuo á realisação completa do seu proprio ser, o identificar-se de um modo absoluto com a doutrina de Jesus, feita para anjos mais do que para homens — o que tambem não deve nem póde occultar-se é que nunca, como hoje, o mundo esteve tão longe de Jesus Christo !

O mundo continúa exteriormente a cumprir um ritual que não entende ; faz os actos visiveis de uma fé que não sente ; exagera, em praticas que são apenas simulacros, as apparencias de uma doutrina que a cada instante contradiz ; e nunca se affastou intimamen-

te mais dessa doutrina, no que ella tem de puro e de bello e de assimilavel aos corações bons, de doce para os miseraveis, de divinamente e santamente consolador.

Sim, o mundo continua a fingir-se *christão*, a ter igrejas e templos, prelados e confessores, a cumprir o ritual de Roma ou o das mil seitas que surgiram da Reforma, e no entanto o espirito do christianismo parece ter-se completamente obliterado, completamente esvaído da civilisação que se diz nascida do christianismo.

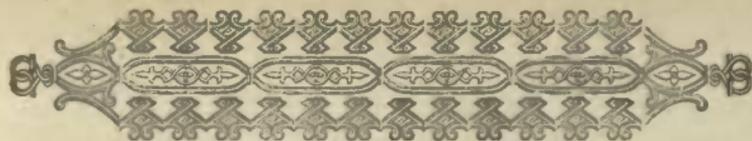
Hall Caine provou isto com extrema franqueza e extrema audacia no seu livro cheio de defeitos e brilhante de qualidades, onde a gente se impacienta através de numerosas paginas e se sente entusiasmada, através de outras tantas; do seu livro que faz pensar, que irrita, de vez em quando, porque é a obra de um espirito confuso e desordenado, mas que interessa porque é o producto de um espirito sincero e profundamente penetrado de ideal.

Não se espantarão do nosso protesto contra a falsidade com que a civilisação gentilica de que fazemos parte se atreve a appellidar-se *christã*, os que nos lerem, simultaneamente com as noticias atrozes de morticínios e desgraças, de homericos massacres e de luctas desiguaes e implacaveis sem justiça e sem ideal, que vão encher este crepusculo sangrento do seculo XIX.

Chamem tudo que quizerem á nossa civilisação; não lhe chamem *christã* os pharisêos que a dominam e que

novamente crucificariam o doce Jesus, se elle apparecesse ahi em algumas dessas Jerusalems de iniquidade e de hypocrisia, seguido pela turba-multa de famintos, de rôtos, de miseraveis, de mendigos, que foram neste mundo os que o entenderam, que foram neste mundo quem Elle amou e quiz libertar.





BALSAC

(A PROPOSITO DO SEU CENTENARIO)

DE vez em quando, o centenario de uma figura celebre em qualquer ramo da intelligencia ou da actividade humana, põe um nome, senão esquecido, pelo menos *deslebrado*, em fóco, e chama para esse nome a attenção quasi sempre fugaz do vulgo.

E' optimo que isto succeda presentemente, porque, á força de dividido e de disperso, o gosto das multidões já pouco ou mesmo nada se fixa nas cousas do espirito que são sempre e apezar de tudo as cousas immortaes ! . . .

Hoje em dia cada um pergunta ao jornal, que lê pela manhã, o que ha de pensar em politica, em litteratura, em arte dramatica ; de vez em quando, por occasião de exposições especiaes, em pintura, em estatuaria, em industria ; e a imprensa quotidiana, azafamada na ta-

refa gigante de informar o mundo, do que a cada instante se passa no mundo, mal pôde supprir os multiplos encargos da sua difficil missão.

Daqui provém a transformação que nella se tem operado, e que de litteraria e doutrinaria que era, ainda ha vinte annos, a tem feito simplesmente e definitivamente *noticiosa*.

Abençoados os jornaes que ainda guardam nas suas columnas atravancadas, um cantinho para as curiosidades do espirito, para as investigações da critica, para os desfastios litterarios, que tantas imaginações, cansadas da moderna vida a vapor, ainda preferem como o mais delicado e querido dos manjares intellectuaes.

Neste momento, a celebração em França do centenario de Balsac (nascido em 1799) chama as atenções do restricto numero de *dilettanti* e de artistas, que compõem em toda a parte a *elite* do pensamento, para o grande e genial escriptor, a quem o seculo XIX deve tanto, e que ao expirar, esse seculo bem faz em saudar como a um dos seus representantes mais typicos.

No mesmo tempo em que a estatua de Balzac se inaugurava em Tours, terra delle e de Rabelais, publicava-se em Paris esse extraordinario volume intitulado *Lettres à l'Etrangère* e que é nem mais nem menos que a correspondencia entre Balsac e a *grande dame* russa, por quem desgraçadamente elle veio a apaixonar-se, e com quem afinal, extenuado e exângue de trabalho, se casou, seis mezes antes de morrer, e dezoi-to ou vinte annos depois de conhece-la.

Essas cartas como documentação da vida intima e

da psychologia de Balsac são devéras preciosas, e ainda bem que se publicaram, apesar do crime de lesa descripção que um tal acto representa e traduz.

Balsac foi um dos primeiros, um dos mais poderosos artistas deste seculo prodigioso, tão radiante na sua aurora e no seu meio-dia, e a cujo crepusculo sombrio, a cujo *crepusculo de Deuses* nós estamos assistindo. . .

Para saber o que Balzac foi, é mister, não sómente, ler a sua obra colossal e como tudo que é colossal tendo graves defeitos de proporção em algumas das suas partes; mas lêr também os estudos que elle inspirou a Sainte Beuve, esse precursor maravilhoso, e a Taine, esse analysta incomparavel!

Nunca um romancista fez mais, não direi pela gloria, mas pela importancia social do romance, do que o genial auctor da *Comedia Humana*, que nella abraçou uma sociedade, um seculo inteiro, tres regimens sociaes — o Imperio, a Restauração e a Monarchia de Julho.

Sainte-Beuve diz de Balsac que elle poderia bem ter pronunciado a seu proprio respeito a phrase que outrem com menor razão applicava a si:

«Desde a minha infancia que eu penetrava as cousas com tal acuidade que sentia como uma lamina fina a entrar-me a cada instante no coração.»

Balsac foi assim na penetração, na observação, na comprehensão do seu meio ambiente; e por isso na sua obra nos deixou o monumento litterario extraordinario e *unico* em que o seculo XIX se consubstancia e se reflecte.

E digo o seculo XIX, embora Balsac morresse em

meio deste periodo que finda agora, porque a sua imaginação foi prophetica, porque elle *vio* em germen as forças que iam actuar na segunda parte do seculo e que lhe dariam a sua primacial característica, e porque a Balsac se deve a revelação da importancia extraordinaria que o *dinheiro* ia ter nas sociedades modernas, modificadas, modeladas pelo industrialismo capitalista, pela burguezia argentaria. Até Balsac, o romance tivera por principal elemento e por força dirigente o *Amor*.

Era o amor que constituia o principal interesse de todas as ficções romanescas.

Balsac chega, lança um olhar dos seus grandes olhos á flôr do rosto abbacial, em volta de si, vê os restos do mundo Imperial, vê a Restauração governando no conflicto acceso de contradictorias idéas, assiste ao advento dessa Monarchia burgueza, cuja epigraphe pôde ser o *enrichissez-vous* de Guizot e percebe immediatamente que o amor, enlevo e graça das sociedades que *têm tempo a perder* no cultivo dessa tenra e preciosa e ephemera orchydea — de fantasiosos recortes e de fórma inquietante e estranha,— não é o principal interesse dos homens, que uma serie de revoluções tinham endurecido e materializado, que a lucta pela vida e a concurrencia moderna obrigavam a um permanente esforço herculeo.

O amor é muito, mas o *dinheiro* é muito mais, porque sem o segundo o primeiro tornava-se agora impossivel.

Ganhar dinheiro, gastar dinheiro, especular com dinheiro; dar á vida todos os requintes do luxo, da arte, da voluptuosidade dos sentidos á força de dinheiro :

eis o que é preciso no tempo em que, sem dinheiro, a vida é mais cruel e mais dura que a dos selvagens e dos párias.

Por isso na obra de Balsac o dinheiro, o *ouro* em uma torrente fulva e caudalosa, atravessa todos os amores, todos os idylls, todas as tragedias, todos os dramas dolorosos ou grotescos em que os seus personagens inolvidaveis são arrastados, com uma intensidade de vida quasi assustadora, de miraculosa que é.

E sabeis como Balsac conseguiu que esta questão do dinheiro tivesse um papel tão dramatico e ao mesmo tempo tão definitivo, tão *novo* nas suas obras litterarias!

E' tendo elle proprio levado ao excesso de uma doença, de uma mania, de uma allucinação fixa, a preoccupação do *vil metal*.

As *Cartas á Estrangeira*, essas estranhas cartas de amor em que a personalidade de Balsac se destaca com vigor e verdade nunca excedidos, não falam desde a primeira pagina até á ultima, senão nas dividas do desgraçado romancista, nòs calculos, nas contas de sommar e de dividir que elle fazia continuamente, nos planos que forjava para se ver livre da matilha sempre crescente de credores, nas *orgias* de trabalho em que se abysmava para tentar diminuir esse montão sobreposto de dividas sobre outras dividas maiores!

Não se percebe muito bem como um homem que, trabalhando tanto, tinha pouco tempo para representar de prodigo, foi capaz de accumular essa divida enorme, que não parece nunca diminuir e que comtudo Balsac pagou, mas á custa da propria vida! . . .

No entanto a verdade, confirmada por todos os seus biographos, é que essa divida monstruosa, polvo de multiplos tentaculos, existio; que ella sugou toda a seiva riquissima daquelle talento de gigante, daquelle inexgotavel e robusto productor de obras primas; que ella fez a obsessão permanente e hallucinante daquelle cerebro de vidente, em que as impressões tinham uma repercussão tão violenta e tão exaggerada; e que portanto, a realidade flagrante que dá á sua *Comedia Humana* a descoberta deste filão novo nas obras da imaginação, é devida principalmente ao facto de ter sido o *dinheiro* o assumpto dominador do seu destino individual, como estava principiando a se-lo de sua geração, como ia se-lo mais e mais em *crescendo* assustador e immoral, o das gerações que se lhes seguiriam!

Um financeiro teria que aprender na obra de Balzac os infinitos recursos, as multiplas astucias, os planos extraordinarios de que o credito se soccorre e que o credito póde crear. E o mais assombroso de tudo é que Balzac poude ser ao mesmo tempo o romancista querido das mulheres, pela fina penetração com que as observou e as conheceu, e o escriptor favorito dos homens, pela lição variada e profunda que estas, artistas, financeiros e dandys encontraram nas suas paginas tão superiores, nessas paginas em que elle ao mesmo tempo cinge estreitamente e por todos os lados o seu personagem e o seu assumpto, e os aprofunda até ao mais secreto escaquinho, ou até ao mais subterraneo filão occulto e invisivel.

O dinheiro, na sua accepção real e na symbolica; na

sua representação material e positiva, e na sua força invisível; o dinheiro creando maravilhas de mobiliario, de luxo, de elegancia e de arte; protegendo artistas; multiplicando os beneficios da civilisação; e ao mesmo tempo corrompendo caracteres, subsidiando miseraveis, dourando brazões tradicionaes; comprando mulheres e comprando consciencias; estabelecendo como lei a venalidade; creando cubiças, invejas, suggerindo esforços desesperados; fazendo com que um Balzac se suicide á força de trabalho brutal de 18 horas em cada vinte e quatro, e ás vezes de 48 horas sem interrupção de um minuto; e fazendo com que um Nucingem accumule no seu cofre á força de astucia, de laços armados com subtileza de selvagem, á credulidade e á ambição dos fracos, milhões que representam a ruina e a deshonorra de tantos; o dinheiro no seu duplo ministerio de Bem e de Mal; de fecundante elemento de progresso e de civilisação, e de virus corrupto que desorganisa e que aprodece; de rio que passa fertilizando ou de torrente que em inundações tremendas só deixa lodo e vasa no caminho: eis o novo protagonista que o genial escriptor poz em scena, a quem imprimio uma vida propria, uma vida dramatica, grandiosa, em virtude mesmo dessa dualidade tremenda que o caracteriza, e que obriga a civilisação moderna a dizer d'elle o que Voltaire escreviá no pedestal de uma estàtua do *Amor*:

Il m'a fait trop de mal pour en dire du bien

Il m'a fait trop de bien pour en dire du mal.

*

* *

Outro personagem apparece, pela primeira vez, na *Comedia Humana* exercendo um poder magnetico, envolto em um nimbo luminoso, seduzindo e prendendo as imaginações.

Esse personagem novo tambem na litteratura, embora não seja novo na Historia, é a mulher de trinta annos, *la femme de trente ans*, de quem Balzac foi o poeta, o pintor, o creador apaixonado.

A mulher no outomno da vida representou sempre na existencia real um papel bem superior ao da creança inexperiente e candida de 15 annos; mas a Poesia e o Romance não se inspiravam na vida real e na verdade, e as suas heroínas dilectas eram *Fulieta, Desdemona, Margarida, Manon, Haydéa*, e outras igualmente juvenis e frescas como as auroras de Maio.

A *Gabriella* adorada de Henri IV, a *Ninon* que vio um seculo a seus pés, a famosa *Diana de Poitiers*, de mocidade eterna, *M.^{lle} de Lespinasse*, a amante lendaria, que Sainte Beuve compára á Phedra dos antigos, as grandes *amorosas*, de que a historia em paginas ardentes canta a odyssea apaixonada ou tragica, tinham todas muito mais de vinte annos, excediam algumas, força é confessal-o, os terriveis quarenta!

Mas a poesia e o romance continuavam a ignorar estas figuras reaes e verdadeiras, e celebravam impassivelmente só as que tinham na frente a frescura virginal das primaveras em flôr.

Balzac sahiu triumphantemente da rotina, penetrou, *peoneiro* intrepido, no mundo inexplorado da paixão que o outomno doura ou purpureia, e as suas creações neste genero são immortaes.

Quem, tendo na alma um bocadinho de gosto, e na educação um bocadinho de cultura, não conhece essa divina Duqueza de Langeais, cuja *coquetterie* devastou a alma leonina de Montriveau? Quem, sendo adolescente, não sonhou amar uma Viscondessa de Beauséant, ou realisar mais tarde essa adoravel physionomia de mulher elegante, desdenhosa e finamente melancolica?

Quem não gostou de levar horas na intimidade, perigosa talvez, mas encantadora de uma *Camille Maubin*, de uma *Princeza de Manfrigueuse*, de uma *M.^{me} de Mortsauf*?

A *Comedia Humana* é vasta como o mundo, é complicada como elle, tem como elle prodigios de bem e de mal, de vicio e de virtude, de talento e de tolice, de graça e de brutalidade.

Uma alma de flôr como *Pierrette* desabrocha não longe de uma alma de sombra, de crime, de perversidade como *Vautrin*; um estadista sceptico como de *Marsay* acotovella nas salas um grande artista como *Joseph Bridau*, um character de belleza immaculada como d'*Arthez*.

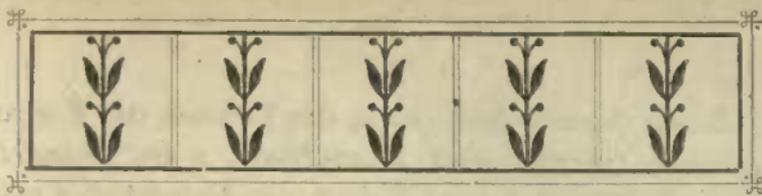
O burguez heroico de honradez commercial que se chama *Cesar Birotteau*, é produzido pelo mesmo meio social que produziu *Crevel*, outro burguez que é o reverso da medalha do primeiro, sem deixar por isso de ter uma forte semelhança de familia com o seu collega.

E que diremos dos Vícios, das Paixões, das Forças mentaes representadas n'um *Hulot*, n'um *Grandet*, n'um *Balthasar Claës*? E do poder destructivo e malefico que exerce uma *Valeria*, uma *Cousine Bête*?

É tudo isto *vive*, vive com tanta energia, tanto ardor, com uma tal effervescencia de força animal, uma tal illusão de verdade, que a pessoa que leu na mocidade a obra completa de Balzac, (na edição definitiva que liga entre si todos os personagens, e todas as historias individuaes para formar um conjuncto hallucinante) nunca mais pôde livrar-se da obsessão desta leitura.

Ao lado das creaturas de carne e osso que conhecer, ella ha de vêr sempre um grupo distincto, mais vivo, mais real do que ellas, o grupo dos personagens de Balzac. E ha de comparar a pequenez dos individuos seus contemporaneos, com as energicas individualidades que o cunho do genial artista marcou indelevelmente; e ao pé de cada mulher que conhecer na vida terá saudades da que conheceu na *Comedia Humana*: e ao pé de cada escriptor, de cada orador, de cada politico, de cada artista, que encontrar no seu caminho, lembrar-se-ha dos oradores, dos artistas, dos elegantes, dos sabios, dos pensadores com quem travou conhecimento nas paginas gravadas a agua forte do grande creador de quem a França celebrou agora o centenario do nascimento, ao terminar este seculo que elle soube adivinhar, conhecer e traduzir como ninguém.

Junho de 1899.



GEORGES SAND

SUA VIDA E SUAS OBRAS, POR WLADIMIR
KARÉNINE

EM França acabam de sahir á luz os dois primeiros grossos volumes de um estudo monumental, de um estudo *exhaustive*, consagrado a Georges Sand e á sua vasta obra litteraria.

Parecia que tudo estava dito, e mesmo entadonhamente repisado, a respeito desta mulher de genio extraordinario e de não menos extraordinario viver. Ha uma enorme bibliographia consagrada principalmente aos seus tempestuosos amores, e, tendo tido um talento tão maravilhoso, parecia que só o que nella houve de impuro tinha podido attrahir e prender a attenção dos seus contemporaneos

Felizmente uma mulher de merito incontestavel, uma

mulher russa e que escreve o seu livro sob o pseudonymo de Wladimir Karénine, percebeu e faz-nos perceber da maneira mais interessante e mais intelligente, que alguma cousa se podia extrahir do estudo da vida de Georges Sand, além da curiosa e indiscreta investigação dos seus erros sentimentaes.

Pela primeira vez o commum dos leitores comprehenderá uma cousa que ainda até aqui não tinha sido provada com documentos de subido valor psychologico e historico. Isto é: que Georges Sand era ao mesmo tempo um producto genuino e um *typo representativo* do seu tempo.

Um Rousseau só seria possivel na tempestuosa e cahotica passagem do velho regimen para uma sociedade nova.

Um Rabelais só é comprehensivel nessa Renascença franceza ao mesmo tempo pedante, scientifica, libertina, confusa, cheia de velhos preconceitos que era necessario arrasar e de aspirações novas de que era urgente a revelação e a propaganda.

Uma Sand, não se explica sem a desordem dessa epopeia napoleonica, cujas estrophes trovejaram em todas as cidades da velha Europa; sem o sopro fecundo e quente desse Romantismo que desnor-teou as cabeças e que revolucionou os entendimentos de uma geração inteira; sem a anarchia social e mental que acompanha inevitavelmente a implantação de uma nova ordem de cousas.

Georges Sand nasceu deste estranho connubio: uma mãe plebeia e *faubourien* e um pai com sangue regio

nas veias. Seu terceiro avô era Augusto da Polonia, o homem de vida mais desbragada e solta de que resam as chronicas regias, seu avô era Mauricio de Saxe, o D. Juan de mil aventuras, o heroe de mil dramas de paixão, aquelle por quem Adriana Lecouvreur morreu de amores, e cujo coração era disputado por artistas e duquezas. Seu pai era um soldado de Napoleão, dos que espalharam por esse vasto mundo a sua vitalidade intensa, a sua valentia heroica, o seu desdem absoluto da morte, a sua imprevidencia e a sua alegria, todas as mil qualidades encantadoras e perigosas com as quaes se deita por terra um mundo sem nada se poder construir de estavel e de solido.

Era um desses mil aventureiros sublimes que davam rindo a vida por esse fumo vão chamado gloria, e que sempre em vespuras de morrer se apressavam de gozar com intensidade louca os breves momentos de uma existencia sem futuro.

Temperamento herdado dos terriveis avós, meio social, circumstancias de tempo e de lugar, fizeram de Georges Sand a creatura estranha, quasi lendaria hoje, que ella foi.

Não ha portanto estudo mais interessante que o desta individualidade em acção.

Por ella se entra, até ao amago, na primeira metade deste seculo que principiou a sua vida como um louco e um prodigo de tudo, e finalisa como um sceptico, de tudo desenganado.

Isto porém ninguem o tinha dito ainda tão bem, ninguem o tinha provado com tanta imparcialidade,

com tão alto criterio perfeitamente viril, com tão pura penetração psychologica como esta escriptora notabilissima que se assigna Wladimir Karénine.

*

*

*

Todos nós, mais ou menos, somos o producto complexo de uma série de antepassados conhecidos ou obscuros, que nos modelaram, sem que disso tenhamos a consciencia clara; todos nós devemos a essas almas extinctas a alma contradictoria e mobil que dentro de nós se agita e balbucia indecifreveis e estranhas cousas; todos nós somos fatalmente influenciados pelo tempo em que nascemos, pelo meio ambiente dentro do qual se faz a evolução do nosso ser, pelas pessoas com quem vivemos desde a infancia, pela leitura que o acaso ou a premeditação nos suggeriu.

Mas este phenomeno que em todos se manifesta, é só nas grandes personalidades que merece a pena de ser estudado a fundo.

Georges Sand em primeiro lugar pertence a uma raça historica. E' facil discriminar e seguir através della a primitiva energia do instincto hereditario.

Depois percebe-se que para a formação definitiva da sua individualidade concorreram elementos diversissimos, mas todos fortemente caracterizados.

Ha na ascendencia proxima da desgraçada grande mulher principes sem freio e sem lei, mulheres de theatro famosas, gente dos bairros pobres de Paris sempre corrupta como a escuma das grandes cidades, livres pensadores do seculo XVIII, tudo emfim que pôde concorrer para a indisciplina de um cerebro, e para a energia indomita de um temperamento.

Principes com paixões de faunos ou de centauros inoculáram nas suas frageis veias de mulher o sangue inflammado e rubro que fizera delles uns possessos de Jenda.

Comediantes encantadoras e futeis communiçaram á sua alma inquieta essa estranha feição bohemia, que até mesmo nos calmos outonos de Nohant, sob as velhas arvores acolhedoras e indulgentes, nunca inteiramente se esgotou.

Miseraveis *grisettes* parisienses sem abrigo fixo, e sem pudor, costumadas aos amores fugitivos, imprimiram-lhe na alma complexa e varia, um pouco desse cunho baixo e grosseiro, que só um talento genial consegue ás vezes resgatar ante os olhos mais indulgentes.

De muito longe, do fundo remoto de um passado de que ella não tinha consciencia nem culpa, instinctos indomaveis surgem, com tal força e tal poder, que só uma educação perfeita e admiravelmente dirigida, só um meio calmante e nobre, só um lar digno e feliz, só um grande amor feito de pureza e de abnegação, os teriam podido disciplinar, conter, transformar talvez.

Em vez disto, ahi temos essa criança unica, de olhos profundos como abysmos, de cerebro escandecido

pelas leituras mais imprudentes, essa criança para cuja formação physica e moral tinham concorrido forças tão perigosas e tão raras, só na vida entre uma avó *grande dame*, imbuída até ás pontas das unhas do espirito do seculo XVIII, virtuosa de facto, e sceptica de theorias, e uma horrivel megera que é sua mãe, que a maltracta, que a injuria, que a cobre de caricias, que a perde de mimos, que a corrompe, que a martyrisa, que escarnece e parodia tudo que ella ama e respeita, que admira e exalta tudo que ella por muito tempo desprezou, e que destroe toda a benefica influencia exercida pela avó, e embebe o animo infantil da futura romancista com as theorias abstrusas de uma igualdade social que é principalmente feita de revolta do orgulho e de más maneiras. . .

Junte-se a isto o marido que ella precipitadamente escolheu para escapar ao jugo aviltante da mãe, meia doída e mal comportada, o marido que a tem por idiota, e que acaba por lhe dar pancada, e imagine-se o que esta misturada de cousas havia de fazer de uma mulher como Georges Sand.

Porque ha nella, além de tudo que os outros lhe deram, lhe suggeriram, lhe inoculáram, lhe legaram, uma cousa que é só della, uma cousa mysteriosa e divina, que talvez proviesse justamente da elaboração chimica de todos aquelles estranhos elementos combinados, mas que não é propriamente nenhum delles, uma cousa soberba e unica : o seu genio !

Se o tempo em que esta creatura viveu fosse um tempo de serenidade e de harmonia ; se o paiz em que

ella nasceu fosse um forte paiz de ordem e de disciplina mental como a Inglaterra; se a gente com quem ella tratou de perto fosse gente de uma grande respeitabilidade e de sentimentos energicamente voltados para o bem, é possível que Georges Sand fosse inteiramente outra pessoa, é possível mesmo que essa hybrida personalidade que a si propria se baptisou Georges Sand nunca tivesse existido.

Mas tudo se conjurou para lhe dar o tom bohemio e louco que durante dez annos, depois de uma mocidade casta, depois de uma vida conjugal impecavel de outros dez annos ella desgraçadamente adoptou.

As paixões, adormecidas n'aquelle temperamento de fogo, — pela vida que ella até então tivera, primeiro em Nohant ao pé da avó e depois ao pé dos filhos, — irromperam com terrivel fragor!

Seguiu-se o periodo verdadeiramente repulsivo desta vida sem freio algum moral.

Illusões sobre illusões, erros sobre erros accumulam-se nesta existencia de mulher.

As crudelissimas experiencias que ella fez na existencia real resolvem-se em gritos de paixão até alli nunca ouvidos; em livros de lagrimas e de sangue vivo, como não os conheceram nunca as gerações passadas, como os não conhece a nossa fria geração.

Indiana, Valentina, Lélia, contam numa linguagem só dellas, numa linguagem nova, perturbante, apaixonada, sincera, emphatica e de eloquencia unica, apesar dos seus defeitos, as amarguras, as revoltas, a melancolia grandiosa da mulher que ama fóra das leis pre-

scriptas, da mulher que pensa, fóra dos moldes admit-
tidos!

Uma grande artista nascia, inesperada, inexplicada,
quasi assustadora, diante dos olhos da França, ao
mesmo tempo maravilhada de tamanho genio, offus-
cada, offendida de tamanha temeridade.

*

* *

Não venho, já se vê, seguir a evolução do talento de
Georges Sand, nem fazer a analyse da sua obra litte-
raria. Venho dar idéa do processo rigorosamente mo-
derno porque é feito o livro de Wladimir Karénine.

A obra, por agora, tem já dois grossos volumes e
não alcança além dos quarenta annos de Georges
Sand.

Está escripta com tanta mestria, que o interesse nem
um momento arrefece durante a longa leitura.

Explica, como se vê, os antecedentes, a formação do
talento, a natureza das primeiras obras que ella pro-
duziu, em plena ebullição, em pleno phrenesi.

Está ainda longe a calma castellã de Nohant; tão
digna, tão bondosa, tão genial nos seus cabellos bran-
cos e na sua deliciosa e fecunda velhice.

Eu, concluindo, direi:

Foi Nohant que salvou finalmente a gloria de Geor-
ges Sand.

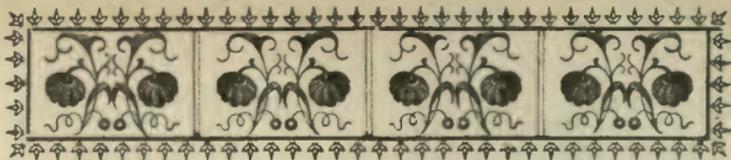
Imagem que ella não possuia aquelle torrão natal tão querido, onde a sua infancia tumultuosa de sonhos se escoára, onde ella passára a sua primeira mocidade, tão cheia de humilhações conjugaes e de amarguras intimas, mas preparadora ainda assim de grandes pensamentos e inspiradora de paginas sublimes; imagine que ella continuava uma vida de aventuras a que a pobreza e a dependencia tirassem toda a relativa dignidade!

Foi Nohant que passado o terrivel período que vae de 1830 a 1840 a acalmou, a transfigurou, a resgatou, finalmente.

Foi a terra amiga e boa, que a vira nascida e pequenina, que chamando-a ao seio fecundo depois de tantos naufragios, lhe deu a paz, a dignidade, a gloria da apotheose que hoje — esquecidos os seus erros e só lembrado o seu genio — lhe cerca o nome fulgente.

E' isto, estou bem certa, que ha de acabar por provar a notavel escriptora que se assigna Wladimir Karénine.





CYRANO DE BERGERAC

POR

EDMOND ROSTAND

AVEZ-VOUS LU BARUCH? perguntava La Fontaine a todos que encontrava. Leu o *Cyrano de Bergerac* ouve-se hoje em Lisboa a cada momento perguntar pelas salas por onde se passa ¹.

Cyrano de Bergerac é o acontecimento dramático e litterario dos ultimos annos, na França pelo menos, que o saúda em excessos de lyrismo entusiasta, a que não é muito attreita, e que, nos parece, ultrapassam um pouco o seu fim.

¹ Isto foi escripto logo depois da comedia de Rostand ser publicada em volume e pouco depois do seu apparecimento em scena.

Se ha neste momento na patria do martyr Zola, a quem o amor exaggerado da notoriedade e da evidencia metteu em uma terrivel *camisa de onze varas*, alguem que deva considerar-se inteiramente, absolutamente feliz, esse alguem deve ser Edmond Rostand, o auctor desta comedia que triumphou sem contestação em toda a linha. Edmond Rostand, a quem a *Samaritaine* e a *Princesse Lointaine*, interpretadas ambas por Sarah Bernhardt, deram algumas noites de successo, teve em *Cyrano de Bergerac* interpretado por Coquelin, o mais extraordinario e ruidoso triumpho de que ha muitissimos annos ha memoria.

Talvez mesmo possa dizer-se sem hyperbole que não ha precedente para tal triumpho, visto como todas as grandes conquistas scenicas da França desde Corneille até Alexandre Dumas Filho teem sido longamente disputadas e discutidas até adquirirem os seus direitos permanentes e universaes.

E' bem possivel que a unica infelicidade d'este homem feliz seja ter sido tão unanimemente acceito por todos os campos, por todos os publicos, por todos os criticos, desde o *bonhomme* Sarcey até ao fino Lemaître.

Rostand tem vinte e nove annos; é rico, é casado com uma mulher encantadora, poetisa tambem (e poetisa admirada por Lecomte de Lisle), que o adora; é o poeta admirado da *Samaritaine*, é o poeta aclamado do *Cyrano de Bergerac*; uma fulminante celebridade proclama-o de uma noite para outra. Hontem conheciam-o apenas alguns delicados; hoje não ha ninguem em

França, e portanto no mundo, que lhe não saiba o nome...

Um periodico allemão, elevando ás nuvens o ultimo drama do já tão celebre Suderman, condescende em dizer: a Allemanha já tem o seu *Cyrano*...

Não contarei pois aqui o enredo da já famosa comedia; seria fazer injuria aos leitores do *Jornal do Commercio*, sempre tão informado das actualidades politicas ou litterarias, imaginar que elles o não sabem já.

Por alto basta que eu diga que o sentimento em torno do qual gira a acção é o amor profundamente, idealmente desinteressado de *Cyrano de Bergerac* pela sua prima *Roxane*, distincta *precieuse* do tempo, a qual o não ama, pois que ellê tem no seu grotesco nariz enorme o obstáculo invencivel que o separa eternamente do amor. *Roxane*, porém, adora como ledôra que é da *Astreia*, do *Adonis* e de quejandas obras celebres do seu tempo, a arte de bem dizer, a elegante arte de exprimir com extremo requinte os extremos sentimentos que seduzem as mulheres suas contemporaneas.

Para ella o amor não basta, é necessario que o amante seja discreto, eloquente, poetico, exaltado, á moda dos heroes da litteratura da epoca.

Ora, succede justamente que o elegante cadete que *Roxane* adora, é apoucado de intelligencia, embora formosissimo de aspecto. *Roxane* morre se elle a não amar, e morre, se elle fôr tôle... Extranho e fantastico ponto de partida que condemna a deliciosa comedia de Rostand a não ser mais que uma fantasia adoravel, que um scintillante paradoxo, sustentado com talento do mais puro, durante cinco actos.

Pois bem ; Roxane, a inconsciente adorada de Bergerac, será feliz, feliz como quer e sonhou sê-lo.

Christiano, o lindissimo cadete, escrever-lhe-ha as mais sedutoras cartas, as cartas mais irresistiveis pela mão, pelo coração apaixonado de Cyrano, que a quer vêr feliz ; e até uma vez, — á noite, ella no balcão, elles dois na sombra — será Cyrano quem cante em palavras aladas, divinas, as mais divinamente poeticas da comedia romanessa, o amor triumphante, subjugador, mais forte do que a morte, e será Christiano quem, emergindo sósinho da sombra em que ambos se escondem, trepará á varanda encaixilhada de jasmineiro florido, para colher na bocca humida, tremula e quente de Roxane, o beijo que a deliciosa poesia de Cyrano lá fez desabrochar em mysteriosa e rubra flôr.

E os versos com que Cyrano, sublime visionario de um amor que nada tem de humano nem de terrestre, descreve o que é um beijo, são dos que hão de ficar na litteratura franceza, recolhidos pela Anthologia em que o genio mais puro de uma lingua guarda para a immortalidade o seu thesouro ideal.

... Un baiser, mais à tout prendre, qu'est-ce ?
 Un serment fait d'un peu plus prés, une promesse
 Plus précise, un aveu qui veut se confirmer,
 Un point rose qu'on met sur l'i du verbe aimer ;
 C'est un secret qui prend la bouche pour oreille,
 Un instant d'infini qui fait un bruit d'abeille,
 Une communion ayant un goût de fleur,
 Une façon d'un peu se respirer le cœur,
 Et d'un peu se goûter, au bord des lèvres, l'âme !

*

* *

Mas Cyrano não é apenas este perfeito amante, que só ao morrer,—quinze annos depois da morte de Christiano, durante os quaes elle foi o amigo incomparavel, consolador, desinteressado, o confidente mudo de sua viuva sempre fiel,—deixa, n'uma linda scena que é um *achado* de talento, fugir dos labios de moribundo, quasi que sem querer, o segredo que, revelado muitos annos mais cedo, lhe teria talvez entregado Roxane.

Cyrano é um personagem representativo de seu tempo e da raça franceza, e como tal tem mil defeitos encantadores, mil virtudes extravagantes, mil aspectos de bravura, de fanfarronada, de generosa abnegação de graça e de poesia.

E' por isso que sendo uma joia litteraria delicadissima agrada ainda ao menos lido, e agradando ao publico vulgar, não perde a sua seducção poderosa e insinuante no espirito e no coração dos requintados.

Todos estão *sous le charme*, os que o leram apenas e os mais felizes que o vem interpretado em scena por um artista extraordinario que achou n'esta encarnação suprema do *Gascon*, isto é, do Gaulez, um pouco exagerado e sempre encantador até na impertinencia, a coróa, o triumpho maximo da sua longa carreira de gloria.

N'esta comedia ha a graça, a petulancia, o movi-

mento, a sensibilidade, a melancolia, a poesia sentimental e a poesia pittoresca, desenrolando-se em quadros de uma vivacidade, de um brio incomparaveis.

Le panache que é a ultima palavra com que a comedia fecha, e que podia ser a epigraphe d'ella e a epigraphe da França, *le panache*, com que Cyrano pretende, ao entrar no céo, *balayer largement le seuil bleu*, ostenta alli da primeira até á ultima scena a sua pompa garrida, emplumada e multicôr.

E por isso Cyrano agradou em França tão universalmente, e por isso a applaude com enthusiasmo nunca arrefecido, em noites que se succedem, e se succederão, o publico inteiro da Terceira Republica, desde a aristocracia *boudeuse* até ao pequeno burguez cuja classe confina com a do operario intelligente.

Cyrano acaricia tantos preconceitos, tantos instinctos, tantas idéas d'aquella raça mobil e valente, impetuosa e ligeira, um pouco *fanfarrone* em tudo que pensa e sente!

Mas além dos atractivos que a comedia de Rostand tem para o grosso publico e para o publico educado, ha n'ella um perfume mais *exquisito* e fino e raro que só respiram os requintadamente tetrados, os que percebem a somma de estudo fastidioso, de erudição profunda e variada, de intuição delicada e divinatória, de sentimento do pittoresco, de penetração historica e poetica, que são necessarios para em tão curto espaço fazer caber uma epoca tão interessante, justamente n'aquelle período de madureza em que ella vae findar, justamente n'aquella hora rapida em que, attingindo o

seu supremo desenvolvimento, ella vae transformar-se.

Por que foy que Rostand escolheu a figura de Cyrano? Porque lhe pareceu, além de eminentemente representativa, assás esquecida, para n'ella poder bordar á vontade o que a sua fantasia e o estudo da epoca feito nas melhores fontes, lhes suggerissem de mais essencial.

Reinava então o gosto italo-hespanhól que de todos os gostos foi o mais falso, e que sendo um *gosto de decadencia*, devia agradecer a um poeta tão moderno como é Rostand.

O reinado de Luiz XIII, á parte o elemento tragico introduzido pela sua unica figura grandiosa — a de Richelieu — é um intervallo comico, movimentado, inquieto, fanfarrão, entre o feudalismo morto e a monarchia pura que vae surgir.

Nem a força insubmissa que se affirma em grandes revoltas soberbas, nem a correcção classica que se curva em mesuras de minuete cortezão. Uma anarchia, uma diversidade extraordinaria de typos; uma seiva que corre em borbotões e que nada ainda logrou canalisar, uma effervescencia que vae apagar-se, uma *verve* comica, impetuosa, que se disciplinará brevemente. . .

Os poetas principaes d'este tempo originalissimo podem caber n'uma galeria de *grotescos* onde T. Gautier os pendurou.

E comtudo sob esse aspecto grotesco que nos desnor-teia, ha um poeta digno do respeito de todos os pensadores: Theofile Viaud; ha um, faiscante de veia

comica: Saint Amand; ha um em que a *rodomontade* hespanhola, a elegancia italiana, a bravura e a *furia* franceza tomaram corpo e fórma; Cyrano de Bergerac.

Da figura real, Rostand aproveitou o nariz celebrissimo, a tendencia epigrammatica, o amor da independencia feito quasi uma paixão, a fantasia da *Viagem á lua*, o plagiato que de uma scena do seu *Pédant Joue* fez Molière nas *Fourberies de Scapin*, a lenda de extraordinario e invencivel duelista, a bigodeira retorcida:

*Feutre à panache triple et pourpoint à deux beques
Cape que par derrière avec pompe l'estoc
Lève comme une queue insolente de coq.*

Quanto ao mais, Cyrano é ao mesmo tempo inteiramente imaginario e inteiramente exacto.

Representa e realisa por uma fórma superior, não talvez o que era o seu tempo, mas o ideal que o seu tempo tinha de si proprio.

Aquelle tempo amava a valentia heroica, ás vezes inutil, e sempre espectacular; a valentia de pennacho ao vento, bizarra, excessiva, extravagante e vã; e Cyrano é o heroico espadachim, o doido ferrabraz na sua expresssão mais estonteadora e mais fantastica.

A vida para elle não tem valor senão pelo que encerra de perigo, pela porta que abre para o impossivel, pelo sal com que a loucura a tempera. . .

Tirem da vida o perigo, o desafio incessante ao perigo, feito em phrases retumbantes, exaggeradas, cheias de guizos e de plumas, tirem da vida a gloria de vencer o que houver n'ella de mais invencivel, e Cyrano, — isto é, o momento da alma franceza que elle personifica e individualisa — entenderá que a vida não vale a pena inutil de ser vivida l. . .

E no emtanto chegue o instante em que o arrojo temerario, a bravura heroica, não sejam apenas um quotidiano e excitante *sport*, mas sim a revelação fulminante de alguma coisa de divino e de immortal que a alma encerra em si, — surja a Morte no reducto defendido por um contra mil, entre as balas sibilantes dos hespanhoes que sobem ao assalto, e a fanfarro-nada impertinente de Cyrano transfigura-se, avulta, resplandece, faz-se a mais sublime e despreoccupada intrepidez, faz-se a scentelha que abraza no seu incendio sagrado o coração, e na deliciosa comedia de Rostand a ballada patusca e *gabarolla* dos Cadetes da Gasconha, illumina-se ao fuzilar do fogo inimigo, como o trecho final de uma magnificente epopeia.

Aquelle tempo tinha para exprimir a gamma artificial de sentimentos, que julgava experimentar uma lingua feita do que ha de mais exotico, de mais requintado, em que a *agudeza* hespanhola, os *concetti* italianos, os boleios atormentados de Gongora, as alambicadas expressões de Marino se entrelaçam em grinaldas ephemerás, mas de estonteador perfume, complicado e raro, e esta lingua creada de novo por Edmond Rostand com uma felicidade de artista, de erudito e de

poeta, expressa adequadamente o sentir *precioso* e extravagante dos personagens de *Cyrano de Bergerac*.

O idealismo exaltado, o desinteresse absoluto não são de facto as correntes dominantes na época das *Chevreuse* e das *Maria de Gonzaga*, mas essa era de libertinagem, acobertada sob as flôres azues e ouro colhidas no *Pays du Tendre*, gostava de fingir que era capaz das mais puras e quintessenciadas abstrações do sentimento, como as que se expandem em lyrios de seiva maravilhosa nas paginas da linda comedia de Rostand.

E se abandonado o estudo critico do tempo em que Rostand foi buscar a sua comedia, nós procurarmos n'ella as qualidades fundamentaes e permanentes da alma franceza, é ainda esse um aspecto pelo qual o juvenil poeta triumphante falou de modo a ir direito ao coração da sua raça.

A fórma de Rostand é um encanto.

A sua poesia tem um movimento, um rythmo acariciador do ouvido, uma melodia emballadora da alma; e ao mesmo tempo é viva, elegante, prodigiosa de riqueza, petulante, cavalheiresca, altiva e comica...

Não é uma criação de genio espontaneo, inculto e rude; é a resultante de uma intensa cultura e de um gosto que toca as raias do extranho sem nunca as ultrapassar por emquanto.

Não tem talvez aquelle toque de *verdade* e de *paixão* que marca uma obra humana para a eterna admiração das gerações futuras, mas basta para dar ao tempo que a produziu um verdadeiro prazer e um sentimento vivo de orgulho e de desforra.

Vem na sua hora ; accentua, fixa e doira de belleza poetica, a *revanche*, já iniciada contra as grosseiras litteraturas do tempo. Acaricia o que ha de melhor no instincto e na alma da nação.

«Não abre magnificamente o seculo xx» como disse Faguet, mas fecha com um sorriso e com uma lagrima de graça, de poesia deliciosa, de encantadora inspiração, o livro em que o nosso seculo inscreveu algumas das suas obras litterarias mais preciosas e mais puras.

Levanta a alma abatida para a contemplação do bello, abre um filão de ouro que muito talento, hesitante no seu caminho, vae seguir, e vinga um pouco a França, de tantos que têm afundado o seu nome glorioso no lodo de uma litteratura sem alma, sem poesia, sem virtude e sem ideal.





MATHILDE SERAO

N'ESTE mesmo jornal¹ vinha no outro dia um artigo muito interessante ácerca da pessoa de Mathilde Serao, a grande escriptora napolitana.

N'esse artigo visava-se principalmente a accentuar quanto era preciso que essa mulher tívessa um talento de excepção, para que este fizesse esquecer a sua figura vulgar e *espalhafatosa*, a sua physionomia plebea, a sua voz grossa e atroadora, que se ouve a longas distancias, esse conjuncto enfim de qualidades, ou antes, de defeitos physicos, que n'uma mulher costum tanto a perdoar.

Não conheço pessoalmente Mathilde Serao, cuja fama está hoje propagada pela Europa inteira desde que Paris lhe fez um *successo* prodigioso e que o *Fi-*

¹ *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro.

garo acolheu a sua prosa nas columnas que são lidas por tantos milhares de pessoas em todo o mundo civilisado.

Não a conheço pessoalmente, mas a leitura attenta dos seus livros vem corroborar a impressão que todos manifestam ácerca d'este temperamento expansivo, transbordante de seiva vital, de uma effusão extraordinaria de bondade saudavel e genuinamente plebéa.

Não ha nos livros, aliás admiraveis, d'esta soberba escriptora, que é talvez n'este momento um dos tres ou quatro grandes romancistas do mundo, uma só nota psychologica que destôe do retrato que este jornal d'ella publicou, das descripções que d'ella fazem os que a têm visto de mais perto.

E' uma mulher do povo, excellente, sympathica, expansiva: mas é uma *mulher do povo*.

Deem a uma creatura d'estas em que as energias primitivas ainda estão, por assim dizer, intactas, em que a seiva original não foi nunca desviada de seu natural caminho e pervertida pela nevrose terrivel que desarma as melhores; deem a uma creatura d'estas um talento genial, absolutamente imprevisto, que ninguém adivinha de que mysteriosa elaboração proveiu, e terão essa pintora *realista* das dôres, das paixões, das vicissitudes, das desgraças, das miserias internas ou externas do povo italiano, ou antes, do povo napolitano, que é a quinta-essencia do homem do meio-dia, e terão essa obra de piedade e de dôr, de sympathia e de violencia, de *vida* em summa, porque é a vida que ferve em borbotões, que se expande em

ondas quentes, que redemoinha em uma effervescencia magnetica nas paginas de Mathilde Serao.

Os livros d'ella que têm valor maior não são aquelles em que ella descreve e traduz sentimentos requintados de gente educada e culta.

N'esse mundo artificial das altas classes são quasi imperceptiveis as *nuances* que differenceiam os individuos, e essas *nuances* delicadas, esmaecidas como são, não as sabe dar o pincel da escriptora napolitana. São *frescos* e não são miniaturas o que ella pinta com mestria viril.

Como toda a gente que só têm orgulho de fazer aquillo que não sabe e que tem em pouco justamente aquillo que constitue a sua suprema excellencia, Mathilde Serao tem a exagerada preocupação de descrever meios aristocraticos e elegantes.

Ora, ella não conhece a vida mundana na sua frivolidade, no seu requinte, na sua cultura especial, no seu luxo artisticô e finamente selecto, na sua comprehensão das cousas delicadas e raras; no seu *snobismo* de arte, de litteratura, de relações; na sua ignorancia do real e no seu intimo conhecimento de tudo que concorre para a tornar mais inacessivel ao vulgo.

Mathilde Serao que se veste mal; que falla alto, gesticulando do modo mais anti-esthetico; que vive na redacção de um jornal quotidiano, trabalhando como um homem; que provavelmente come á pressa, e tem uma casa sem conforto porque lhe falta o tempo e porque, segundo tudo indica, lhe falta o *gôsto*, sexto sentido indispensavel nos temperamentos de elegancia

e graça; — Mathilde Serao não é capaz de descrever uma *toilette*, um jantar, uma festa, uma *soirée* elegante, uma casa mobilada com arte e com sciencia. Muito menos é ella capaz de dizer o que pensa, o que sente, o que faz a gente que se move nesse meio artificial e artistico que ella soberbamente ignora.

Uma duqueza já não é capaz de sentir do mesmo modo que uma vendedeira de peixe, não porque ambas não tenham as mesmas condições physicas organicas, mas porque essas condições têm sido modificadas profundissimamente pelas circumstancias ambientes, e porque tudo que de instinctivo e de atavico existe na dúqueza, não póde existir na plebeia, cujos avós obscuros não passaram pela série de impressões que lentamente transformaram os avós da outra.

A igualdade na natureza é uma chimera, assim como a igualdade no Estado é uma mentira.

As differenças que separam um ser de outro ser vêm de tão longe, surgem do fundo remoto de um passado tão obscuro, que não é possivel modifica-las numa ou em muitas gerações.

Os mortos é que são os eternos obreiros que modelam e esculpem as gerações vivas. Da acção profunda e intima que elles exercem no interior mais occulto do nosso ser moral e physico, não ha vontade, por mais tenaz, que possa fugir, não ha character, por mais independente, que possa libertar-se.

Portanto, a escriptora napolitana que é do povo, que pertence ao povo pelas suas experiencias, pela sua sympathia infinita por todos os que soffrem, pela sua

piedade que se escôa como o *leite da humana ternura* de que falla o Poeta, pela bondade effusiva e expansiva da sua forte natureza, não sabe nem pôde penetrar em outro mundo, que não seja aquelle em que a pobre creatura humana, vencida pelas fatalidades sociaes e esmagada sob o edificio grandioso de uma civilisação por ora aristocratica (sob o fingido nome de democracia) geme, tressúa, se agita e lucha, na canceira quotidiana, na miseria irremissivel, no trabalho para ganhar o pão duro de cada dia que passa, vencendo-a sempre mais. . .

*

*

*

As scenas da vida napolitana publicadas por Mathilde Serao sob o nome de *Paesi di Cocagna* foram, creio, das primeiras obras que a assignalaram á attenção do mundo culto.

Na terra do *renascimento* eterno, na patria que depois de ter sido dos maiores artistas e do mais *alto poeta* está sendo agora a patria de Fogazzaro, de Amicis, de Gabriel de Annunzio, Mathilde Serao occupa um lugar de primeira plana, podendo bater-se com os seus illustres rivaes, pelo *instincto humano* que possui em maior gráo, pela faculdade de dar *vida* que nella se expande, com miraculosa fecundidade, superior á delles.

Mathilde Serao tem um estudo a respeito das *telegraphistas* napolitanas, que é uma obra prima.

São todas ellas pobres creaturas condemnadas a um monotono trabalho, mal remunerado e violento; são todas raparigas da infima burguezia ou do povo, mas que individualisação perfeita a mão da genial artista imprime em cada uma!

A' primeira vista são um dos muitos rebanhos humanos, circumscriptos em uma especialidade embrutecedora, sem character que as differenceiem entre si! Começam a fallar, ou antes começam a *viver* diante de nós,—e é a vida insuflada ás personagens da fantasia que faz o escriptor, — e nós distinguimo-las umas das outras, interessamo-nos irresistivelmente por cada um dos pobres dramas dessas vidas que pareciam incolores e incharacteristicas, sympathisamos com os seus amores, participamos das suas esperanças, temos dó do seu trabalho duro e mal pago, soffremos com as doenças que as vão minando e choramos a morte de uma dellas, com as suas humildes companheiras de canceira e de miseria! . . .

Isto é que é fazer da obra de arte uma obra de moral; isto é que é dar o coração em sangue á obra lenta mas bem dita do aperfeiçoamento da alma de um povo!

Aquelles a quem Mathilde Serao tem feito chorar,— não com declamações rhetoricas, mas com imagens vivas e de uma suggestão maravilhosa — sobre a sorte dos desgraçados, dos humildes, dos pobresinhos, dos que não têm voz para formularem as suas queixas; nem poder para fazerem ouvir as suas reclamações, ficam, por isso mesmo, melhores.

Se estão em posição de tornar a sua piedade fecunda

em obras, tratarão de melhorar, ou como legisladores, ou como funcionarios, ou como homens, o destino duro dos seus irmãos. Se apenas podem sentir, haverá na attenção que dêem á desgraça alheia, haverá no modo por que se expressem a respeito dos infelizes, uma nota de çnternecimento que ha de por força produzir algum bem !

No romance de Mathilde Serao, intitulado *Sentinella alerta* ella introduz-nos na Ilha perto de Napoles, onde estão os condemnados a trabalhos forçados, isto é, a escuma da população, a gente sem fé nem lei, contra a qual a sociedade se defende, dando-lhes uma prisão e um trabalho perpetuos.

Pois até a esse circulo infernal ella nos conduzio, inundando-nos a alma da piedade e de commiseração.

Não ha nada mais lindo, mais pathetico e de uma humanidade mais impregnada em lagrimas, do que a historia que alli nos conta, ou antes, do que o *trecho de vida* a que nos faz assistir a grande romancista.

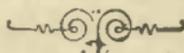
Na Ilha sinistra, de uma lóbrega tristeza que asphyxia e devora, não ha senão os criminosos e a familia do Director da Penitenciaria. Este, velho soldado disciplinador, mas bom no fundo, tem uma mulher a quem adora, delicada, nervosa e triste, e um filhinho de cinco annos estremecido por ambos, mas magro, fraco, adoentadinho, espreitado pela traiçoeira morte, que afinal consegue leva-lo na mão cubiçosa e adunca.

A ternura de um forçado — um dos peiores forçados da Ilha — por esta criança, a sua escravidão humilde e doce aos menores caprichos do pequenino, a sua ancia

de servi-lo, de trazê-lo ao collo, de o embalar, de o divertir, isto sob o olhar de desprezo ou de terror que a mãe não pôde deixar de lhe lançar, isto na consciencia plena da sua abjecção incuravel, da sua maldade de leproso, esta cousa terna e mysteriosa e rara, brotando de um coração de féra e transfigurando-o até que, morta a criança, elle volte á sua primitiva e selvagem ferocidade—este poema delicioso arranca lagrimas ao coação mais empedernido !

Mathilde Serao é um grande escriptor realista. Tem alguns pontos de contacto com Zola, mas tem a mais do que elle a arte de fazer *viver* os seus personagens e de produzir com as paixões e as miserias e as dores que elles sentem os effeitos mais patheticos, as impressões de piedade mais vivas e mais ardentes.

Para nós, esta mulher é hoje um dos *homens* de mais talento que o mundo contemporaneo possui.





GABRIEL DE ANNUNZIO

IL FUOCO (O FOGO) E A SUA TRADUCÇÃO BRAZILEIRA.

NA obra de Gabriel de Annunzio, já tão extensa, avulta, aos meus olhos pelo menos, com incomparavel prestigio, o seu livro mais recente intitulado *Il Fuoco*.

Alguem que infelizmente não conheço, e que abriga o seu nome sob as iniciaes S. A. M., traduziu no Brasil este romance, de magnificente estylo,—que passado em Veneza, lembra justamente a factura opulenta e o colorido brilhante dos pintores venezianos,—e da edição numerada, que tirou de seu trabalho, offereceu-me gentilmente o primeiro exemplar com esta dedicatória que tanto me lisongeia :

Numero 1 — para aquella que primeiro mostron porque «Il Fuoco» devia ser traduzido em lingua portugueza, etc., etc.

Passaram dois ou tres mezes sem que eu pudesse entregar-me á leitura do *Fogo* vertido para a nossa formosa linguagem, leitura que eu fiz e queria fazer, com o original italiano á vista e cotejando cuidadosamente esse original com a versão que d'elle dava o meu incognito amigo intellectual que se assigna S. A. M.

Acabo agora a encantadora leitura, e n'esta Revista que pertence ao Brazil, ¹ quero dar a este paiz as minhas felicitações por possuir, o que é deveras raro, uma traducção perfeita e singularmente expressiva de um livro de interpretação bastante difficil e de estylo de uma mestria inimitavel.

A traducção franceza que a *Revue de Paris* publicou em tempo d'*Il Fuoco*, apesar de muito exacta, elegante, e erudita, não pode comparar-se com esta, que acabo de lêr, porque só a lingua portugueza tem em si bellezas, recursos imprevistos, segredos de perfeição plastica, que possam igualar-se aos da lingua italiana.

A traducção brasileira veio confirmar-me n'esta velha opinião. Não ha lingua mais bella do que a nossa, a não ser a lingua em que o Dante esculpiu os seus tercetos bronzeos.

Percorri outra vez pagina a pagina o livro de Gabriel de Annunzio, e senti que o encantamento se não desfizera, que o estylo do grande romancista italiano, que as suas imagens magnificas, que a extraordinaria erudição que revelam as suas referencias, as suas

¹ Illustração Brasileira.

allusões ainda as mais passageiras, que a instrucção technica que elle possui de todas as artes, misteres, *sports*, que a sua imaginação rica e harmoniosa ao mesmo tempo, (como compete a um tão genuino representante do genio latino), tornam este escriptor um digno compatriota dos grandes italianos da Renascença, cujas imagens avultam impressionadoramente aos olhos de Annunzio quando elle escreve, e em tudo que elle escreve.

Se abstrahirmos da linguagem surpreendente que o auctor d'*Il Fuoco* bate com martello de diamante em bigorna de oiro fino, ou que elle modela, afeição, entalha, esculpe, esmalta, engrinalda de motivos decorativos de uma belleza rara, ainda temos n'este livro, de que particularmente me occupo aqui, graças á formosa, á riquissima traducção que um brasileiro d'elle nos dá, sobejos motivos para o considerarmos de magno interesse.

É um d'elles, a descripção ou antes a *visão* de Veneza, interpretada por um artista da palavra, tão admiravel como admiraveis foram o Ticiano e o Veronése, que a cidade-fada inspirou tambem; *visão* tão completa, tão bella, tão communicativa que depois d'ella, parece-me insignificante tudo que de Veneza possam dizer-nos.

Outro motivo, é o estudo magistralmente aprofundado e minucioso de uma actriz moderna, com tudo que este nome prestigioso hoje suggere e significa.

Veneza, e sobre Veneza, de pé, no deslumbrante scenario da cidade de marmore, emergindo do Adria-

tico, está a figura da mais sublime tragica que o mundo moderno conhece.

Quem é que hoje não sabe quem seja essa tragica de que elle nos dá a historia dolorida, a psychologia profunda, o perfil de encantadora graça, a voz modulada e pura e empolgante e apaixonada, as mãos divinas de carinho e de força, de seducção e de affago, de expressiva belleza que a nenhuma outra se compara? Dizer-lhe o nome parece-nos no emtanto uma indiscrição que não deve commetter-se.

Muitos accusaram amargamente Gabriel de Annunzio, de ter sido elle proprio indiscreto e cruel.

Eu não. Reconheço que quasi todos os grandes artistas se libertam facilmente de leis, que a nós, profanos, nos parecem felizmente sagradas, e que antes quizeríamos morrer do que violar. Gabriel de Annunzio obedeceu ao mesmo impulso a que outros têm obedecido antes d'elle.

Fez uma confissão em que compromette outra pessoa, mas á qual foi decerto auctorizado por ella, que por fatalidade do seu passado, já não podia ter escrúpulos de uma certa ordem, a cohibil-a de consentir na ampla confissão. Depois, Perdita, a actriz eminente que Annunzio representa incendiada de um amor que a transfigura, tremendo, arrepellando-se, vibrando toda, n'um ciume que a devasta, e finalmente immolada n'um sacrificio completo de si á felicidade do seu idolo, não fica diminuida nem amesquinhada, depois d'essa apothese da artista, e d'essa dolorosa pagina da sua vida de mulher, entrelaçadas na prosa mais ad oravel, mais

transcendentemente harmoniosa e bella que ainda a um escriptor moderno foi dado escrever.

Não se trata, já se vê, de uma virgem recatada e pura, alheia a todas as paixões terrenas, recolhida no lar como n'um templo inviolavel, na qual tudo é sagrado, desde o nome até á alma intacta, ao corpo envolto em veus de immarcescivel castidade; não se trata tão pouco de uma mulher cuja fraqueza constitue um segredo terrivel e doloroso e que, denunciada á curiosa avidéz da turba, ficará para sempre infamada e perdida.

Se o romance tivesse como heroína qualquer d'estas duas figuras femininas, uma aureolada pela sua innocencia, outra sagrada aos olhos do seu cumplice pela desgraçada immolação do seu destino, eu seria implacavel na minha condemnação, e não accitaria como circumstancia attenuante para o crime de Annunzio nem o seu talento creador.

Mas não : a mulhêr que elle nos pinta, que elle apesar das suas faltas, nos faz amar, é uma mulher de theatro, admirada, estremecida, mas cuja historia, cujos amores, cujas aventuras são mais ou menos conhecidos na Europa.

O que d'ella nos diz, longe de a diminuir, quasi que a redime. O seu grande amor desinteressado e incondicional ser-lhe-ha perdoado no céu por Aquelle que perdoou a Magdalena, ser-lhe-ha levado na terra em desconto pelos que, sabendo-lhe a historia exterior, não lhe conheciam a ingenita nobreza.

Ainda outro personagem figura no romance *Il Fuoco* :

é o proprio Annunzio, com todo o seu insupportavel egoismo, com a sua absorvente individualidade, com o seu orgulho que toca as raias do delirio, com o seu genio de artista que só é menor do que a idéa que o proprio Annunzio faz d'elle.

Stelio Effrena é o poeta glorioso, acclamado, cercado de discipulos fanaticos que o seguem e o envolvem em nuvem de incenso perpetuo, que ama a tragica sublime, a Foscarina, que a obriga quasi, pelo seu processo de suggestão poderosa, a amal-o perdidamente, que depois lhe deixa perceber quanto o amor d'ella, apesar de lhe causar uma sensação de prazer infinito, apesar de ser uma cousa sem a qual *elle não podia ter passado*, está ainda assim longe de o absorver completamente, e tal poder tem n'ella que sem a expulsar de si, a leva pouco e pouco a perceber, que deve retirar-se, desaparecer-lhe da vida, para que elle caminhe ovante onde o chama o seu alto destino, para outros amores mais moços, para outras sensações de mais refinado encanto, para a virgem sem macula que o seu orgulho, ainda mais que o seu coração, appetee com ancia furiosa.

A figura da *Foscarina*, apesar de não ser essa talvez a intenção de Annunzio, é a que elle torna bella, interessante e superior.

O livro começa de uma maneira já de si muito bella e muito original.

Stelio, quer dizer Annunzio, tem de fazer n'aquella noite (como fez na realidade) uma conferencia em Veneza na sala do Conselho Maior, a mesma, em que o

Doge falava outr'ora, perante a assembleia dos patri-
cios, tendo em frente de si o *Paraizo* do Tintoreto, e
por sobre a cabeça a *Gloria* de Veronese.

Ao entardecer, e como que para estimular e exaltar
o cerebro para essa conferencia, que elle fará de impro-
viso — depois de ter rasgado e inutilisado uma outra,
toda pompa e magestade, que preparára com cuidado
erudito — Stelio dá com a *Foscarina* um passeio de
gondola pelos canaes tão cheios de recordações de glo-
ria, de poesia e de amor.

Passeiam e conversam. Ou antes Stelio fala de si
proprio e a Foscarina fala de . . . Stelio. A doçura hu-
milde da genial mulher, falando só para que elle res-
ponda, para que elle mais se expanda nas confidencias
magnificas da sua alma orgulhosa, já de si nos dispõe
mais em favor d'ella que sabe amar tanto, do que em
favor d'elle que tão pouco merece ser amado. O ge-
nio é o orgulho, o egoismo, a chamma devastadora,
a implacavel e cruel vontade que se impõe e só cura
de si.

No trajecto a gondola da grande actriz quasi que-
roça pela galeota em que passa a loira Rainha da Ita-
lia, hoje viuva e tão triste. Citemos na traducção bra-
sileira o formoso trecho que nada perde da sua graça
ao ser transplantado para *terreno alheio*.

«Ao passar a galeota real junto á gondola, fizeram
ambos menção de saudar. Reconhecendo o Poeta de
Persephone e a grande actriz, a Rainha voltou-se por
um acto espontaneo de curiosidade, toda loira e rosada,
illuminada claramente por aquelle seu grande sorriso,

que brotava inexaurivelmente, expandindo-se nos claros focos das rendas de Burano.

.....

«Um novo clamor mais forte e demorado ergueu-se d'entre as duas columnas tutelares de granito, enquanto que a galeota aproava para a *piazzeta* cheia de povo. No intervallo, a multidão negra e densa ondeando, os nichos dos *loggie* ducaes enchiam-se de um bulicio confuso, semelhante ao *illusorio* zumbido que dá vida ás volutas dos buzios.

«Depois subitamente, o clamor remontava no ar lucido, quebrava-se no alto, de encontro á esbelta floresta marmoreã, ultrapassava as frentes das estatuas eminentes, attingia os corucheos e os cruzeiros, dissolvia-se no *além* crepuscular. Impassivel por sobre a agitação inferior, no novo intervallo, continuava a harmonia multiplice das architecturas sacras e profanas, sobre as quaes perpassavam, como se fôra agil melodia, as modulações jonicas da Bibliotheca, e se alçava como um brado mystico o vertice da torre nua.

«E essa musica silenciosa das linhas immotas era tão possante que creava a visão quasi sensivel de uma mais bella e mais fecunda vida, sobrepondo-a ao espectáculo da multidão irrequieta.

«Esta sentia o divino d'aquella hora; e no clamor endereçado áquella nova forma da Realeza abeirando-se da antiga plaga, áquella bella Rainha loira, aclarada por um sorrir imperecivel, exhalava talvez a obscura aspiração de ultrapassar a dôr da vida vulgar, de re-

colher as dadivas da eterna Poesia, esparsas sobre as pedras e sobre as aguas!

«A alma cubiçosa e forte dos antepassados, a acclamar os triumphadores do Mar, tornados á patria, era despertada confusamente nos homens opprimidos do tédio e do trabalho dos longos dias mediocres; e trazia á lembrança, a aragem movida pelos grandes pendões de guerra no encolher-se como as azas da Victoria, após o vôo, ou as suas vociferações, vergonha implacavel, para as frotas que fugiam.»

Não sei se foi longa a citação; mas muitas das qualidades do talento de Annunzio estão aqui em *rac-courci* energico e expressivo.

A visão flagrante das cousas reaes; a bella amplitude que a imaginação creadora lhes dá, transfigurando-as; as reminiscencias que acodem em impetuoso vôo formando imagens successivas de encantadora realidade; o poder de vêr, de recordar, de imaginar, e de fundir tudo n'uma harmonia de colorido extraordinaria e potente.

O livro da primeira á ultima pagina é um gozo para o ouvido, para a fantasia, para o olhar, para a curiosidade. Não é um gozo para o coração porque Annunzio não tem coração.

O que elle deseja ser é o super-homem de Nietzche, isto é, o inimigo da humildade, da piedade, da resignação, do sacrificio; o inimigo implacavel e desdenhoso dos fracos, dos doentes, dos feios, dos infelizes. Para elle a vida do homem tem um fim: gozar centuplica-

damente de tudo que é bello, viril, energico, magnifico : quer seja a gloria, quer o amor, quer a vingança, quer o mando supremo, ou a suprema heroicidade!

Por isso, sendo as voluptuosidades e as paixões da Vida o campo em que a sua imaginação melhor se espraia, que a sua penna melhor descreve, e o seu pincel de artista sabe colorir de mais opulentas e deslumbrantes côres; sendo a Arte a decoração mais propria para essa vida que elle sonha rica em toda a especie de sensações fortes e de estimulantes prazeres, elle sabe fazer vibrar todas as cordas da nossa sensibilidade ou da nossa fantasia, sem saber vibrar a corda mysteriosa que ha no intimo do nossó coração.

N'este, como em todos os livros de Annunzio, ha uma especie de crueldade, que entristece os que admiram o seu poderoso genio.

Mas que belleza inexgotavel nas descripções! Em toques successivos, em pinceladas magistraes, em observações de uma verdade intensa, elle faz surgir deante dos nossos olhos a grande actriz mysteriosa e multanime, a mulher nomada, de olhar triste como a Noite, e a cuja voz, a cuja paixão, a cujas lagrimas, a cujas expressões sem numero, — que obedecem como as ondas do mar a um occulto rythmo — as multidões, sob os mais diversos céus, têm tremido e chorado de contagiosa emoção.

Evoca-a com sublime e poderosa tristeza sob os mil aspectos de que ella se tem revestido; faz com que a vejamos deante de nós, Phedra ou Julieta, Iphygenia ou Polixena, Medéa ou Cleopatra, Miranda, Rosalinda,

Jessica, ou Perdita, revela-nos todas as almas emfim que ella tem encarnado com o seu corpo que a paixão devastou, com o seu rosto em que ha sombras como as do Averno e luz como a do sol nascente, com o seu sorriso feito de tanta doçura e tanto fel, com a sua voz de soluço e de caricia, de rugidos e de arrulhos, de indignação fremente ou de terna humildade, com a sua voz que tem imprecações e bramidos, mas que tem beijos como os do luar, e gorgeios como os dos passaros matinaes! . . .

Esta visão magnifica da grande actriz que nasceu, pelos caminhos poeirentos, no carro que transportava a pobre companhia ambulante pelas aldeias da Italia, e cujo outomno de vida é illuminado pela luz da gloria mais pura, é acolhido pelo clamor das turbas entusiastas, nas noites das grandes cidades, em que o nome d'ella fulge como uma constellação inaccessible — toda esta parte do romance é admiravelmente bem feita.

Ha um momento em que ella, a sublime, a tragica Foscarina, lhe conta a sua infancia, a miseria, a desolação da sua vida errante; a angustia no seio da qual começou a germinar, a medrar, a crescer o seu bello genio de artista, a fome, a sede, a repugnancia invencivel da vida em commum com grosseiros seres que a não entendiam, para os quaes ella era apenas o ganhão quotidiano! Como são bellas e sombrias essas paginas de uma confissão dilacerante, em que se assiste por assim dizer á genese de um grande talento de tragica, ainda inconsciente, já movida pelo poderoso instincto, pela força que havia de mais tarde desenvol-

ver-se n'ella, por aquelle extranho poder que, entre tantas, a elegera para exprimir em gritos, em murmurios, em lagrimas, em contracções faciaes, em olhares de mysterio e de multipla expressão, em bellas posturas rythmicas de uma harmonia classica, em descompostos gestos de delirio e de horror, toda a grandeza infinita, e toda a diversidade terrivelmente vasta da Dôr, da Paixão, do Desespero humanos!

Só a Mãe a amava então, a acariciava tremente, ignorando esse genio que despontava, e que era já uma cruz e uma tortura, mas sabendo que ella soffria e pensando em morrer com ella, afogadas ambas, n'um d'esses rios que tanta vez atravessavam, lamentavel bando de histriões vagabundos, cheios de fome e frio, amaldiçoando a vida, e o cançado e triste officio de divertir as multidões grosseiras!

No carro, deitada sobre um feixe de hervas, pallidá da lucta enorme que se lhe travava dentro do cerebro ao pisar o tablado de que viria a ser a rainha, lá ia ella, debicando n'um cacho de uvas que um vindimador lhe offerecêra sorrindo ao vê-la tão franzina, extenuada, e sem côr! E essa que fôra tão esfaimada e misera, essa que tivera uma infancia de tanto horror secreto e inexprimivel, era agora a grande mulher acclamada, que rainhas e imperatrizes cobriam de joias, e applaudiam fremendo em jubilo sagrado!

.....

Não é porém sómente a *visão* de Venesa, evocada com poderosa magia, nem o estudo da grande actriz, que tornam este livro interessante. E' tudo que n'elle

ha de suggestivo e bello, que eu mal posso indicar n'um artigo rapido.

Apontarei no emtanto, de fugida, visto que assim é necessario, a visita á ilha e á vidraria de Murano, em que o grande italiano que é Annunzio, encontra as phrases mais lindamente acariciadoras para descrever o doloroso trabalho dos cyclopes a cujo sôpro se cria a ineffavel harmonia das linhas, a graça pura dos contornos, a fragil transparencia dos vasos de crystal que lembram lyrios . . .

Ha ali o encontro com um velho artista do vidro, neto e bisneto dos grandes artistas que deram fama aos productos de Murano, que é um bello *achado*.

Apontarei tambem essa tarde passada com a Foscarina, vestida de côr de ouro, no jardim da extranha Lady Myrta, entre os seus cães de raça, os seus galgos da Escocia, os seus lebreus da Irlanda e da Tartaria; o galgo hespanhol arrancado a uma tela de Velasquez; o *sloughi* arabe que treme quando descobre a preza, na ancia, no desejo ardente de matar . . .

A traducção brasileira não dissipou uma unica das riquezas que o artista que é, Gabriel de Annunzio, concentrou n'este volume. O escriptorio ficou completo depois de passar por mãos extranhas, que tocaram com tão piedoso cuidado em cada uma das gemmas que o estrellejam.





CARLOTA BRONTË

A *era victoriana*, que póde dizer se findou antes de morta a Rainha que lhe deu o nome, pois que o espirito que a tinha bafejado, parece que ha muito se extinguiu, — a *era victoriana* na Inglaterra teve a felicidade de possuir, além dos seus grandes homens, algumas mulheres verdadeiramente notaveis, póde mesmo dizer-se, geniaes !

É uma cousa extranha que se dá com este paiz tão masculino e viril. As suas tres grandes epochas litterarias têm o nome das tres rainhas, que a ellas superiormente presidiram.

A *era Elisabetheana* teve, para não falar n'outros, Bacon e Shakespeare. Foi o periodo de uma renascença brilhantissima, embora não inteiramente dominada, felizmente para ella, pelo classicismo greco-latino.

Queen Ann's times viram Pope, e Addison e Swift e Johnson, e tantos outros que lhe deram o nome de delicioso *preciosismo* e de requinte litterario inolvidavel.

A era de Victoria tem Thackeray, e Dickens, e Carlyle, e Macaulay; tem os Browning, tem Rosseti, tem Ruskin, tem uma pleiade de pintores adoraveis que vão de Turner a Burne Jones, e tem finalmente — que é o que mais importa para este artigo, Mrs. Gaskell, Carlota Brontë, Georges Elliot, a qual por tantos tem sido comparada, pelo objectivismo do seu genio, pela sua faculdade creadora tão ampla, ao proprio semi-deus chamado Shakespeare.

Aquella, de que venho tratar aqui, não occupa na hierarchia dos grandes espiritos o lugar proeminente de Georges Elliot, mas devo confessar que se é menos extraordinaria e grandiosa a sua obra litteraria, é muito mais interessante e sympathica a sua pessoa!

Em geral, nos paizes latinos da actualidade, não é de notavel originalidade nem de especial interesse a vida dos grandes escriptores.

Isso era bom para o seculo xvi! Hoje o escriptor francez, italiano, hespanhol, brasileiro ou portuguez, é uma pessoa igual ás outras, que adoptou por modo de vida o escrever para o publico.

Em Inglaterra, ainda hoje não succede assim. É raro que lá, o auctor não seja ainda mais original e atrahente do que a sua obra.

Para que a paixão do anglo saxonio tome a fórma de uma effusão suprema, é necessario que ella seja poderosa, como uma torrente, e arraste na sua onda cau-

dalosa, aquelle pudor nativo que leva o homem d'essa raça a preferir a toda a expansão, o silencio.

*

*

*

Quem era Carlota Brontë, e porque motivo se tornou ella conhecida no mundo inteiro? Tornou-se conhecida porque escreveu dois livros que são contados entre as obras primas da litteratura contemporanea, e porque os escreveu, sabemol-o agora, com farrápos sangrentos do seu pobre e torturado coração.

A *Vida* de Carlota Brontë foi feita por uma mulher a quem Taine chamou genial. É Mrs. Gaskell.

Ultimamente, nos ocios forçados que a doença me impõe tanta vez, estive eu lendo essa *Vida* escripta por Mrs. Gaskell, e que póde tambem ser classificada como obra prima no genero biographico.

É um trabalho *exhaustive* feito sobre cartas e apontamentos intimos, mas escripto com a delicadeza psychologica que só uma mulher póde ter, quando trata de outra que lhe foi muito querida.

No entanto, apesar da *Vida* ser essa perfeita maravilha de concepção e execução, onde nós melhor conhecemos o coração de sensibilidade dolorosa e extranha, a alma de fogo de Carlota Brontë é nos seus dois principaes romances *Jane Eyre* e *Villette*.

Carlota era a terceira das cinco filhas que, a um po-

bre cura de origem irlandeza, tinham nascido, em um remoto, tristissimo e solitario *parsonage* do Yorkshire.

Além d'estas cinco filhas, todas de raro e mysterioso encanto, devido talvez á origem celtica do seu sangue, o cura prolifico tivera tambem um filho, por nome Patrick-Branwel que foi durante a infancia e a primeira mocidade, o orgulho, o enlêvo, a esperança, a sonhada gloria futura da familia, e que viveu para ser o seu flagello, a sua vergonha, o seu terror de todos os instantes.

Sobre a vida das pobres irmãs, tão cheias de talento, paira como uma sombra tragica, a figura d'este irmão, ebrio de vinho e de opio, candidato á loucura, e finalmente doido furioso.

A região, a que está por assim dizer vinculado o nome das irmãs Brontë, e que ainda hoje é visitada por esse motivo unico, por innumerous touristes, é essa região a um tempo montanhosa e cheia de pantanos e de terras encharcadas, que se estende entre Keigley e Bradford, as grandes cidades dos tecelões, e Leeds a grande cidade dos cuteleiros. Quasi que sem uma arvore, selvagem, desolada, tem como unica variedade a charneca tragica, infindavel, em que a urze agreste se colora, consoante os accidentes da luz, de um aspecto diverso em cada hora que passa.

Ali a charneca é o mar. Muda com elle, como elle soluça e geme, como elle ondula ao vento aspero, á nortada cortante que vem dos montes.

Ali em cada valle ha uma fabrica que negreja e fuma, pelos altos fornos que se levantam para o ceu.

Mas a cordilheira de morros que enquadra esses formigueiros humanos de miseria e de trabalho, tem uma serie de planaltos — os *moors* — «que para o homem do Yorkshire são o mesmo que os Alpes para o suíço, o mar para o marinheiro, o *bog* e a montanha para o emigrado irlandez.»

O encanto extranho, indefinivel, d'esse paiz agreste e sombrio está por assim dizer «na ondulação das suas collinas cheias de matto bravo, na côr purpurea das suas urzes, no velludo brilhante dos musgos, no verde tenro ou no ouro esmorecido dos altos fetos, nos grandes rochedos de granito esplendidamente manchados de lichens multicores, e sobretudo na liberdade sem limites apparentes das suas charnecas incultas.»

Foi ali que Carlota e as suas cinco irmãs se crearam n'uma isolação ao mesmo tempo deliciosa e tremenda. Ali adquiriram todas o dom magnifico e doloroso de uma imaginação creadora de phantasmas, de lendas, de apparições, de figuras extranhas, que foi de certo o primeiro germen do talento extraordinario da romancista famosa de *Jane Eyre* e de *Villette*.

De mais a mais o triste presbyterio protestante de Hathwood estava pegado ao cemiterio. Aqui nos apparece elle, nas *illustrações* do livro de Mrs. Gaskell, como mettido entre blocos de pedras funerarias. As pequenas Brontë, cheias de talento e de prodigiosa poesia, ali se crearam cultivando em si proprias as sensações terriveis e tragicas que tal acompanhamento havia por força de suggerir.

Percorriam de dia os *moors* de melancholia selvati-

ca, e tremiam á noite inventando historias de mortos e de phantasmas.

A mãe morrera deixando-as pequeninas ; o pae concentrado e triste vivia muito só, nò seu gabinete de trabalho ; a tia materna, muito ingleza de costumes, tradições e gostos, embora de origem celta tambem, pouco ou nada se entendia com essas phantasistas extranhas, que *sonhavam* a existencia em vez de a *viverem* como os outros, e que tinham achado para não morrerem de tédio e de tristeza, um poderoso *alibi* no mundo da imaginação.

Em todo o caso esta tia, acuada, prática e methodica, foi-lhes util. Por causa d'ella a auctora de *Jane Eyre* soube sempre coser, cosinhar, tratar de um doente, fazer um *pudding*, deitar um remendo, concertar um vestido, etc., etc.

O que não obstou a que este meio selvagem, solitario e funebre, excitasse perigosamente a imaginação d'essas creaturas de tão extraordinario talento e de tão raro poder de sonho!

Embora as irmãs de Carlota — Emilia e Anna — pertençam tambem á Historia da poesia e da litteratura ingleza, embora Emilia tenha, entre os litteratos mais requintados, um verdadeiro culto, e haja quem assegure existir n'ella a virtualidade de maior grandeza que aquella que desabrochou superiormente em Carlota, não me occuparei de nenhuma d'ellas aqui, porque para isso me falta espaço.

*

* *

Carlota não era bonita, e tinha, de não ser bella, como eram bellos os seus sonhos, umas d'estas magoas profundas como só as comprehende uma mulher.

«Muito baixinha — escrevia em dezembro do anno passado na Revista ingleza *Cornhill*, Mr. Georges Smith, a respeito de Carlota Brontë, — a cabeça grande demais para o pequeno corpo ; olhos bellos, mas bocca largamente fendida e má côr ; nunca houve mulher mais consciente da propria fealdade, mais colerica, mais irritada por lhe faltar de todo a belleza e a graça. Daria de boa vontade o seu genio todo, para ser bonita».

Mas apesar d'essa fealdade que a indignava como uma peça pregada pelo destino, irradiava de si uma seducção singular, e mais de uma vez foi pedida e desejada em casamento apesar dos cabellos ruivos, da bocca rasgada, e da diminuta estatura !

É que esses defeitos de forma desapareciam logo que a illuminavam e transfiguravam toda, o brilho scintillante dos grandes olhos garços, o encanto do sorriso ora amargo ora dôce, ora pathetico ora comico, e o esfuziar da phantasia, do *humour*, da eloquencia, que d'ella jorravam livremente quando se sentia em *meio sympathico*.

No entanto apesar de tão soberbos dons, como a sua vida foi triste! Carlota Brontë, que desde pequenina escrevinhava historias terriveis, de um romantismo descabellado, e chronicas guerreiras em que o heroe obrigado era o Duque de Wellington, só tarde, muito tarde, percebeu que tinha em si propria um thesouro, como o das lendas celticas que tão avidamente decorára em creança; que tinha nas mãos pequenas, quentes de febre ou gellidas de commoção, uma chave mysteriosa com que poderia abrir a porta do palacio encantado da Gloria!

Antes d'essa hora triumphal, d'essa hora de maravilhoso esplendor, em que as acclamações da Inglaterra, da America e da Europa culta lhe deram a consciencia plena do seu genio, saudando o nome de *Currer Bell*, seu pseudonymo glorioso, e como que annunciando-lhe a magnifica desforra que ella tiraria da Vida e dos seus tormentos varios, que via-sacra desesperada e lugubre a pobre Carlota não trilhou! . . .

Destinada a ser professora, *governess*, pois que outro meio não tinha de ganhar o pão de cada dia, eil a que percorre diversos collegios, diversas instituições de educação superior, e até diversas terras, porque esteve em Bruxellas muito tempo e ahi se póde dizer que uma epocha decisiva da sua existencia se passou ao mesmo tempo dolorosa, inolvidavel, querida!

As suas experiencias da vida foram limitadas pelos meios que percorreu, e pelos escrupulos extremos de uma consciencia de puritana para a qual o erro, a fraqueza eram, além de odiosos, repugnantes!

Mas isso não obstou a que ella amasse apaixonadamente, com um amor silencioso e condemnado, a que ella soffresse, como sabem soffrer as que são mais capazes de morrer, que de fraquejar !

Depois embora a Vida lhe tivesse revelado poucos dos seus aspectos, a verdade é que, n'uma alma de energia e de paixão, os mais pequenos incidentes repercutem-se com sonoridade magnifica ! Para uma imaginação tragica e sombria, a tragedia está em tudo ! Não ha tempestades moraes mais violentas, e tambem mais purificadoras, do que as que se passam nos ambitos secretos de uma alma de mulher apaixonada e pura ! Só conhecem a grandeza da Paixão humana aquelles que lhe sabem resistir, que a sabem domar, vencer, emmudecer ! E Carlota Brontë foi uma d'ellas.

No seu livro já escripto depois d'ella ter conhecido os primeiros luctos, as primeiras mortes das irmãs tão queridas, as tristezas insondaveis da solidão selvagem entre as charnechas pantanosas de Hatwooth ; depois de ella ter assistido á tragedia da vida d'esse irmão que o orgulho da familia transformára em idolo, e que paixões desregradas levaram do erro ao vicio fatal, ao vicio celta da embriaguez, e da embriaguez do vinho á embriaguez do opio e finalmente á loucura furiosa : no seu livro de *Jane Eyre* Carlota Brontë lançou em jacto febril o seu passado inteiro. Ali estão as tristezas, as nostalgias dos dias passados em collegios e pensões de horripilante memoria, o amor desgraçado e impossivel que vencera fugindo, tal como *Jane Eyre* ; o desesperado esforço para o bem sem o qual uma alma como a

sua não poderia viver, os rancores da sua vida de mestra em casas extranhas e crueis ; alli está o horror da hora em que o irmão, n'um ataque de embriaguez homicida, deitou fogo ás cortinas do proprio leito e por pouco não incendiou o *parsonage* ; e a cegueira do Pae, e finalmente a sua alma toda, a sua paixão devastadora, ardente, que fazia, no dizer de George Elliot, da pequena puritana do Yosrkshire, uma irmã de Georges Sand, menos os desvarios e as fraquezas !

Jane Eyre teve um successo ruidoso, brilhante, cheio de tempestuosas discussões na Inglaterra do tempo, mais intellectual que a de hoje, e onde havia tão finos juizes das obras do espirito.

Carlota Brontë um dia pela manhã acordou celebre. E no entanto era uma celebridade de que ella não gozava a influencia directa, porque á excepção das irmãs, ninguem em Hatwooth sabia da existencia de tal livro, e do successo por elle alcançado nos salões de *May Fair* e na *élite* pensante da Inglaterra !

Foi pouco a pouco que entre os amigos raros de Carlota penetrou o conhecimento do seu genio.

Mas a influencia d'essa fama extraordinaria por ella alcançada, não deixou de ser benefica n'esta existencia solitaria e triste.

Morreram-lhe as irmãs adoradas e sobretudo a genial Emilia, auctora de *Wuthering Heights* — morreu esse irmão desgraçado e cruel, que a rigida consciencia de Carlota não pôde nunca cobrir com o veu de compaixão misericordiosa que elle talvez merecia pelo muito que soffreu; e na casinha junto ao cemiterio, ro-

deada de charnecas pantanosas, dos *moors* cheios de urze brava, Carlota Brontë, a auctora acclamada de *Jane Eyre*, de *Villete*, de *Shirley*, ficou ao pé do Pae meio cego, na melancolia tragica d'aquella solidão que tantos phantasmas adorados povoavam dia e noite.

Em Londres nos mais altos salões, nos *clubs* mais *select* discutiam-se os romances d'essa extraordinaria mulher de genio, e ella simples, silenciosa, austera e triste, ficava no seu posto ao pé do Pae, sem querer colher a flor inebriante de uma celebridade que tão cariciosa devia ser a quem vivera d'aquella vida melancolica e só...

Houve um momento em que, sósinha entre o pae austero e mudo, as velhas creadas fieis mas ignorantes, e os cães heraldicos de que Emilia se fazia acompanhar nas charnecas floridas de urze brava, Carlota teria succumbido á saudade, á nostalgia, ao desespero agudo, se o editor das suas obras, da casa *Smith & Elder*, tremendo de vêr quebrado esse instrumento de sensibilidade maravilhoso e raro, lhe não proporcionasse o meio de deixar de vez em quando o *parsonage* lugubre, de vir passar um dia ou outro ao pé de sua mãe, senhora respeitável, que Carlota pareceu adorar e que representou na Mrs. Bretton de *Villette*, entre amigos que a admiravam sem a entenderem nunca lá muito bem, e que se chamavam Carlyle, Thackeray, Dickens, etc., etc.

Ella apparecia timida, pequenina, com o seu ar de mestrasinha puritana, colhia sensações que mais tarde transformava em perolas, e que não transpareciam no

seu ar acanhado e de reserva invencível, e voltava confortada para o cemiterio, para a casa isolada, para o Pae que a adorava e que a não percebia tambem... O trabalho então era o seu salvador e o seu amigo supremo.

Mais tarde, com 38 annos de idade, e depois de uma longa resistencia opposta pelo Pae até que ella colhesse ao menos essa flor de outomno, pallida e sem perfume, Carlota Brontë casou com um *clergyman* coadjutor do pae, na igreja de Hatwooth, que a amava desde muitos annos.

Morreu mezes depois d'este casamento e na vespera de dar a sua alma de paixão, a sua alma de chamma, e tambem de sacrificio e de dever, a um filhinho que gerára nas entranhas cheias de amor.

A sua vida de casada é tão curta que não tem historia. A sua vida de mulher é tão desolada e triste, que se bebe na descripção d'ella coragem para todas as immolações consentidas, para todas as dôres sem esperanza. A sua vida de artista é uma rubra flor magnifica, como as que desabrocham muita vez sob o ceu plumbeo da Inglaterra.

Feliz paiz e feliz raça, que até nas suas mulheres artistas póde apresentar exemplares d'estes.





INQUERITO ÀS MULHERES CELEBRES

O TALENTO DA MULHER É UM BEM OU UM MAL

O jornal francez o *Figaro*, na sua mania de encontrar sempre alguma coisa nova com que divirta o espirito dos leitores, anda fazendo agora um inquerito bastante original.

Consiste em perguntar a todas as mulheres *celebres* que pisam o asphalto de Paris, se estão contentes com o destino que escolheram, se o preferem francamente á obscuridade domestica, e se igualmente o quereriam para suas filhas, no caso de as terem.

Ora, este inquerito póde ser uma diversão sensacional, mas pecca absolutamente pela base.

Quem são as mulheres a que tal série de perguntas é dirigida?

São principalmente actrizes, mais ou menos bohe-

mias de natureza e de profissão, e romancistas excéntricas, algumas das quaes tambem de ha muito atiraram *par dessus les moulins* com os deveres imprete-riveis do seu sexo e do seu estado de casadas.

Sem falarmos n'essa phenomenal Clémence Royer, que é um potentissimo cerebro de homem mettido por engano da Natureza n'um fragil corpo de velhinha so-litaria e triste, e que pela natureza do seu genio nos parece fóra do sexo que a *encarcera* por seu mal, a França possui actualmente umas poucas de mulhe-res dignas de serem celebres e de quem a resposta a taes perguntas podia ser instructiva e reveladora; mas a essas ainda o *Figaro* nada perguntou, e é mes-mo provavel que ellas se não prestassem a respon-der-lhe.

Uma d'ellas, ingleza de nascimento, mas franceza de adopção, é a encantadora Mary Robinson, casada em primeiras nupcias com James Damestester, o celebre hebraisante e orientalista, e em segundas com Mr. Du-claux, que eu julgo ser o auxiliar de Pasteur, e hoje seu substituto no laboratorio creado pelo grande mes-tre. Julgo, mas não tenho a certeza de me não enganar n'este ponto.

Esta mulher é e deve ser celebre, porque tem um dos mais adoraveis e femininos talentos d'este tempo. Escriitora de verdadeiro merito, deve-se-lhe um lumi-noso e colorido estudo sobre *Froissart*, o qual faz parte da collecção dos *Grands Écrivains français* publicada por Hachette; deve-se-lhe além d'isto, um volume so-bre os grandes escriptores da éra victoriana na Ingla-

terra, que é uma delicia de intuição psychologica e enternecida sympathia.

Esta creatura tão superior pelo talento não se acha, já se vê, dispensada de ser uma mulher immaculada.

Uma senhora portugueza, minha amiga, que a conheceu em Fontainebleau, onde ella estava residindo por falta de saude, descreveu-m'a como uma pessoa deveras encantadora.

Era já viuva de James Damestester, a quem consagrrou no prologo de um livro d'elle, posthumo, intitulado *Études Anglaises*, um estudo delicioso, respirando piedade e saudosa graça. Magra, delicada, empallidida pela doença, era um prazer delicado d'alma o vê-la ao pé da mãe que a velava e tratava como um avaro trata o seu thesouro.

Nunca se deixavam. A mãe solícita e desvellada; a filha toda penetrada d'aquelle *charme* intellectual que se exhala de cada um dos seus livros, como um aroma casto e penetrante!

Depois d'esse tempo Maria Damestester casou de novo e chama-se hoje Maria Duclaux. O seu talento continúa a fulgir, como uma luz doce que allumia sem cansar.

Deve ser adorada. E' com certeza a mais exemplar das esposas, seria a mais dedicada e apaixonada das mães.

Se perguntassem a esta creatura de eleição se ella quereria trocar o seu destino glorioso por um destino obscuro e desconhecido, se ella, tendo uma filha, quere-ria que ella lhe seguisse os passos ou que nada tivesse

que a distinguisse da multidão vulgar, Maria Duclaux responderia certamente :

— Mas, por que não hei de eu amar o meu talento, se elle me tem dado horas de tão intenso gozo na criação dos meus bellos livros ; se elle me fez amada e conhecida por tantos corações que de outro modo me teriam ignorado ; se eu posso auxiliar com o producto do meu trabalho querido aquelles que mais amo ou aquelles de quem tenho mais dó ; se esse talento me não roubou nem um dos privilegios de que goza toda a mulher ; se eu posso ser filha, esposa, mãe com a mesma ternura, a mesma dedicação, o mesmo acrysolado terror das outras ? !! Por que é que sendo mais sensível, não hei de saber sêr melhor ! Por que é que sendo mais intelligente não hei de ter uma noção mais alta e pura do dever ? E por que, se tivesse uma filha, não havia de estimar que ella trilhasse o caminho que tenho trilhado, colhesse as flores que tenho colhido, inspirasse as adorações e os respeitos que tenho inspirado !

*

*

*

Isto seria a meu ver a resposta de Maria Duclaux (Damestester). Isto seria a resposta de Arvéde Barine, a erudita, a admiravel *essayist*, a escriptora inexhaurível que nos deu agora em *S. Francisco de Assis* um *fresco* de adoravel poesia, como nos tem dado tantos

quadros pittorescos, tantos estudos perfeitos de arte, de litteratura, de historia, de costumes.

Nada sei individualmente de *Arvède Barine*, a não ser que já tem netos e que é por força uma bella alma e uma honesta e laboriosa mulher.

O seu talento conheço-o porque o aprecio infinitamente, e tenho a certeza de que ella o aprecia também.

Portanto, se o *Figaro* se dirigisse a espiritos femininos d'esta ordem, estou certa de que seriam menos desconsoladores os resultados do seu inquerito.

Elle porém vae interrogar mulheres do theatro: cantoras como Emma Calvé, que são escravas do empresario ou do publico, actrizes como Jane Hading que fez do palco um pedestal para a belleza e cuja resposta não quer dizer absolutamente nada que possa aproveitar-se.

Já se vê, que sempre que a mulher julgue incompatíveis o talento e a fama com a vida sã e feliz da familia, ella ha de lamentar-se de ter seguido a vida artistica, se ainda tem na alma um vislumbre de luz moral — e é isto que succede a Emma Calvé — ou ufanar-se cynicamente de a ter seguido, se a corrupção do *meio* a contaminou totalmente, como succede a muitas outras.

Em qualquer dos casos muito perversa seria a que escolhesse para a filha o mesmo caminho de desastre ! . . .

Mas o talento da mulher não é só no palco que se evidencia. E senão veja-se em Inglaterra a quantidade

de *Authoress*, algumas de genio como notou Taine, que vivem e fazem viver os seus pelo seu trabalho, ou glorioso, se ellas se chamam Mrs. Gaskell, George Eliot, Carlota Brontë, Mrs. Humphrey Ward, ou simplesmente util e agradável se têm nomes menos brilhantes.

E' verdade que Madame de Stael dizia que a gloria para a mulher não era mais que *le deuil éclatant du bonheur*, mas Madame de Stael viveu n'um periodo tempestuoso e moralmente anarchico, e era ella propria individualmente uma excepção.

Na sua vida perturbada e extraordinaria cruzaram-se correntes tumultuosas em que a felicidade se lhe afundou.

Não foi a gloria que a fez infeliz ou accessivel, a sentimentos perigosos, foi o seu temperamento de tempestade — *bel orage* chamava-lhe Benjamin Constant — que *sem gloria* lhe teria sido, do mesmo modo, fonte de horriveis torturas moraes, de paixões ardentes, de dôres desesperadas.

Muitas mulheres do seu tempo e da sua classe que não tiveram a gloria de Corinna, tiveram d'ella tudo o mais, e nem por isso as aventuras e os tormentos que passaram foram attribuidos ao seu genio . . ausente.

De Georges Sand digo o mesmo, quer me creiam quer não. Sem gloria ella teria dado os mesmos loucos passos que deu, revoltada contra a brutalidade do marido e contra a negra vida que lhe tinham feito. Sem gloria ella teria herdado da mesma maneira o sangue de Centauro do avô Mauricio de Saxe; o temperamento descuidoso e plebeu da mãe, *grisette* pari-

siense; a mesma educação voltairiana e sceptica da avó, Madame Dupin! Agora, já se vê, o que não teria havido é o escandalo retumbante, que tiveram as suas aventuras, nem o nome de Musset e o de Chopin ficariam eternamente e infelizmente para ella ligados ao seu nome. O talento não foi, pois, o que a perdeu. Foi o que finalmente a salvou.

Sem talento, sem o amor do bello e do bem, sem a aspiração sedenta a alguma coisa ideal, sem a consciencia torturante da propria baixeza, acompanhando cada uma das suas quedas, sem a faculdade de sahir de cada vez, como que resuscitada, do lodo infecto das paixões em que se enterrára, — ella não seria mais que uma aventureira vulgar, cahindo de degrau em degrau até ao mais ignobil dos abysmos.

O talento é que a levantou, é que a purificou pela dôr e pelo trabalho. E' o seu sublime talento que faz com que a gente esqueça completamente a foragida de Nohant vestida de homem e pintando leques para viver, para só vermos diante dos nossos olhos a sublime avósinha d'esse mesmo Nohant que a acolheu ao cabo de tanto naufragio inglorio, a autora de poemas ruaes que hão de viver emquanto viver a lingua franceza, de dramas generosos que fazem vibrar ainda o coração de todas as platéas, de romances formosissimos em que a linguagem iguala a dos melhores mestres e de paizagens que rivalisam com as de Corot pela poesia vaga, dolente dos seus aspectos, com as de Millet pelo realismo vivido, pela verdade penetrante dos seus contornos e da sua essencial belleza.

*

*

*

E' verdadeiramente cruel e mentirosamente perverso o axioma de Proudhon que condemna a mulher ou á cesinha ou ao mau viver.

A mulher de genio póde ser, deve ser, melhor dona de casa, melhor mãe, melhor esposa, melhor amiga do que a mulher ignorante ou mediocre.

O que uma faz empyricamente ou instinctivamente, faz a outra por methodo raciocinado e por vibrante sensibilidade.

Nenhuma desculpa assiste á mulher para deixar de ser bôa, senão a desculpa da ignorancia, da estupidez, da má educação.

Longe de se pensar que uma mulher por ser intelligente deve ou póde abdicar dos humildes deveres do seu sexo, deveres que pela sua propria humildade a engrandecem e exaltam, deve dizer-se, deve affirmar-se bem alto que tanto mais obrigações tem a mulher, quanto maiores e mais cultivadas forem as suas faculdades intellectuaes.

Noblesse oblige. Este aphorismo tem aqui a mais literal applicação.

*

*

*

O que tem feito muito mal ao pobre sexo feminino, sempre opprimido ou pervertido, lisongeadado ou tyrannizado, é a pessima educação que o homem lhe dá,

apreciando n'elle ou a vaidade e a *coquetterie* daminhas, ou a ingenuidade ignorante, ou a submissa paciencia que compete a escravos, não a seres pensantes.

O homem até hoje nunca quiz elevar a mulher, senão obrigado, forçado, por circumstancias superiores á sua vontade pessoal.

Na antiguidade a mulher era a besta de carga ou o instrumento vil de vil prazer. Christo levantou a mulher, que lhe pagou adorando-o e seguindo-o até á Via Sacra e até ao Calvario, mas logo em seguida, em nome do Redemptor Divino que se deixou ungir de balsamo pelas mãos de Magdalena, e que sorriu enternecido ao extase de Maria, a egreja proclamou a inferioridade irremissivel da mulher, havendo fanaticos pregadores que chegaram a negar-lhe a alma!

A cavallaria medieva quiz dar á eterna captiva a carta de alforria que a libertasse, mas os costumes, mais brutaes do que as ideias, continuaram a fazer d'ella um ser inferior, que revoltado, sahia da moral, que submisso accitava a humilhante oppressão mascula.

Os tempos caminharam. A luz entrou nos antros mais escuros; mas o eterno preconceito continua a existir sob fórmas varias, Proteu intangivel que não ha meio de vencer e de anniquillar.

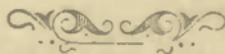
A superioridade intellectual da mulher não diminuem nem attenua, como hoje ainda falsamente propalam, a sua superioridade moral. Pelo contrario. Deve e póde requintal-a e aperfeiçoa-la muito mais. Se até aqui nem sempre o tem feito, quem tem a culpa d'isto não é o talento feminino, é o *meio* adverso que o homem pre-

para a este, para o não deixar desenvolver-se nem medrar.

O inquerito do *Figaro* dirigido a mulheres de theatros, cuja profissão é tão perigosa, tão cheia de tentações, ou a litteratas bohemias divorciadas e sectarias da liberdade à *outrance*, não tem para este caso a mais pequena importancia, pois se dirige a uma classe muito especial e restricta.

Toda a mulher intelligente que tenha feito da sua cultura intellectual, da sua faculdade artistica de qualquer ordem, do seu habito de pensar, de meditar, de comparar, de conhecer, um uso adequado ; que se tenha servido do seu talento como de um bello instrumento de trabalho, de um bello meio de propaganda moral ou de ensinamento artistico ; que pela intelligencia ou pelo genio bem applicados se tenha tornado conhecida, respeitada, amada, admirada, não deve reneegar de modo algum, nem as dôres nem as alegrias que por tal preço comprou, e deve sentir-se orgulhosa e feliz se uma filha tiver o talento que ella teve, o applicar ao bem dos seus e ao bem da humana especie, como ella o applicou, e conseguir a nobre notoriedade que ella laboriosamente adquiriu.

Tudo o mais seria a negação do que ha mais bello na terra : a Razão, que não tem sexo ; o Genio, que é a luz suprema da Vida ; a Arte, que é a flor em que a alma humana desabrocha para Deus !





A INFLUENCIA DA AMERICA

NA

HESPANHA E NO MUNDO

NA obra historica, de que me estou especialmente occupando, (Vida do Duque de Palmella) tive eu já occasião de mostrar que a influencia da America sobre o continente europeu tem sido sempre de uma importancia capital, quasi incalculavel.

Na primeira vez que esta influencia se exerceu, foi justamente no seu descobrimento.

A America, descoberta e revelada ao mundo, renovou e revolucionou completamente as noções, tanto geographicas e ethnicas como theologicas, em que até alli elle tinha vivido.

O descobrimento d'esse vastissimo continente, além

do Atlantico, foi o ponto inicial de uma transformação completa nos costumes, nas idéas, nas aspirações da humanidade.

Aquella velha idéa biblica de que o mundo que habitamos, era uma planicie sobre a qual se desdobrava o pavilhão maravilhoso dos ceus, constellado de estrelas, que Deus accendêra de proposito para nos allumiar e deslumbrar, desapareceu completamente da imaginação ambiciosa do homem.

A fórma espherica do planeta foi-lhe revelada e com ella as leis do movimento a que obedece.

Todo o edificio de fantasias mais ou menos engenhosas com que elle tentára explicar a si mesmo o mysterio indecifrável das coisas, cahiu de per si e theorias scientificas, progressivas e fundadas na observação, começaram a substituir e a desthronar os poemas que a imaginação humana, tão fecunda e tão brilhante, tinha até alli engendrado para emballar a sua sonhadora adolescencia.

Um seculo pouco mais ou menos depois de descoberta, a America do Norte recolhia, abrigava no vasto seio, centenas de refugiados que o fanatismo clerical catholico ou protestante — para alli impellia como para a unica parte do mundo onde a liberdade de consciencia ainda podia ter guarida.

Esses intrepidos *pionneiros* que, para manterem illeso o seu credo religioso, se abalançaram a tamanhos revezes e a tamanhos perigos, eram por força de uma raça vigorosa e resistente, e como tal foram o nucleo primitivo de que sahiu a valente raça americana.

A liberdade religiosa é a primeira aspiração do homem ; a segunda é a liberdade civica.

Opprimidos pelos vexames fiscaes da mãe patria, os colonos inglezes fizeram-se uma nação livre, e o brado de alegria ardente que soltaram ao libertar-se, écoou pela Europa inteira em repercussões prolongadas.

A Revolução franceza não tardou em responder a essa voz que, de além dos mares, convidava as nações a despertarem do lethargo em que se tinham deixado cahir, do lethargo que, pelos seus oppressores tinha sido habilmente aproveitado, para as cingirem de pesados grilhões.

Os elegantes rapazes, que haviam desertado os salões de Versailles e de Paris, para irem combater ao lado de Washington e á voz de Franklin, pela independencia da America, chamavam-se Lafayette, Narbonne, Lauzun, Segur, etc., etc.

A propaganda feita por elles nas salas facilitou a reunião dos *Estados Geraes* e tornou possivel o estado de opinião de que os primeiros reformadores careciam para se insinuarem nas altas classes.

A verdade é que estas, a principio entusiastas, bem depressa se arrependeram, e foi só então que a Revolução lhes oppoz o supremo argumento da Guilhotina...

Mais tarde quando a reacção dos Bourbons da França e da Hespanha, da Austria de Metternich, da Inglaterra de Castlereagh e de Wellington, envolveu de novo o mundo attonito nas suas dobras escuras, foi a America do Norte quem, pondo-se valentemente ao

lado dos seus irmãos do sul, determinou, favoreceu a criação das dez Republicas americanas, que pelo seu esforço proprio e pelo auxilio dos Estados Unidos fraternaes, foram talhadas no manto real da Hespanha.

As colonias oprimidas da reaccionaria Iberia libertaram-se graças á America do Norte, constituindo novas nações livres e adorando a Liberdade. A Europa que as acceitou e reconheceu, depois de um periodo de hesitação e de rancorosa revolta, e indo na cauda da Inglaterra — que fôra a primeira por seu interesse politico e commercial a acolhê-las no gremio das nações — a Europa teve de contar d'alli ávante com um elemento novo, que entrava em scena, e que restabelecia o equilibrio perdido entre o regimen liberal e o regimen absoluto.

A Monarchia hespanhola, que um dia fôra tão poderosa como o Imperio romano, e cujo desmembramento já começava desde muito, ficou, desde o dia em que perdeu as suas colonias da America, descida da gerarchia de nação de primeira ordem e reduzida a uma posição muito inferior áquella que até alli, apesar de tanta decadencia, estava gozando ainda.

A transformação que este facto produziu na balança européa, é bastante conhecida e não precisa de commentarios.

A Inglaterra que, sendo um paiz de liberdade, não hesitava em politica continental a ser um paiz de reacção, foi forçada pela nova ordem de cousas a pôr-se francamente ao lado dos partidos politicos que em todos os paizes esperavam a mudança do regimen politico.

As revoluções succederam-se na Europa; Revoluções de Hespanha, de Portugal, dos Paizes-Baixos, da França, da Grecia e da Italia.

O regimen monarchico constitucional surgiu, por uma combinação tacita, como a transição necessaria para uma organização politica e social mais perfeita. No mundo, liberto pela segunda vez da tyrannia dos soberanos absolutos, respirou-se á vontade um ar mais puro.

Cada um podia crer ou respeitar ás claras, o que respeitava e cria no seu fôro mais secreto.

A America intervindo no conflicto dos dois grandes principios — auctoridade tradicional e liberdade — tinha determinado por uma série successiva de phenomenos a victoria do liberalismo individualista, que nos rege ha 50 annos ou mais.

*

*

*

A lucta aberta entre oppostas doutrinas nunca cessou um instante, desde que o homem começou a pensar. Hoje os nomes mudaram, mas não mudou a energia dos combatentes que se degladiam por contrarias idéas.

Os Estados-Unidos mais uma vez reapparecem na scena européa. Invocando, porventura, um pretexto hypocrita, que estão desmentindo bastante, elles despojaram a Hespanha das suas ultimas riquezas colo-

niaes, isto é, deitaram por terra a desgraçada nação. Que vae seguir-se d'aqui ? De certo, grandes acontecimentos.

Na mão dos Americanos ou dos Inglezes, Cuba e as Filippinas seriam hoje emporios commerciaes de um valor enormissimo ; na mão da Hespanha eram apenas as ultimas mealhas de um thesouro que fôra tão vasto, tão soberbo como loucamente dissipado pela barbaria e pela imprevidencia, pelo estulto orgulho e pela crueldade ingenita dos seus administradores.

Mas assim como a independencia das colonias hespanholas, transformadas em outras tantas Republicas teve um effeito decisivo na vida e no equilibrio politico das nações continentaes, assim essa nova phase conquistadora e guerreira, que a America do Norte assumiu, vae ter fatalmente um effeito que ainda não podemos definir na politica geral do mundo moderno.

*

* *

Na Hespanha já vemos os primeiros signaes de decomposição, ou da transformação proxima.

Em todas as provincias reina a insurreição e a desordem. Nas Camaras, Deputados e Senadores fazem-se mutuas e escandalosas accusações.

A miseria alastra ; as exigencias do fisco assoberbam a desgraçada nação que ha seculos tem sido ver-

dadeiramente suppliciada por todas as calamidades e por todas as humilhações.

E' que as nações, como os individuos, expiam sempre as culpas commettidas.

A Hespanha tem na consciencia tres crimes de lesa humanidade, e de que tem recebido, por assim dizer, o inevitavel castigo.

Circumstancias que não são para em um rapido artigo analysar, imprimiram-lhe, como feição primacial do seu character, o fanatismo religioso. As duas primeiras guerras contra os vizigodos foram guerras de religião.

Depois, dada a invasão mahometana, foi a Hespanha em oito seculos de luta renhida quem os desalojou da posição tremenda que elles tinham occupado na Europa.

A' voz do seu clero omnipotente, e fanatisada por elle, a vida da Hespanha foi até ao seculo XVI uma permanente cruzada.

Contra o *Ariano* vizigodo, contra o Mouro infiel, contra o Judêo pertinaz, o Hespanhol combateu infatigavel durante seculos e seculos, matando quando não queimava, perseguindo, quando não podia matar nem queimar, aquelles que não professavam o seu credo.

Assim esta alma fanatica e estreita, concentrada em um interesse unico, o de exterminar os infieis e os heresges, fez-se ao mesmo tempo de uma crueldade implacavel para os inimigos, de uma passividade absoluta na mão da Igreja e da Realeza.

Sem hesitações, o povo hespanhol exerceu a sua

missão de exterminio n'este e no Novo Mundo, crente de que cumpria um dever e bem merecia dos seus santos e dos seus frades sanguinarios. . . .

Foi a Hespanha quem destruiu a civilização arabe, brincada e graciosa como um minarete da Alhambra ; foi a Hespanha quem anniquilou, pelo ferro e pelo fogo dos seus Capitães implacaveis, a civilização mexicana, enorme, grandiosa e monumental.

Depois, já em principios do seculo xvii, não contente com todos estes morticínios, foi ella quem, expulsando do seu sólo, onde tinham ficado vencidos e submissos, Mouros e Judeus escapados ao ferro da espada hespanhola e ao fogo da inquisição, determinou por este facto iniquo e estúpido, ao mesmo tempo, a devastação e o empobrecimento do seu proprio territorio.

Eram os Mouros quem cultivavam o arroz, o algodão, o assucar ; os melhores systemas de cultura da terra eram os Mouros que os conheciam e praticavam, e às veigas da Andaluzia em flor e em fructo revelavam bem a somma de intelligencia e trabalho que as enriquecêra.

A fabricação do papel e da seda era aos Mouros que estava exclusivamente confiada ; artes e manufacturas, quando os expulsaram, por aquelle modo cruel que originou a morte de mais de um milhão d'elles, ficaram ao completo abandono.

Houve districtos povoados e riquissimos que se tornaram em desertos ; a fome fez-se sentir em provincias onde a abundancia reinava, graças a essa população intelligente e laboriosa, que o Governo da Hespanha

ineptamente sacrificou ao fanatismo dos seus Padres e dos seus Reis.

Desde esse crime ultimo, a Hespanha não tornou a levantar-se mais.

Quasi tres seculos têm decorrido desde a hora em que Lerma e Philippe III, em uma combinação infernal, deram a ordem de expulsão a dois milhões de subditos nos quaes residia por assim dizer a actividade e o labor da Hespanha guerreira e fanatica.

E n'estes tres seculos, quantas dôres, quantas humilhações não têm devastado esse organismo hespanhol apto para as guerras religiosas e para as repressões da heresia, e mettido dentro do seu catholicismo militante e intolerante, como um guerreiro da Idade-Media na sua armadura de pesado ferro.

E' debalde que homens de alto valor civico têm querido fazer da grande nação do passado uma nação moderna.

Ella continua a cultivar religiosamente os defeitos de raça e as virtudes antigas, que a fizeram o que ella foi, quando esses defeitos e essas virtudes estavam em perfeito accôrdo com o seu meio e tinham effeitos prodigiosos de heroicidade e de grandeza. Que importava que ella não soubesse trabalhar, quando o seu unico fim era combater? Que ella fosse violenta na sua fé, intransigente e feroz contra a heresia, quando o seu papel historico era exterminar a heresia, e lutar contra os infeis? Que ella anniquilasse civilisações que contradiziam a sua civilisação theocratica, guerreira e absolutista? que ella fosse o flagello do Islam, o fogo

exterminador do Judeu, a sentinella valente que a Reforma nunca apanhou adormecida, para passar áquem dos Pyrineus e estender-se pela Península Iberica dentro ?

A sua sobriedade, o seu desdem por todas as innovações do luxo ou da civilisação, a sua paixão concentrada e cruel, o seu sentimento religioso concreto e de uma dureza implacavel, o seu desprezo por todo o trabalho, o seu lealismo barbaro ao chefe dynastico: tudo isto a fez o que ella foi, grande entre as nações, quando eram estas qualidades que podiam dar prestigio e grandeza.

São outras as que se requerem hoje para a *luta da vida*, quer nos povos, quer nos individuos, e a Hespanha intelligente como é sabe-o de certo. Sabe-o, mas não póde transformar o seu temperamento.

As idéas e as qualidades que dominaram durante longos seculos em uma determinada raça, não ha meio de as obliterar ou de as modificar.

Nunca a Hespanha estará educada para ser inteiramente outra do que a fizeram os seculos ! A obra dos seus pensadores, dos seus estadistas, dos seus jurisconsultos passará por cima d'ella, sem a penetrar nem a refundir !

Foi o fanatismo religioso e guerreiro que fez a Hespanha de Isabel, de Carlos V, de Philippe II, e é o resultado complexo d'essa paixão medieva que tem lentamente desfeito a Hespanha de Affonso XIII e dos seus antecessores.

Julho 1899.



A MULHER DE HOJE E O CASAMENTO

A proporção que as condições da vida social sofrem uma transformação que aos olhos menos perspicazes se evidencia dia a dia, o numero dos celibatarios cresce de uma fôrma perigosa para o equilibrio e para a harmonia d'essa mesma sociedade de que a familia constitue a unidade e a cellula.

A vida está muito cara ; as exigencias do luxo desenvolvem-se enormemente ; o exemplo dado pelas mulheres casadas não excita um grande appetite, nos que estão livres, de se prenderem nos pesados grilhões do casamento moderno ; a educação dada ás raparigas cada dia se afasta mais do typo de educação adaptado ás necessidades e ao regular funccionamento das democracias actuaes, mais ou menos disfarçadas sob fôrmas monarchicas ; emfim tudo conspira para que au-

gmente o numero, já fatalmente avultado, das mulheres sem protecção e sem familia.

Ha muito que a experiencia e o estudo da Historia me convenceram de que é inteiramente inutil e vão gritar ou luctar contra as innovações que vão apparecendo no mundo, trazidas pela inelutavel lei da evolução, que domina as sociedades humanas, assim como domina a Natureza inteira, desde o homem até á mais humilde planta, desde o astro que gira no espaço até ao granito que se vai gastando lentamente na terra.

Quando eu era muito moça e ouvia falar na “emancipação da mulher”, nos “direitos da mulher”, nas aspirações avançadas de que a mulher começava a fazer a propaganda audaz, toda eu me confrangia e revoltava.

Agora sinto que todas essas cousas, que então me pareciam theorias vãs, hão de vir no seu tempo, na sua hora opportuna,—não porque as guardas avançadas do “feminismo” as reclamaram e reclamam com processos, as mais das vezes antipathicos e contraproducentes,—mas por que o mundo não pára nem parou nunca, porque o absurdo de hoje é a lei de amanhã, porque novos costumes vão surgindo gradualmente dos costumes e dos ideaes antigos, porque á perpetua mudança das cousas corresponde a perpetua adaptação das pessoas, e que se o homem pôde sempre tolerar a vida e acha-la agradavel quando não feliz, essa mesma harmonia entre o meio e as creaturas continuará a ser a lei irreductivel de toda a progressiva civilisação.

Aristoteles não comprehendia a possibilidade de

uma sociedade subsistir sem escravos, e Aristoteles era o maior cerebro da antiguidade.

Isto deve advertir-nos de que, por mais intelligente que um homem seja, elle não póde delinear nem prever a lei a que o futuro tem de subordinar-se.

Este homem que era tão grande, enganava-se absolutamente quando tentava imaginar uma civilisação posterior á sua. E' provavel que os melhores entendimentos da Idade Média achassem o estado social, a que tinham attingido, uma cousa perfeita e não podessem comprehender a vida sem servos da gleba, sem instituições feudaes em que a sociedade se appoiasse para não se dissolver.

Hoje tambem nos é quasi impossivel comprehender uma civilisação futura em tudo differentissima da nossa. Chamamos chimeras aos sonhos do socialismo contemporaneo, e no entanto quem sabe se as chimeras de hoje não serão as realidades de amanhã ?

Até ha muito pouco tempo a mulher era considerada um ser subalterno e fraco, dependente do homem para tudo, sem responsabilidades, mas tambem sem direitos. Quanto mais ignorante ella era, melhor !

As que não tinham, no pai, no marido, no irmão, o amparo efficaz, ainda tinham o convento, onde sob uma fórma de communismo, nem mais restricto, nem mais anti-natural do que sonharam os Fourier e os Cabet, ella escapava, muda, mutilada, aos baldões do tempestuoso destino.

A familia tinha então um significado muito mais amplo, uma organisação que era e se conservou duran-

te longos seculos patriarchal como no Oriente, tyrannica como na velha Roma.

O pai de familia era o seu protector nato. Tudo se abrigava sob o seu tecto hospitaleiro. Os deveres que lhe incumbiam, só eram igualados pelos direitos quasi sem limites de que elle usufruía.

Então quem falasse de munir a mulher das attribuições necessarias para ganhar independente a vida, afastava-se tanto do ideal social do seu tempo como hoje d'elle se afasta quem pretender recusar-lhe o direito de conquistar com honra o pão quotidiano, que o homem lhe recusa frequentemente com implacavel egoismo!

A familia fragmentou-se, dispersou-se. O individualismo á "outrance" é a lei, talvez transitoria, de um tempo que por outro lado parece a ante-camara de um socialismo estreitamente organizado.

A constituição da propriedade divisivel até á minima parcella; a annullação de privilegios de casta; a destruição de todas as prerogativas hereditarias; a proclamação da igualdade civil; a liberdade absoluta de cada um seguir a carreira que lhe convier, abertas todas á ambição do mais humilde: todas estas formidaveis conquistas da idade moderna, se tiveram beneficios enormes, tiveram tambem em resultado um total desequilibrio de forças sociaes, que urge de novo organizar e pôr em movimento.

A condição da mulher foi completamente transformada pelas conquistas revolucionarias que vêm desde o seculo XVI até ao fim do seculo passado. Foi um

bem ou foi um mal esta inevitavel transformação ? Não vem para aqui dizer-lo agora. Foi um facto ; é como um facto que devemos aceita-lo.

Os conventos se não se fecharam para as mulheres, não as recebem forçadamente como d'antes faziam ! Os chefes de familia restringiram as obrigações e os deveres da sua missão, desde que lhes foram cerceados os direitos quasi absolutos que a esses estavam por assim dizer ligados. A vida moderna mais complicada, concentrando-se por assim dizer nas cidades populosas, exige tanto de cada individuo, que elle procura, quanto póde, furtar-se ás responsabilidades supplementares que o casamento lhe traria. O cavalheirismo antigo desapareceu dos costumes. A mulher — em numero cada vez mais formidavel — encontra-se sosinha diante do problema terrivel do seu destino !

*

* *

Não está na indole de um artigo como este arcar com as grandes difficuldades da sociologia e fazer a analyse da Vida moderna, tal como a constituiram a Religião, a Economia, a Sciencia, a Politica, os costumes e as idéas.

Basta, para o que eu desejo aqui notar, que se advirta um pouco no que uma educação, mais racional do que a educação de hoje, podia concorrer para melhorar

a sorte realmente complicada e difficil da mulher contemporanea.

A' proporção que a propriedade se divide em minimas porções e que o capital se concentra em muito poucas mãos — dois factos antagonicos que dão o mesmo resultado, isto é, a tendencia para que vá em crescente diminuição o numero dos ricos — nós vemos que a sêde do luxo, a ancia de gozar, o amor pelas elegancias espectaculosas se desenvolvem nas gerações modernas.

Ora, é justamente este mal que convém combater.

Logo que a mediocridade de fortuna seja uma lei quasi universal e sem relutancia universalmente acceita; logo que a lição que se imprima no animo dos nossos filhos seja a de accetar o trabalho e a pobreza sem humilhação e sem pezar; logo que ás mulheres se ensine a trabalhar em tudo aquillo para que tenham geito e destreza, a vestir modestamente, a considerar como unico luxo permittido o de uma cultura intellectual e moral cada vez mais ampla; logo que o ideal dos que se prezam seja o de fundar uma familia modesta, obscura, educada no amor do lar domestico e da intimidade quotidiana mais estreita; logo que para a mulher e para o homem o "bom casamento" não seja o casamento rico, mas o casamento harmonico e fundado na ternura e na estima mutua, é impossivel que este odio ao casamento que nós vemos nos moços de hoje, se não attenuue e não acabe por curar-se.

Quem é que hoje casa? As raparigas que têm dote e que por saberem que o têm estão cheias de exigen-

cias e de caprichos, com homens, ou ricos tambem ou bastante habeis para terem levado a bom fim a "caçada á herdeira rica", tão enraizada nos nossos costumes. Ficam por casar as mulheres por via de regra melhores. Aquellas que aprenderam á sua propria custa a trabalhar, a prescindir de luxo, a cultivar as suas disposições intellectuaes ou artisticas e que ao mesmo tempo por orgulho, por melindre proprio, pelo gracioso pudor das almas puras, nunca se puzeram em evidencia, nunca provocaram admiração, nunca se insinuaram por habil "coquetismo" nos espiritos masculinos.

E o casamento, cada vez mais difficil para as raparigas, vae-se tornando cada vez mais raro e, o que é peor, cada vez mais infeliz.

Portanto uma cousa é necessaria: provêr cada mulher que não tenha a felicidade de possuir uma fortuna propria, dos meios de grangear pelo trabalho honesto a sua independencia material.

Note-se que não falo nas aspirações de independencia moral, de emancipação politica, que deslustram e desacreditam a maior parte das theorias do feminismo moderno.

As modificações radicaes que a vida moderna apresenta, se a compararmos com a vida do seculo XVIII por exemplo, fazem com que esta necessidade de armar a mulher para a lucta da vida seja, não uma theoria mais ou menos abstracta, mas uma imposição cathgorica a que é impossivel que a sociedade moderna se esquite.

Rareia o casamento; dissolvem-se os laços de fami-

fia; fecham-se os azylos onde a mulher sem protecção se acolhia; o egoismo masculino, estimulado pelas ingentes difficuldades da existencia, adquire alguma cousa de brutal e de implacavel.

E' necessario acudir á mulher, e acudir-lhe de dois modos: pela educação que a prepare para mãe de familia e pela educação que a prepare para o trabalho remunerador e capaz de a manter de pé.

Estas reflexões têm agora tanto mais oportunidade quanto é por todos reconhecido que o problema feminista está cada vez mais complicado e mais longe de uma solução satisfactoria!

Mais uma vez o repito aqui: Eu que detesto a mulher com aspirações politicas, com sonhos de uma emancipação prematura e, portanto, ridicula, desejo ardentemente vêr a mulher educada pelos processos adequados á democracia moderna e capaz de ganhar o seu pão de cada dia sem depender de um casamento hypothetico, unica cousa em que ella hoje põe a mira, pois que é o unico "modo de vida" que os nossos preconceitos lhe tornam accessivel e digno!

Quem me dêra que estas idéas, que não são só minhas mas de tanta gente com auctoridade e com prestigio, penetrassem em todas as camadas sociaes e ahi comesçassem a produzir aquelle movimento tenaz embora vagaroso, que determina a evolução dos costumes em certo e determinado sentido.

O estado de abandono em que as mulheres pobres hoje se debatem córta o coração dos menos piedosos.



LEITURA PARA RAPARIGAS

(RESPOSTA A UMA CARTA)

ENTRE as muitas cartas que recebo do Brazil, tão agradaveis ao meu coração de mulher, tão li-songeiras para o meu espirito de escriptora, destaco uma que não pôde ficar sem resposta, e que interessa muitissimo grande parte das pessoas que me fazem a honra de me ler.

E' a carta de uma senhora brazileira, perguntando-me a leitura que deve dar a sua filha, para lhe alimentar o espirito curioso, avido de instruir-se, avido de saber.

Esta senhora sabe que eu sou mãe, que tenho educado dois filhos, um rapaz e uma rapariga, que devo portanto ter-me preocupado profundamente com este

complexo e difficil problema de educação moderna, applicado a um e outro sexo. Succede que em geral as mães, as que se occupam d'isto, que infelizmente são bem mais raras do que deviam ser, — têm de lutar com uma dupla difficuldade.

Suggerir aos rapazes que leiam muito ; conseguir das raparigas que não leiam demais.

N'este momento trato apenas do systema a usar com as leituras das raparigas, deixando de parte, para não alongar extremamente o assumpto, a leitura dos rapazes.

Dois caminhos se offerecem ás cogitações da mãe que tem por filha uma rapariga intelligente, curiosa, avida de saber.

Ou escolher com escrupulosa attenção os livros insignificantes de uma litteratura inoffensiva e banal, que nada lhe offereça á imaginação de perigoso, mas que tambem nada lhe dê ao espirito d'esse alimento nutriente e são com que se fórma e se fortalece um caracter, ou então correr um certo risco, e fazer-lhe ler as obras primas de todas as grandes litteraturas, das quaes ella saia tendo conhecido que ha mal, mas tambem tendo sabido aquilatar os supremos requintes do que ha de mais alto e de melhor no caracter da humanidade.

Esta escolha de alimento intellectual para uma criança, depende principalmente da faculdade discriminadora e critica que a mãe possuir. Ha naturezas exaltadas que é perigoso exaltar mais ; ha naturezas apathicas que é mister estimular e sacudir ; ha naturezas

mesquinhas a que é necessario dar a comprehensão do que o homem abriga no seio de mau e de bom, mas de grandioso em todo o caso ; ha naturezas inclinadas ao bem para as quaes tudo é puro ; as mais turvas aguas ao passarem pelo filtro de uma alma pura tornam-se crystallinas.

Portanto, sem me atrever a dar conselhos absolutos em questão de tanta importancia e magnitude, como é a formação e o aperfeiçoamento de uma alma de mulher, direi que na generalidade condemno em absoluto a litteratura banal, a litteratura mediocre, as *bibliothecas côr de rosa* ou *azues* ou *lilaz*, confeccionadas para uso da gente moça, e dando á gente moça uma idéa da vida ao mesmo tempo mediocre e falsa, pequenina e artificial.

A mulher deve ser instruida de modo que possa entender, julgar, aconselhar o homem no seu trabalho e na sua lucta quotidiana com as difficuldades sempre renascentes da vida.

Eu não tenho nenhuma extravagante admiração pela mulher que sabe falar muitas linguas, sendo certo que toda a pessoa, que julga *falar bem muitas linguas*, não sabe falar *acertadamente*, nem pensar *com justeza* em nenhuma.

Já custa tanto saber falar bem uma lingua, isto é, comprehender a accepção justa de cada palavra que se pronuncia, o seu sentido real, o seu sentido symbolico, o que ella suggere de idéas associadas, o que ella plenamente e completamente significa !

Só sabendo assim uma lingua, o que vem a ser o

mesmo que possuir *um instrumento de pensar*, se pôde extrahir do cerebro todas as riquezas incognitas que elle porventura possua. Imagine-se como poderá succeder isto a uma menina cuja vaidade principal consiste — á moda de hoje — em papaguear em allemão, inglez, francez, italiano, etc. A verdade, e sei-o pela observação paciente que d'isto tenho feito, é que a confusão que as mães e os paes põem assim no cerebro de suas filhas, tem consequencias serias na sua vida pratica. Na vida tudo está estreitamente relacionado com tudo: esta maxima deve ser a base de toda a educação racional. Não ha um passo unico que não tenha consequencias, e, seja qual fôr o systema adoptado, elle terá ños factos subsequentes a sua filiação logica e fatal.

Não é, portanto, a pluralidade das linguas faladas, para mim, o signal evidente de uma educação de rapariga perfeita. Mas, nas linguas que ella saiba, que aprenda a ler as melhores obras de arte. Um grande livro não é nunca um livro mau. Um livro mal feito, simplesmente porque é *falso*, pôde ser terrivelmente nocivo.

*

* *

Um grande livro é o que dá á nossa imaginação, não uma copia servil da vida real, mas uma idealisação transcendente de todas as fórmas da vida superior; não

é o que nos mostra o ser humano, no triste e negligente trajar da sua intimidade das horas matinaes ou das horas de doença ou das horas de esquecimento absoluto; mas sim o que nos revellar aquelle typo ideal e verdadeiro ao mesmo tempo, que o homem não realisa nunca e a que aspira sempre, que não traduz completamente, mas ao qual, em certos pontos ou em certas occasiões, elle consegue ascender.

A mulher Grega, por exemplo, não foi o typo ideal da perfeição feminina, mas os melhores poetas da Grecia dão-nos d'ella a idealisação encantadora nas figuras de Andromaca, a esposa e a mãe admiraveis; de Cassandra, a prophetisa sombria que é por assim dizer o symbolo feminino da previsão, da sabedoria, do bom pensar, desdenhado sempre pela grosseria dos homens; de Nausicaa, a linda Princeza que não desdenhava de associar a sua delicada formosura aristocratica aos mais humildes misteres de uma boa dona de casa; de Penelope, a fiel creatura que, por tão longa somma de annos e annos, esperou pelo inconstante e palheiro esposo, preso ora entre os encantamentos subtis de Calypso, ora entre as grosseiras magias de Circe; de Antigonã, a piedosa filha, a piedosa irmã, a virgem forte e austera; de Iphigenia, o cordeirinho paciente, que se deixou immolar, sem uma revolta, ao frio despotismo paternal, e que offereceu em holocausto o seu bello corpo immaculado e gentilissimo ao triumpho, á felicidade do seu povo; de Alceste, a esposa-typo, que morre para que não morra o esposo egoista que a deixa sacrificar-se assim, e que lhe aceita o su-

premo renúnciamto do seu amor, mais forte do que a Morte.

Se uma rapariga lêr os poemas e os dramas, em que esses bellos exemplos, do que foi na antiguidade a mulher ideal, apparecem a par de muitos crimes tremendos, e se essa rapariga fôr ao mesmo tempo intelligente e de indole naturalmente boa, não são os crimes que a attrahirão e que lhe farão mal, são as virtudes, de que tem assim uma revelação superior, que hão de retemperar-lhe o character, enriquecer-lhe o entendimento, ampliar a sua vida moral.

A leitura dos pequenos volumes *à l'usage des jeunes filles* da litteratura franceza, ou mesmo — e estes são dos melhores — os romances feitos por velhas *miss* de caracoés e oculos, para as inglezinhas lerem nos intervallos do *tennis*, não lhes darão, da grandeza a que a mulher pôde attingir, uma ideia comparavel ao que ellas poderão colher — abelhas diligentes e aereas — nos jardins d'esses velhos mestres adoraveis que se chamam Homero, e Sophocles e Euripedes.

E no emtanto essa era a mulher pagã. Ainda o *leite da humana ternura* não tinha então manado em jorros da alma divina de Jesus Christo. Ainda então não havia *humildes* virtudes, que vieram collocar-se ao par das *grandes* virtudes que teve a Antiguidade, completando o cyclo que a alma humana pôde percorrer nos espaços moraes.

Só os grandes escriptores nos sabem dar uma idéa sublime do homem e da mulher; só elles nos podem suggerir nas suas obras immortaes aquella *ancia do*

bem, que é indispensavel para que a vida nos appareça sob o seu verdadeiro e nobre aspecto.

Se na litteratura antiga a mãe tem onde escolher para dar á sua filha a representação idealizada das mais admiraveis virtudes femininas, que fará na litteratura moderna ?

O que é necessario é que ella não leia os livros produzidos por uma falsa Historia, por uma falsa Litteratura.

Só o que é falso é funesto e é corruptor.

Shakespeare, por exemplo, que não é um escriptor moral no sentido restricto da palavra, é o poeta que nos tempos modernos nos deu o mais bello, o mais doce, o mais admiravel typo de mulher.

Porque bem pôde dizer-se que, havendo na sua obra muitos homens — da mais extraordinaria grandeza no crime ou na virtude, da mais extraordinaria variedade no bem, no mal e no entrelaçamento d'estes dois elementos primarios, — em Shakespeare ha sómente uma mulher, e essa é deliciosa.

Não sabe muito essa mulher, mas sente muito: Ama e o seu amor representa e substitue todas as mais faculdades. E' o amor que lhe dá a força, a agudeza, a dedicação, a heroicidade; é o amor que n'ella vence o medo do terrivel apparatus da morte em Julieta, que vence em Desdemona o receio da opinião da sua casta maledicente e ironica; que vence em Porcia a timidez propria do seu sexo; que vence na mãe de Coriolano o instincto poderoso da mãe pela salvação do filho, dando-lhe animo de preferir á sua vida mortal, a honra perpetua do seu nome.

E a mulher moça que lêr Shakespeare respirará esta atmospherá de heroicidade moral feminina, impregnar-se-ha d'este casto perfume de belleza e de ternura, que elle exhala de si, sentirá desabrochar na alma a flôr mysteriosa e pura, alli semeada pelo genio alado do poeta immortal, esse amor intimo da grandeza e do bem, que são para o seu futuro o supremo talisman e a suprema salvaguarda.

*

*

*

Resumindo, pois, á mãi que me consulta eu direi: os livros máos e nocivos para a alma das moças são os que a não estimulam, os que a não fortalecem e tonicam, os que não extrahem d'ella as virtualidades que alli jazem ignoradas.

Os grandes escriptores são aquelles que sacodem a alma do seu entorpecimento, que a chamam energicamente ao combate do bem, como a trompa de caça chama em alegres manhãs de outono o rancho alegre dos caçadores, d'entre a massa densa da floresta, ou do reconcavo dos valles verdejantes, fazendo-o estremecer de jubilosa energia, de vigor animal, instinctivo e poderoso.

Assim como as companhias más ou as companhias insignificantes corrompem ou banalisam o character dos moços, porque não ha nada mais impressionavel e maleavel que uma alma juvenil; assim tambem os livros

falsos ou os livros mediocres são tudo que ha de mais proprio para deformar e empobrecer um entendimento aliás bem dotado.

É isto que eu tenho de responder á minha amavel e graciosa correspondente, a quem agradeço tudo que de bom e de lisonjeiro diz a meu respeito.





O ROMANCE DE LEONARDO
DE VINCI

(A RESURREIÇÃO DOS DEUSES)

POR

DMITRY DE MÉREJKOWSKY

PAIZ extraordinario que é a Polonia!

A poucos annos de intervallo, esta nação vencida, aniquillada sob a ferrea vontade do autocrata das Russias, tem a energia sufficiente para se fazer conhecida e amada na Europa inteira, pela voz dos seus artistas admiraveis, pelos livros dos seus escriptores hoje universaes.

Depois de Henrique Sienkiewicz, o auctor de *Quo Vadis*, eis que apparece agora Dmitry de Mérejkowsky, o auctor da *Morte dos Deuses* symbolisada na historia

de Julião o *Apostata*; e da *Resurreição dos Deuses* representada em maravilhosa synthese na vida de Leonardo de Vinci.

A Europa lê arrebatada as obras d'estes vencidos, e pensa pela primeira vez, que o apparecimento de taes homens n'uma nação, que perdeu a independencia e que se revolta surdamente sob a oppressão, não póde ser um factó isolado, um phenomeno sem cohesão com as leis da Historia; é por força, e fatalmente o primeiro symptoma de libertação de uma raça, pela intelligente cultura que a si propria se dá sem desfal-lecer.

Não é necessario remontar a todas as revoluções feitas por este desgraçado paiz, e que se mallograram, para saber bem quanto elle tem sido opprimido e desgraçado.

Bastam tres factos para dar uma ideia d'esta sina infeliz!

Em 1856, Alexandre II dizia em discurso official aos deputados da nobreza de Varsovia:

«Nada de sonhos vãos! Identificae-vos com a Russia, renunciae a chymeras irrealisaveis de independencia. Tudo que fez meu Pae está bem feito. O meu reino será a continuação do seu.»

Poucos annos depois, seguia-se á insurreição da Polonia inteira o esmagamento d'ella executado por Mouravief, de sombria memoria: aquelle a quem a desgraçada Polonia mutilada, despedaçada, sangrenta, poz o nome do *Carrasco de Wilna*.

Em 1864, Mouravief declarava o russo a *unica* lingua

official; fechava as imprensas e as livrarias polacas, prohibia que se construíssem ou concertassem egrejas catholicas, sem prévia auctorisação.

Mais tarde decretava que a instrucção religiosa só podesse ser ministrada em russo; prohibia a lingua polaca e as letras latinas mesmo na vida particular dos subditos. Tornava delicto punivel pela lei que um negociante respondesse a um cliente em polaco. A lingua polaca, a litteratura latina eram banidas como rés de alta traição.

Os patriotas polacos, suspeitos de sympathia pela insurreição, foram capturados em todos os paizes polacos e degredados em massa para a Siberia, como deportados livres ou como condemnados a trabalhos forçados nas minas.

Uma commissão governativa investida de poder absoluto, foi encarregada de reorganisar a Polonia; e o director teve, como missão especial, *desenraizar* a civilisação latina para a substituir por uma civilisação genuinamente slava.

Depois d'estas medidas violentas, a Polonia tem-se conservado governada pela Russia como uma provincia sua.

Como responde ella porém a este methodo que consiste em desnacionalisa-la dia a dia?

Responde educando admiravelmente as suas mulheres, e a mocidade esperançosa a que ellas dão vida; responde pensando sempre na desforra futura que ha de fatalmente vir; responde escrevendo, na lingua polaca, obras primas que obriguem a Europa civilisada e

a propria Russia usurpadora, a reconhecer a vitalidade, a energia, a intensa capacidade de durar e de progredir, que ha na raça opprimida, esmagada, mutilada mas não vencida!

Este romancista, de quem hoje venho falar aos leitores, menos conhecido que o auctor do *Quo Vadis*, não é porém inferior a este.

Ha no seu talento menos harmonia; ainda que seja tambem a Italia a *alma mater*, que o attrae e como que magnetisa, elle não tem como Sienkiewicz a perfeita proporção, a elegancia e a graça dos contornos que tornam o livro d'este um todo uno e homogeneo.

Mas a verdade é que o seu pensamento é mais profundo, que a sua comprehensão dos grandes factos historicos é mais completa, e que a curiosidade aguda que o leva a investigar as causas e os effeitos, denuncia uma intelligencia mais agil e multiforme. Depois vê-se que o talento d'elle é muitissimo progressivo.

A *Morte dos Deuses*, que é como que uma réplica a *Quo Vadis* e escripto todo n'um espirito de reacção pagã contra as austeridades e as tristezas do nascente christianismo, é bem inferior a este segundo livro que apparece agora, já muito mais completo, muito mais estudado, feito com uma sciencia e uma erudição extraordinarias.

Os dois escriptores polacos completam-se a meu vêr. Sienkiewicz é muito mais artista, Dmitry de Mérejkowski é muito mais intellectual.

Ha em ambos os volumes d'este, pequenos trechos em que se resume uma philosophia inteira e é isto que

não succede a esse pintor magnificante, a esse poeta bellissimo do *Quo Vadis*.

Não sei porque, a Mérejkowsky attraem-no as naturas dubias, em que ha um fundo de mysterio psychologico *insaisissable*, intangivel. É por isso que elle procurou na antiguidade, ou antes nos primeiros tempos do christianismo, a Julião; na Renascença, a Leonardo de Vinci.

Ha qualquer cousa de commum entre os seus dois heroes. Ambos procuram a verdade anciosamente e dolorosamente sem a encontrarem; ambos teem uma intelligencia tão aguda, tão dolorosamente penetrante que param e hesitam, sem a traduzirem em acções ou em obras que correspondam a essa grandeza intellectual. Ambos apparecem no mundo na hora em que duas concepções da vida, contrarias, se entrechocam e luctam, na suprema convulsão do nascimento e da morte.

Ambos são mal interpretados e desconhecidos pelos seus contemporaneos.

No livro de Julião o pensamento é mais vago, mais disperso, mas ainda assim quantas ideias extraordinarias o auctor deixa entrever nos quadros soltos de que se compõe o seu livro :

Vejamos por exemplo esta scena, e digam me se ella não significa muito mais cousas do que aquellas que o auctor graphicamente exprime ali :

Estamos em Athenas, onde Julião professou como frade :

«Julião penetrou na sombra das Propyléas, evitou

Stoa Poichylea e as gravuras de Parrasius, representando as batalhas de Marathona e de Salamina; depois o pequeno templo de Victoria Aptéra, e aproximou-se do Parthenon. Fechando os olhos evocava o soberbo corpo de Arthemisa Caçadora. Abrindo-os, o marmore do Parthenon, á luz do sol, parecia vivo e doirado como o corpo da Deusa. E diante de todos, despresando a morte, quiz enlaçar com os seus braços esse marmore quente, que o sol queimava, e abraça-lo como uma cousa sacrosanta.»

«A alguns passos d'elle, vestidos de escuro, pallidos, severos, estavam dois moços, Gregorio de Naziance e Bazilio de Cesarea. Os hellenistas consideravam-nos como os seus peores inimigos e tinham-lhes mêdo. Os christãos esperavam que os dois amigos fossem algum dia Padres e luminares da Egreja.

Olhavam para Julião.

— Que tem elle hoje? disse Gregorio. Que parecenças tem aquillo com ùm frade? Que movimentos! Como fecha os olhos! Que sorriso!... Acreditas realmente que elle seja piedoso, Basilio?

— Já eu proprio vi como elle chorava e resava na Egreja...

— Hypocrisia!

— Então porque ha de elle vir a nossa casa, porque procura a nossa amisade, e gosta tanto de discutir as Escripturas.

— Escarnece de nós, ou quer seduzir-nos! Lembra-te d'isto, meu irmão, o imperio romano tem n'esse homem um grande mal. E' um inimigo.

.....

Os dois amigos affastaram-se de olhos baixos. As severas cariatides de Erechteon, o azul risonho, o templo branco de Aptéra, as Propyleas, a maravilha do Universo, o Parthenon, não logravam seduzir-lhes o olhar! Não tinham senão um desejo ardente: Destruir, derrubar todos esses antros do demonio. O sol projectava as duas longas sombras dos frades sobre os degráus do Parthenon!»

Como isto é bello. Julião é o paganismo ardente que não quer morrer, mas que se abriga, para defender-se, sob a mascara da hypocrisia. Gregorio e Basilio são o christianismo fanatico que quer destruir, pelo facto, uma civilisação inteira para se realisar na integridade do seu sonho!

Mas não serão tambem estas duas sombrias figuras que projectavam a sombra esguia sobre os marmoreos degráus do Parthenon, alguma cousa de similhante, de quasi igual a outra especie de fanaticos, que hoje espreitam com a mesma sombria e destructiva colera cada um dos templos de Bellesa que a pobre Humanidade reconstruiu a tanto custo, em tantos seculos de labor, para tambem os aniquillarem, para tambem as subverterem em ruinas, com a mira n'um sonho de perfeição, de igualdade, de bem universal, tão irrealisavel nas condições terrestres, como era o outro?

Escreptores que tanto suggerem, que de cada um dos seus quadros fazem surgir uma ideia que se lhes sobreponhã e os illumine, são por força superiores, e merecem ser lidos e meditados.

*

* * *

No 2.º livro intitulado *O romance de Leonardo de Vinci*, a *Resurreição dos Deuses*, o escriptor quer pôr todas as idéias d'aquelle tempo, representadas pelos seus homens typicos. Obedeceu á mesma ideia que o fez escrever *Julião o Apostata*. Assim como no primeiro elle fez de Julião um symbolo, fez no segundo, de Leonardo, o homem mais representativo do seu seculo. Sciencia; arte; philosophia; amor da Natureza; curiosidade aguda dos seus segredos; duvida de tudo; impossibilidade de se cingir a uma ideia só, a um só principio; variedade infinita de pontos de vista; encantamento em frente do bello; especie de terror sagrado em face de eterno mysterio das cousas: eis o que é Leonardo, eis o que foi o seu tempo.

Elle apparece na linha divisoria entre dois periodos distinctos.

No seu tempo a chimica ainda é a illusoria Alchymia, a sciencia astronomica ainda é astrologia; o prazer é ainda só a desenfreada e brutal orgia; a voluptuosidade dos sentidos, o gozo da arte e da belleza é para uns o peccado irremissivel, que leva Savonarola a queimar no grande brazeiro de uma praça publica da sua Florença dementada e hysterica, todas as obras primas da arte antiga; e para outros, como para Ludovico o Mouro, para Alexandre Borgia, para tantos da

mesma especie a mais desenfreada e infame das bachanaes.

O homem sae das trevas da Edade Media, faminto de gozo, n'uma avides infrene de *viver*!

Do passado recente, Vinci tem a concepção de uma castidade ideal e quasi ascetica, do futuro, apenas presentido, elle tem a insaciavel sede de conhecer a Natureza, de a penetrar, de a subjugar, de extrahir d'ella os milagres que fazem da vida moderna um sonho enorme e poderoso. . .

Do seu tempo tem o amor do bello, ainda virginal como uma flôr, cuja semente, longos seculos occulta na terra negra e ingrata, tivesse rebentado em magnificas grinaldas de oiro fulvo ou de purpura sangrenta!

Que ancia o devora, que inquietação o assalta, que melancolia o prostra, que tristeza interior o devasta inconsolavelmente? . . .

A's suas concepções sublimes, inegalaveis, falta a pertinaz vontade de as realisar, que fará de Miguel Angelo um titan fulminado mas vencedor da Morte! . . . falta a espontaneidade graciosa, confiante e feliz, que fará de Raphael um creador de belleza delicioso e infatigavel!

Pensa de mais. Da pintura que é uma arte plastica, limitada pelos seus meios e pelos seus fins, elle quer fazer uma philosophia transcendente.

O seu Christo dirá o que nunca mais disse aos homens, de tristeza infinita e insondavel, o Divino Martyr do Golgotha, ceando entre os discipulos que amou e por um dos quaes foi trahido. . .

A sua Gioconda terá o mysterioso sorriso da moderna Isis, da que sabe, mas não quer revellar o seu segredo eterno . . .

O seu S. João Baptista terá a belleza soberba de um Deus do paganismo, o seu Bacho terá a melancolia enternecida de um sonhador christão! . . .

Homem esphinge, ninguem saberá entende-lo d'entre os seus contemporaneos, e a sua obra incompleta, a sua obra a que elle nunca deu o toque definitivo e final, ficará para servir de thema á perpetua controversia dos que a criticam e tentam explicar!

*

*

*

Tudo isto, muito mais do que isto, está no bello volume do joven romancista polaco.

Perpassam nas suas paginas coloridas, as figuras de Ludovico o Mouro, de Francisco I, de Alexandre VI, de Cesar Borgia, de Machiavel, de Miguel Angelo, de Sanzio, de Botticelli, de Savonarola; e a physionomia deliciosa e dubia, toda mysterio e graça, da Gioconda.

Typos de mulheres da Renascença sorriem, dansam, amam, ou atraçoam. Nas ruas de Milão, de Roma, ou de Florença desenrolam-se as cavalgadas luxuosas, as deslumbrantes procissões guerreiras; a plebe brutal silva ou troveja no odio demente, ou na demente apothese . . .

E tudo isto compõe o livro mais interessante, mais suggestivo, mais capaz de nos fazer penetrar no intimo de uma epocha, tão caracteristica como a da Renascença Italiana, no seu inicio prodigioso, que temos ha muito tempo lido e admirado.





RUDYARD KIPLING

As duas figuras representativas da phase actual da actual Inglaterra são, como já em anterior artigo eu escrevi, na politica Chamberlain, na litteratura Rudyard Kipling. Nem um teria a definitiva influencia que tem tido nos destinos e na orientação do seu paiz, nem outro teria os milhões de leitores que, em toda a «Greater England», devoram os seus livros, se cada um d'elles não tivesse atraz de si o instincto ardente de uma raça dominadora, a vontade imperiosa de uma nação que tende a transformar-se, a alargar-se victoriosamente pelo mundo, que considera sua presa.

Rudyard Kipling nasceu em Bombaim no mez de Dezembro de 1865. Em creança veio para a Inglaterra; mas como se recusasse a passar por uma das suas uni-

versidades voltou de novo para a India onde habitava seu pae, tendo apenas 17 annos de idade. Em Lahore entrou para a redacção de um jornal, onde publicou os seus primeiros contos, mais tarde reunidos sob o titulo de «Plain tales from the hill».

Em Lahore escreveu tambem «The Story of the Gadsby», «In Black and White».

Pelos fins de 1886, a Inglaterra começou a dar fé de que possuia um novo escriptor. Em 1888 Kipling deixou o jornal de Lahore, de onde se tornára conhecido, e depois de viagens na India, na Birmania, na China e na America do Norte, veio finalmente installar-se em Londres, onde escreveu um dos seus livros mais fallados e mais dignos de serem conhecidos, «The light that failed».

Em 92 Kipling casou-se, e logo depois partiu para o Japão e d'ahi para os Estados-Unidos, onde habitou muitos annos e de onde fazia frequentes viagens á Inglaterra. A sua ultima visita foi á Africa Austral. Durante este tempo tem publicado oito ou nove collecções de contos e historias.

Kipling é sobrinho de Burne Jones. Extravagante e inexplicavel parentesco. Burne Jones é o typo do celta, Rüdyard é o typo do saxonio; representa cada um d'elles um temperamento distincto, e ambos são os filhos accentuadamente expressivos de duas raças que muita vez se entrecruzam, que muita vez se separam e que atravez da longa historia da Inglaterra têm conservado puras e intactas as suas qualidades caracteristicas.

A' raça celtica, sonhadora, delicada, de aerea imaginação, de chimerico idealismo, a essa raça cuja transcendente poesia, feita de sortilegio subtil, de graça delicada e mystica, Rénan ergueu um dos mais deliciosos hymnos da sua palavra ondeante, harmoniosa e suggestiva — á raça celtica pertence a alma de tantos poetas que nos encantam na litteratura ingleza.

E' a corrente celtica que atravessa melodiosa e cantante uma das mil almas d'esse homem multiplo que se chamou Shakespeare ; as fantasias d'esse feiticeiro ; as figuras aereas, illuminadas de luar, d'esse creador de almas inexgotavel ; aquellas visões que elle evoca do seio das florestas imaginarias ; aquellas creaturas opalinas que nascem «quando danza ùma estrella» ; quem, senão a musa celtica, fina, ideal, cheia de mysterio, lh'as inspirou ?

Spencer, Keats, Shelley, Tennyson, Burne Jones, William Morris são puros celtas em quem resurge a alma poetica e scismadora e vaga e mystica das extinctas gerações.

Mas a par d'estas almas do sonho, em que tudo é vago e cambiante, como as aguas que correm, como as nuvens que se desfazem, como as neblinas que fluctuam e ora se condensam, ora se diluem no espaço, ha as almas de sombria paixão, as almas de energia e de vontade, de lucta asperrima e de asperrimo desejo, a cuja acção se deve a existência, o desenvolvimento, a duração, a grandeza crescente d'essa creadora de nações que se chama a Inglaterra moderna !

Sem os primeiros, talvez que a esta nação energica,

resoluta, capaz como nenhuma outra de esforço persistente e de triunphante tenacidade, faltasse um dos elementos que a tornam um enyigma sympathico para o espirito do observador, um objecto de attrahente estudo para o psychologo e para o moralista.

Sem os segundos, a Inglaterra não seria a grande nação que a sua energia tem modelado.

Os primeiros dão-lhe a graça mysteriosa de que a sua poesia se reveste, produzindo assim um estranho contraste com a força de que ella se ufana!

Os segundos são os operarios d'esta civilisação unica no mundo, que póde ás vezes desesperar-nos, sem deixar nunca de nós infundir assombro.

Cromwell e Swift, Carlyle e Byron, eis alguns representantes, talvez dos mais caracteristicos, d'essa raça saxonia, cujo fundo original e permanente é o do «Ber-seker», do barbaro orgulhoso, amando freneticamente a morte e o perigo, adorando a conquista, o morticínio, a devastação, e que affrontando as ondas negras do mar do Norte, no seu barco de couro, «viking» terrivel, que mais do que homem parecia um demonio das lendas, veio, meio nú, branco, feroz, de olhos de aço azul, conquistar a ilha britannica e guarda-la para si!

Rudyard Kipling é o descendente d'esse barbaro ébrio de força e de sangue, impulsivo e colerico, amando acima de tudo a acre sensação do perigo mortal, o esforço contra os homens hostis ou contra os bravios elementos.

A alma d'esses selvagens, adormecida tanto tempo, acorda novamente no inglez moderno, imperialista e

sedento de conquista e poder. E para traduzir essa alma, não nova, mas resurgida, era preciso um escriptor que a entendesse bem, que a sentisse vibrar dentro de si, que soubesse percorrer a gamma extensa das brutaes sensações que a fazem palpitar e fremir . . .

Que longe estamos, ao lêr os livros de Rudyard Kipling, d'esses romances que do seculo XVIII ao meiado do XIX foram a manifestação mais bella e completa da alma puritana da Inglaterra e dos seus esforços para disciplinar a sua nativa energia, para canalisar a seiva indomita do seu temperamento barbaro, para suavisar os seus costumes brutaes, para moralisar a educação dos seus filhos, impondo-lhes um ideal de nobreza e de austera virtude!

Eu que tenho um pouco a vaidade de saber entender e ávaliar, nos seus varios aspectos, os mais differentes generos em que póde dividir-se a especie humana, devo confessar que, se admiro a pujança, a força, a brutal expansão de vida, a imaginação concreta e ao mesmo tempo o sonho de allucinado, exacto nos detalhes, «irreal» nas visões evocadas, que tornam Kipling um dos mais poderosos escriptores do mundo moderno — eu que o admiro como um talento assombroso, sinto-me repellida por elle como por um temperamento com o qual o meu não póde ter a affinidade sequer que enlaça o leitor ao livro que lê, o espirito que admira, submissõ ao talentõ que se lhe impõe e o subjuga.

*

* *

Poucos são os livros de Kipling que eu não tenha lido e que me não tenham causado uma sensação ao mesmo tempo desagradavel e profunda.

«The light that failed» (a luz que se apagou) é um dos primeiros que eu li.

Estranha historia que tem um não sei quê de autobiographico. O heróe é um d'estes correspondentes militares que figuram muita vez nos contos e narrações de Kipling. Artista tambem, mas pintor em vez de ser escriptor, foge do civilisado occidente onde a sua personalidade, de uma energia e de uma violencia quasi selvagem, se não sente á vontade, e percorre o Egypto, penetra nos antros mais abjectos de Porto-Said para notar as degradações phisicas, as deformações do typo primitivo produzidas pelos mais variados vicios. Depois, no deserto da Nubia e seguindo as columnas inglezas que repulsam os ataques dos derviches, é o massacre, a chacina, o sangue, as agonias que convulsionam e decompõem, que o seu lapis traduz e prefere com faminta avidez.

Os desenhos que elle man lou do Oriente a um syndicato de jornalistas que os publicaram, dão a Dick Helder a celebridade. E quando rico, tendo-se defendido com a mais extraordinaria agudeza e com a energia mais viva contra os que queriam expolia-lo e explora-lo, elle se julga na vespera de realizar o seu

desejo maior, isto é, de casar com uma rapariga de quem gosta desde a infancia e para a qual tem no meio do amor mais apaixonado, um não sei quê de desdenhoso e de superiormente ironico, muito proprio d'esta especie de homens — Dick percebe que vai ficar cego ! A mulher de que elle conhecia a inferioridade abandona-o, não percebendo sequer a missão divina que lhe era facil cumprir junto d'elle. O orgulho satânico, o orgulho de barbaro saxonio, separa o homem cego da mulher leviana e futil, e Helder, chegado áquelle agudo estado de pessimismo, que faz do desprezo universal a sua arma suprema, acaba por suicidar-se, sem declamações, sem queixas, quasi que sem uma phrase, no silencio stoico que estes temperamentos só são capazes de manter !

E' duro, soberbo e triste este livro, como um bloco de pedra esculpido pela mão nervosa de Rodin.

A obra de Kipling é vasta e conta uma grande quantidade de personagens: soldados, officiaes «civil servants» da India, mulheres de militares das guarnições do Oriente, desertores, aventureiros, facinoras, gente mysteriosa e energica, cujos traços capitaes são a violencia do temperamento e o forte impulso interior que lhe determina as acções.

«O que elle pinta nos seus retratos femininos, diz d'elle um critico sagaz, é a *mulher* ! A mesma, quer seja a grande senhora ingleza, quer seja uma «hindú» de baixa casta ; a mesma, quer seja Ameera, a trigueirinha creada na sombra tepida da «zenana» e cujo nariz é furado por um rubi, quer seja a pequena e pallida

«girl», jogadora de «tennis», que casa com um dos seus heroes; é a «creatura de miragem e de sortilegio», o ser ancestral, «tão cheio de experiencia como a Esphinge e duas vezes mais mysteriosa do que ella».

Como em tão rapido artigo dar uma idéa approximada sequer d'este escriptor, aquelle de "cujos livros hoje se vende em todo o mundo o maior numero de exemplares" aquelle cujo estylo é mais extraordinario pela universalidade technica e pela surprehendente faculdade de visionario ?

N'elle existe em gráo eminentissimo a imaginação concreta que reproduz os factos e o sonho intenso que os magnifica, amplia e transforma !

Kipling é um mestre da prosa, intraduzivel e desesperante pela mestria da factura.

Os seus typos favoritos conhecem a vida no que ella tem de mais voluptuoso e de mais triste. Conhecem a morte, porque a viram ou fizeram morrer. Na sua energia tenebrosa não penetra a luz de uma esperanza; tem sentido quanto á alma humana, tendida até ao seu maximo poder de sensibilidade, é dado sentir.

Estiveram em regiões amaldiçoadas em que á luz torrida de um céo de brazas as fomes devastadoras deitam por terra milhares de cadaveres esqueleticos;

viram reforçar, fuzilar, massacrar dezenas e centenas de homens; sabem o que é o cheiro enjoativo do sangue que se junta em placas gordurosas; conhecem o delirio subito que se apossa do individuo e o leva a matar e o delirio não menos mysterioso que se apossa das massas, ou sejam regimentos ou sejam multidões, e a atira ao massacre como a mais voluptuosa das humanas delicias; conversaram com o brahmane sagrado, com o fakir que ascendeu á sapiencia suprema, com o homem da Asia todo elle subtileza, mysterio e servilismo. A' força de vêr religiões diversas, moraes, estranhas e differentes, multidões de tal modo densas que lembram colossaes formigueiros empestados de acre cheiro, acabam por achar a vida humana uma cousa de vil preço, a moral, a religião, o dever phenomenos accidentaes, estreitamente relacionadas com o «meio» e o tempo em que se localisam e em que duram.

A energia que não vacilla diante do perigo, da desgraça, da miseria, da morte; o orgulho que se não dobra diante da paixão ainda a mais sincera; a vontade que não cede nem aos homens, nem a Deus; o esforço que persevera até quando todas as potencias da terra o incitam ao desespero; a tenacidade de proposito que vence o impossivel; o amor da aventura pela volupia que ella dá ao que a persegue através da Vida e através da Morte; o sonho ardente que vai até ao seu proprio fim, como a flecha vai direita ao alvo; o amor do mando, da conquista, da victoria após o combate, sangrento embora, embora injusto e implacavel: eis o que distingue e caracteriza os personagens de Kipling, os

seus homens de nervos de aço, de egoismo inflexivel, de musculos a um tempo tão rijos e tão flexiveis.

São pois estas qualidades individuaes que elle pinta com a sua linguagem agil, rica, de uma technica incomparavel, a que elle dá ás vezes um fundo de mysterio e de allucinação visionaria, as qualidades que a raça cultivou em si e com as quaes se prepara para a conquista do mundo, ou talvez para uma final e espantosa tragedia, de que sahirá extenuada e vencida, de que sahiremos todos, tendo retrogradado para a barbaria remota de que nos fizeram sahir aquelles que amaram o direito acima da força, o espirito acima da materia, o elemento divino, de que somos o reflexo, acima do elemento animal com que luctamos desde seculos, a consciencia acima do facto, o bem abstracto acima da concreta utilidade!





O DRAMA

DA

«VIDA CONTEMPORANEA»

HA quem diga, lamentando-se amargamente de viver *nos chatos tempos de hoje*, que elles não têm relevo, nem drama, nem poesia!

E' que para certos espiritos é absolutamente indispensavel a perspectiva de uma distancia grande. Para comprehenderem os vastos, os complexos interesses da Vida, é-lhes preciso vêl-os atravez da palavra escrita, do livro, quer dizêr da phantasia deformadora de outros homens.

Não sabem vêr directamente. As imagens, só decompostas pela palavra que as descreve, lhes ferem a retina.

A mim não me succede propriamente isso. A visão directa das cousas interessa-me ardentemente; como Fontenelle entendo que basta a *curiosidade* para dar sabor á existencia humana, e nunca a curiosidade teve tanto em que exercer-se, como hoje.

Um grande espirito portuguez, optimista adoravel, apesar de ter envelhecido na politica activa, Antonio de Serpa, dizia-me uma vez com aquelle sorriso de creança distrahida, que o tornava tão sympathico :

«Uma das cousas que maior pena me fazem de morrer, é não poder saber a solução de mil questões que me interessam, a chave de mil problemas que no futuro se resolverão e de que eu já não posso ser informado.»

E n'isto ha muita verdade. A Vida é interessante por si mesma, como o mais variado, o mais brilhante, o mais *empolgante* dos espectaculos!

Para quem pensa um pouco e trata de se informar, o tempo actual então é de uma intensidade dramatica extraordinaria.

Ao homem, desde que sabe as condições aliás precarias do planeta em que habita, deu-lhe para ter uma pressa enorme em extrahir-lhe todas as combinações, todos os dramas possiveis de que elle póde ser theatro.

D'aqui a rapidez vertiginosa em que estes ultimos dois seculos têm vivido, rapidez que vae em um *crescendo* inverosimil.

Já não ha distancias, já não ha mysterios no fundo dos mares, nem no fundo dos céos!

A luz penetra nos corpos opacos; os sons escutam-

se com as suas *nuances* mais delicadas na distancia de leguas; o pensamento communica-se com a rapidez com que se elabora; os segredos mais impenetraveis da physiologia tornaram-se um livro aberto. O cerebro sabe como funciona, isto é, como pensa; em que ponto particular está localisada cada ordem das suas sensações ou das suas idéas; quantos microbios lhe atacam a vida, quantos lh'a defendem; de que milhões de machinismos infinitamente pequenos, isolados entre si, semelhantes aos de um relógio, de que jogo mechanico complicado e cego depende a mais insignificante das suas operações mentaes, a mais infima percepção dos seus sentidos, o juizo mais elementar sobre o facto mais simples.

E' medonho o capital de sciencia adquirido que enriquece o homem de hoje, se o compararmos ao homem do seculo nono ou decimo, por exemplo, que em tantissimos pontos do globo ainda vegetava isolado e bravo como um animal ou como uma planta; e que em resumidos centros de civilisação elementar luctava pela vida social, a que aspirava talvez inconsciente, preludiando esse sonho de paz, pelas mais cruas invenções de guerra e morticinio.

Mas o contraste de tudo que o homem hoje sabe e de tudo que elle ainda hoje ignora, apesar de tanto progressivo esforço, é muito mais frisante e muito mais poderoso do que no tempo em que elle, pouca ou nenhuma consciencia tinha da faculdade extraordinaria que o leva a progressivamente *saber*, da fatalidade organica que o condemna a eternamente *ignorar*.

As explicações rudimentares ou sobrenaturaes que elle tinha então do Universo, da origem e do fim das cousas, satisfazião-no muito mais do que as mil theorias com que elle julga enganar hoje a sua insaciada sêde.

E até n'este ponto a contemplação do mundo moderno é de um interesse violento! Que contraste de doutrinas! Que riço embate de idéas! Que lucta dramatica entre o velho mundo que expira, mas cujos residuos parece aqui e alli envenenarem o sangue ao vigoroso mundo juvenil que se levanta, animado da mais ardente esperanza, em uma violenta aspiração de felicidade, além da qual se lhe presentem já as decepções profundas, as amarissimas tristezas da inevitavel desillusão que espera quanto é humano! . . .

Aqui fere-nos a vista e desnorteia-nos a razão um mysticismo morbido, alliado em arte, em litteratura, em moral, a quanto ha de mais depravado e de mais perverso, tentando propagar-se pelas fórmulas bysantinas do seu culto, pelo esoterismo do seu ritual, arrastando na sua corrente perturbante e glauca, — a par de flôres venenosas que nem classificar se deve — almas virginaes e ingenuas que se lançam, como Ophelia, coroadas de pallidos nenufares ás turvas aguas que as arrastam. . .

N'aquelle outro ponto, creaturas de bondade, de justiça e de fé, crentes sinceros da mais pura doutrina, tentando em um chimerico esforço fazer parar o Homem sacrilegamente ousado na sua tarefa cyclopica de escalar o céu e de lhe roubar os segredos mais reconditos; tentando persuadil-o que ha limites *que elle*

nunca poderá transpôr e que melhor seria retroceder a tempo, antes do castigo que fulmina os Prometheus, antes que o esfaimado abutre da Duvida lhe tenha devorado o coração e se tenha nutrido das suas entranhas palpitantes; tentando suggerir-lhe com doces palavras pacificadoras e calmantes o bom que é adormecer na Tradição e na Fé, na Tradição que é a experiência accumulada de milhares de gerações, na Fé que é o suave travesseiro em que dormiram longos somnos de paz os nossos remotos, os nossos fortes avós.

*

* *

No ponto contrario a este, em que lidam, semeando muito e colhendo pouco, os operarios incansaveis da religião revelada — e em que a um canto dá a sua venenosa flôr um mysticismo doentio, cujo prolongamento extremo e cuja raiz atormentada se vae ao longe entrelaçar na arvore maldita do occultismo, — olhem com attenção e verão agrupados, cochichando convulsos segredos, os adeptos sombrios de uma religião de morte, que votou á sociedade e á civilisação o odio destructivo do selvagem, que nada lhe reconhece de bom e que aspira á chimera nefasta de a anniquilar de um sopro, em uma chamma sanguinea de incendio, em um clamor de explosão, em um cataclysmo de que nada sobreviva de pé!

No espaço que medeia entre as duas doutrinas extremas — a da acceitação de todas as miserias e a da anniquilação de todas as iniquidades — que multiplas theorias, que enxamear de sonhos, que entrelaçamento de chimeras, que pullular tumultuoso de pensamentos e de factos!

Na Germania sombria das florestas e das lendas, — em cujo ceu nublado passa a cavalgada aerea das Wal-kyrias desgrenhadas, — o sonho de um Cesarismo de *direito divino* atravessa a frente pensativa do louro Imperador, de capacete de aço emplumado de azas brancas, ao tempo em que sob o terreno miñado do seu moderno Imperio, que só a vontade dos homens produziu, o socialismo formidavel, instruido, crente, afia as armas multiplas e educa os cerebros afinados para a grande batalha que vae ferir-se e em que o futuro vencerá, porque assim como as aguas de um rio nunca recuam, assim não retrogradam as correntes historicas, assim não perde terreno o pensamento que o galgou...

*

* *

Na perspectiva da proxima peleja, cujos exercitos aguerridos já podem distinguir-se nos respectivos acampamentos, o infindavel imperio moscovita apparece aos olhos da Europa, que o não percebe, como um irritante enygma em que tudo é extranho e sombrio!

Aquella enorme massa anonyma que um só fanatismo anima, o do Tzar, aquella força virgem já contaminada pelos germens de indefinivel corrupção, aquelle illuminismo que ora se ajoelha, ora mata, igualmente somnambulo, no extase ou no assassinio, aquelle reservatorio profundo, insondavel, inexgotavel de energia, de vida e de fé, espanta-nos como um anachronismo, attrahe-nos como um mysterio, repelle-nos como uma aberração.

*

*

*

E enquanto uma raça extraordinaria se está preparando, no silencio e na sombra, para cumprir a sua missão historica, ainda incerta mas já possivel de antevêr, a bella raça latina, a gloriosa, a encantadora, a que teve a graça de Ovidio, a melancolia de Virgilio, o sorriso de Horacio, a voz de Cicero, a espada de Cesar, a que manejou o pincel de Vinci e o escôpro de Angelo, a que fez eccoar no mundo o lamento do Dante, a tuba epica de Camões, o riso doloroso de Cervantes e de Molière, a inspiradora de Hugo e de Corneille, a amorosa mãe de Petrarcha e de Lamartine — chegada ao cabo de uma longa via-dolorosa, exhala para o Ceu o olhar de queixa e de tristeza, de divina resignação e de mortal saudade, que no *Spàsimo* de Raphael o olhar enternecido descortina no doce olhar de Jesus. Vae morrer como raça dominante; mas que

legado immenso ella deixa á humanidade inteira! Vae ser crucificada em nome da força triumphante, mas que imperio luminoso, ideal, infinito, eterno, ella se immollou para conquistar, e será dividido como a tunica de Christo entre os que lhe succederem na vasta scena do mundo!

*

* *

Na Europa é este o spectaculo esplendido, de uma intensidade dramatica nunca presenciada até aqui, em tão curto espaço de tempo.

Na America não é menor o interesse do que vemos desdobrar-se ante o nosso olhar attento. Um mundo em ebullição, um mundo em formação cosmica, rico ao mesmo tempo da energia da mocidade e da experiencia da velhice, está tentando realizar-se e fazendo da Democracia, não um sonho de visionarios, mas um facto tangivel com que o globo tem que contar.

A America do Norte, o Brazil, que dois enormes pontos de interrogação! que ricos embryões de uma grande cousa que só se entrevê, que será toda luz, justiça, igualdade e bem, que será a realisação de um sonho que a Europa sonhou tarde de mais para ter ainda em si a energia creadora que lhe desse vida e ser!

*

* *

Estes são os grandes planos do scenario ; n'esta *mise en scene* pittoresca e grandiosa agitam-se ou agitavam-se ainda ha pouco personagens dignos d'elle !

O primeiro — à *tout seigneur tout honneur* — é esse quasi divino velhinho chamado Leão XIII, a quem a Egreja Catholica deve um periodo de incontestada reflorescencia, um *verão de S. Martinho*, cheio de sol, de calor e de fecunda inspiração ! O seu arrojado esforço para reconciliar a Egreja e o mundo, a sua sublime cruzada em favor do operariado miseravel, a sua influencia pacificadora e grandiosamente tolerante, a sua paternal compaixão pelos humildes e pelos opprimidos, o seu amor da paz no seio de Jesus Christo — são das mais bellas coisas que o mundo moderno tem visto.

Além o prostrado colosso que se chamou Bismarck, o Nemrod das Markas do Brandeburgo, que morreu sob as arvores tristes do seu exilio de Friedrichsruh, depois de ter percorrido no espaço uma orbita flamejante, depois de ter ensopado em sangue o sólo da Europa, de ter feito um grande imperio uno de uma nação fragmentada, depois de ter affirmado a hegemonia da Prussia-caserna, sobre a Allemanha, — laboratório e cerebro, — depois de ter jogado com o Destino uma partida collossal, de que não gosou *pessoalmente* o triumpho, porque não soube morrer logo depois de concluida a sua obra.

E Gladstone, o nobre liberal, ó servidor de todas as grandes causas, o apaixonado de todos os grandes ideaes, que tanto concorreu até pela acção negativa que ás vezes exerceu para o triumpho d'essa democracia ingleza, pratica, legalista, hoje em plena maré, em plena força ascendente, mas que nos processos e nas intenções seria *desavouée* pelo grande estadista morto, que a não quiz nem sonhou imperialista, feroz, para os humildes.

*

*

*

Phantasma sobrevivente a um regimen morto, o velho Imperador da Austria parece — na scena que se desdobra — concentrar em si, Agamemnon dos modernos thronos, todas as catastrophes, todas as fatalidades que o olhar sombrio de Eschylo celebrou na condemnada familia dos Atridas.

Contar a sua vida seria evocar todas as desgraças que podem anniquilar um soberano e um homem.

A ultima das catastrophes que parece coroar em uma sombria apotheose a sua carreira tragica, é a morte pela lima triangular de um anarchista, d'essa inoffensiva e romanesca imperatriz de lenda, pallida e esbelta figura inquieta, errante, coroada por um diadema *ideal* de saudades e de murchas rosas, e que, no testamento em que deixou o estigma das chagas que lhe devoravam o coração desilludido, pede para ser en-

terrada em um tumulo que o mar beije e emballe eternamente, para que esse murmurio eterno que adormenta, adormeça tambem n'ella a dôr do seu sonho de perfeição e de amor logo trahido, a dôr que tão longamente em vida a torturou . . .

Só Heine, o poeta querido da Imperatriz Isabel, seria capaz de dizer na sua lingua alada, em que ha perolas de ether e laivos de sangue vivo, a angustia que ella sentiu ao ver frustrado o seu sonho de Amor, a ironia amarga que fez d'ella uma especie de eterna errante atravez da ingrata e cruel Vida! . . .

Morremos no dia em que deixamos de querer viver, disse ella uma vez não sei a que alma capaz de entendel-a.

Ha quanto ella tinha morrido então, quando o estúpido fanatico do mal a livrou da sua inquieta agonia! . . .

*

*

*

Na revista incompleta de acontecimentos, de idéas, de figuras, que o nosso tempo vê mover-se, não dou senão os lineamentos da gigante scena, as *silhouettes* de alguns dos seus personagens mais representativos.

Não falo sequer n'essa China que a Europa está desmembrando e violando, n'essa Africa tenebrosa, que os *peoneiros* da civilisação tratam de explorar vertiginosamente; da guerra de raças que recomeça a

Edade média; da guerra de classes que recomeça a Revolução.

Quantas coisas deixei de apontar sequer, que de elementos importantes tive de eliminar, que de factores energicos passei em claro!

Escrevi, porém, estas palavras rapidas em resposta a tantos que dizem não ser interessante, nem bello, nem dramatico o tempo em que vivemos.

Quem tal disser é que não sabe ver as coisas senão atravez dos livros que as descreveram de longe.



INDICE

PRIMEIRA PARTE

	Pag.
Eça de Queiroz.....	1
D. Antonio de Lencastre.....	23
Thomaz Ribeiro.....	37
Antonio de Serpa Pimentel.....	49
Uma Figura Antiga (A Condessa da Ponte).....	59
Antonio Ennes.....	63
O Conde de Daupias.....	73
Eduardo Prado.....	83
Oliveira Lima (Impressões Politicas e Sociaes).....	103

SEGUNDA PARTE

A Excommunhão de Tolstoi e a sua doutrina.....	115
«Quo Vadis» (Sienkiewicz).. ..	125
Lord Rosebery (The last Phase of Napoleon).....	135

	Pag.
O Romance de um Fanatico.....	149
Hall Caine (O Christão).....	161
Balsac (A proposito do seu centenario).....	171
Georges Sand.....	181
Cyrano de Bergerac, por Edmond Rostand.....	191
Mathilde Serao.....	203
Gabriele d'Annunzio (Il Fuoco).....	211
Carlota Brontë.....	225
Inquerito ás mulheres célebres.....	237
A influencia da America na Hespanha e no Mundo.	247
A mulher de hoje e o casamento.....	257
Leitura para raparigas.....	265
O romance de Leonardo de Vinci.....	275
Rudyard Kipling.....	287
O Drama da Vida Contemporanea.....	297



1870
1871
1872
1873
1874
1875
1876
1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900

9-1-03

